

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP)
Departamento de Relações Públicas, Publicidade e Turismo (CRP)
Cultura Material e Consumo: Perspectivas Semiopsicanalíticas

JULIA SPOHR REINHARDT

MAPEANDO VOZES NÃO BINÁRIAS NAS REDES SOCIAIS

São Paulo

2021

JULIA SPOHR REINHARDT

MAPEANDO VOZES NÃO BINÁRIAS NAS REDES SOCIAIS

Monografia apresentada ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em cumprimento parcial às exigências do Curso de Pós-Graduação-Especialização, para obtenção do título de especialista em “Cultura Material e Consumo: perspectivas semiopsicanalíticas”, sob orientação do Prof. Ms. Clayton Policarpo.

São Paulo

2020

REINHARDT, Julia S. **Mapeando vozes não binárias nas redes sociais**. 2021. Monografia. (Especialização em “Cultura Material e Consumo: perspectivas semiopsicanalíticas”) - Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores e a coordenação do curso de pós-graduação Cultura Material e Consumo: perspectivas semiopsicanalíticas, por proporcionarem um espaço de concordância e discordância que me fez finalmente bancar o desejo pelos estudos de gênero.

Agradeço imensamente ao Prof. Ms. Clayton Policarpo, por sua constante disponibilidade e apoio desde a busca por referências, pesquisa, entrevistas até as articulações de ideias. Sua orientação foi sempre leve e cuidadosa.

Agradeço à Prof^a., colega e amiga Carolina Zatorre por me apresentar, anos atrás, as primeiras leituras que levariam a este trabalho, pela coorientação e pelo acolhimento frente a qualquer demanda.

Agradeço à Cice, que corrigiu essa monografia com excelência e carinho não binarie.

Agradeço também as pessoas entrevistadas nessa monografia que se dispuseram a compartilhar suas vivências. Todas as trocas foram (trans)formadoras. Ouvi-los me reassegura de que não é com coragem que se faz revolução, mas com vulnerabilidade.

Por fim, agradeço ao leitor que decidiu dar uma chance a um texto das margens, dentre tantas possibilidades “centrais”. Se algum parágrafo ou entrevista soar libertador ou gerar incômodo, torço que você investigue se este mapa não é também seu.

“Na verdade, o que me parece bastante evidente é que nós somos o rio. A cisheteronormatividade branca que é a margem. A margem é que é estática. A margem que não muda. A margem que é violenta. Já diria Brecht, todo mundo fala das águas violentas de um rio, mas ninguém fala das margens que o comprimem, que o constringem. [...] Nós somos essas pessoas fluviais”.

Dani Lu para o canal Ma&Prosa, de Ma Reis

“Penso, logo existo. Penso, penso, penso. Eu existo. Mas se eu não digo, dizem por mim. Definem assim: não existe. Até existo... em outro formato. Existo... em outra concepção. [...] Dá até pra existir em silêncio, mas não vai ser legítimo. Calar o meu íntimo, para agradar seu confortável lugar cisgênero que só me cansa, não me alcança e não me brinda. [...] Eu penso, logo existo. Mas quando eu falo, eu existo mais ainda”.

Jupi77er em vídeo para seu Instagram

RESUMO

Com o objetivo de mapear as não binariedades, vivências que se localizam fora dos polos feminino ou masculino e que nascem em um contexto pós-moderno, esta monografia propõe delinear um panorama acerca do tema, a partir da recuperação de estudos de gênero e da realização de entrevistas, por meio de uma metodologia qualitativa exploratória semiestruturada, com dez pessoas que se autodenominam não binárias nas redes sociais. Agrupadas em pontos de similaridade e contraste, as entrevistas são analisadas a partir de teorias que as precede: uma análise bibliográfica histórica desde a gênese do capitalismo e da caça às bruxas – um ataque estratégico às mulheres, cuja força precisava ser domada e direcionada ao trabalho não assalariado em tempo integral da casa e da (re)produção familiar –, até a influência dos regimes soberano, disciplinar e farmacopornográfico – quando a sexualidade e o gênero foram atrelados a uma série de opções de consumo, que contribuem para a manutenção de uma ordem binária e alinhada do sexo, gênero e desejo. Com as leituras contemporâneas do (Trans)feminismo e dos Estudos *Queer* são questionados alguns dos apegos e limitações remanescentes, nos âmbitos da teoria e da militância, às definições dicotômicas e excludentes de “macho” e “fêmea”, “homem” e “mulher”, “heterossexual” e “homossexual”, “transexual” e “intersexual”. Através deste mapeamento, busca-se contribuir para a compreensão destas identidades dissidentes, ou (não)identidades, que, na assimilação da descentralização, da fluidez e até da contradição, colocam à prova os modelos normativos de gênero e sexualidade.

Palavras-chave: Não binário. Dissidência de sexo-gênero. Consumo imaterial. Redes sociais. Feminismo. Estudos de gênero. Estudos *Queer*.

ABSTRACT

Focusing on mapping non-binary identities, experiences located outside female and masculine poles and that appear in postmodern context, this monograph works to outline an overview of the theme, from the recovery of gender studies and the conduction of interviews, through a qualitative semi-structured exploratory methodology, with interviewees who presented themselves as non-binary in social media. Grouped into points of similarity and contrasts, the interviews were analyzed based on the theories that precede them: a historical bibliographic analysis from the genesis of capitalism and the witch-hunt – a strategic attack on women, whose strength needed to be domesticated and directed to the unpaid full-time work of home and family (re)production – including the influence of sovereign, disciplinary and pharmacopornographic regimes – when sexuality and gender were linked to a series of consumption options, which contribute to the maintenance of a binary and aligned order of sex, gender and desire. Through contemporary readings on (Trans)feminism and Queer Studies, remaining attachments and limitations to the dichotomous and excluding definitions of “male” and “female”, “man” and “woman”, “heterosexual” and “homosexual”, “transsexual” and “intersexual” are questioned in the spheres of theory and militancy. Through this mapping, it is sought to contribute to the understanding of these dissident identities, or (non)identities, which, in the assimilation of decentralization, fluidity and even of contradiction, contribute to challenge normative models of gender and sexuality.

Keywords: Non-binary. Sex-gender dissidence. Immaterial consumption. Social media. Feminism. Gender studies. Queer studies.

RESUMEN

Con la finalidad de mapear las identidades no binarias, experiencias que se ubican fuera de los polos femenino o masculino y que nacen en un contexto posmoderno, esta monografía propone bosquejar una visión general de la temática, a partir de la recuperación de estudios de género y de la realización de entrevistas, por medio de una metodología cualitativa exploratoria semiestructurada, con diez personas que se autodenominan no binarias en las redes sociales. Agrupadas en puntos de similitud y contrastes, las entrevistas se analizan a partir de las teorías que las preceden: un análisis bibliográfico histórico desde la génesis del capitalismo y la caza de brujas – un ataque estratégico a las mujeres, cuya fuerza necesitaba ser domesticada y dirigida al trabajo no remunerado de la casa todos los días y a la (re) producción familiar –, la influencia de regímenes soberanos, disciplinarios y farmacopornográficos – cuando la sexualidad y el género estaban vinculados a una serie de opciones de consumo, que contribuyen al mantenimiento de un orden binario y alineado a sexo, género y deseo. Con las lecturas contemporáneas del (Trans)feminismo y los Estudios Queer, son cuestionados algunos de los apegos y limitaciones restantes, en las esferas de la teoría y la militancia, a las definiciones dicotómicas y excluyentes de “macho” y “hembra”, “hombre” y “mujer”, “heterosexual” y “homosexual”, “transexual” y “intersexual”. Por medio de este mapeo se busca contribuir a la comprensión de estas identidades, o (no) identidades, disidentes, que, en la asimilación de la descentralización, de la fluidez e incluso de la contradicción, ponen a prueba los modelos normativos de género y sexualidad.

Palabras clave: No binario. Disidencia de sexo-género. Consumo inmaterial. Redes sociales. Feminismo. Estudios de género. Estudios Queer.

SUMÁRIO

SUMÁRIO	5
1 INTRODUÇÃO	7
2 A IDENTIDADE MODERNA E O QUE ACONTECEU DEPOIS	11
2.1 A obsessão com o corpo	12
2.2 A caça ao “poder” feminino	16
2.3 A contradição cartesiana	20
3. A INCORPORAÇÃO DO GÊNERO	22
3.1 A invenção e patologização da homossexualidade	25
3.2 A incorporação da tecnologia de gênero	34
4. A TOMADA DE CONSCIÊNCIA FEMININA, <i>QUEER</i> E NÃO BINÁRIA	41
4.1 A “questão feminina” passa a ser a estrutura	41
4.2 As identidades para além do binário	54
4.3 As não definições	57
4.4 As vozes não binárias	60
4.5 As contraficções e as identificações	62
5. ENTREVISTAS E ANÁLISE	64
5.1 A internet “em campo”	68
5.2 Agrupamentos possíveis	71
5.2.1 Gênero	71
5.2.2 Pronomes	72
5.2.3 Nome	74
5.2.4 Retificação do nome social	75
5.2.5 Primeiro contato com a dissidência de gênero	76
5.2.6 Segundos contatos e o que aconteceu depois	78
5.2.7 Não-binariedade enquanto afirmação política	80
5.2.8 Querer “voltar atrás”	81
5.2.9 O tempo da identificação não-binária	82
5.2.10 Corpo	82
5.2.11 Expressão artística	84
5.2.12 Sexualidade	85
5.2.13 Rede sociais	86

5.2.14 Continuando a conversa	87
5.2.15 Receptividade e identificação	88
5.2.16 Repetição do tema	89
5.2.17 Comentários de ódio	91
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	95
APÊNDICE	104

1 INTRODUÇÃO

De acordo com os blogs *Genderqueer and Non-Binary Identities* e *Orientando*, e com autores como Reis e Pinho (2016), Belém (2020) e Knudsen (2021), bem como em uma das edições do Caderno Globo (2017) dedicado ao tema gênero, as identidades não binárias, assim como as identidades transgêneras, também transgridem a imposição do alinhamento sexo-gênero – pênis-homem e vagina-mulher –, categorização atribuída à criança em seu nascimento pela pessoa médica a partir de uma constatação que considera o aspecto visual do genital daquela. As identidades trans e não binárias, portanto, questionam essa primeira “operação” abstrata de atribuição de sexo e seu alinhamento com o gênero e o desejo cis-heterossexual¹ (PRECIADO, 2014, p.128). Contudo, as pessoas não binárias questionam não apenas a decisão médica, a primeira operação que constitui os sujeitos, mas os próprios polos binários (mulher e homem), ultrapassando seus limites, fluindo em diversos pontos da linha que os liga, ou ainda, se distanciando e negando a mesma (REIS; PINHO, 2015). Dessa forma, podemos entender a não binariedade menos como uma identidade fixa e mais como uma “não identidade”, em constante experimento com linguagens, nomes, expressões de gênero e modificações corporais.

Diferentemente de alguns povos originários que já reconheciam pessoas de um terceiro gênero ou de gêneros fluidos, como os nativos americanos “*two-spirits*”, por exemplo, a sociedade europeia e a cultura que foi imposta nas colonizações via a sexualidade e o gênero de formas rígidas (REVISTA NATIONAL GEOGRAPHIC, 2017). Assim, quando termos como “*genderqueer*”² e “não binário” aparecem eles soam novos e até “modernos”. De fato, enquanto a manifestação não é nova, os termos datam dos últimos anos. O Google Trends, ferramenta do Google que reúne a frequência de buscas por um determinado termo, mostra que “*non binary*” tem um aumento no número de pesquisas por volta de 2014, atingindo um pico de popularidade em maio de 2021³. Já “*genderqueer*”, cuja origem é anterior e está relacionada ao movimento feminista e *queer* dos anos

¹ O termo “cis-heterossexual” representa os regimes tradicionais cisgênero e heterossexual. Heterossexual se refere a orientação sexual pelo sexo ou gênero oposto. Homossexual, por sua vez, a pessoas que desejam ou se atraem, emocional ou fisicamente, por pessoas do mesmo sexo ou gênero. Já transgênero se refere a pessoas que autodeclararam uma identidade de gênero diferente ou complementar daquela atribuída ao nascer e cisgênero, a pessoas que se reconhecem com o gênero ao qual foram designadas ao nascer (CADERNO, 2017). De acordo com Brune Bonassi (2017), a criação do termo cisgênero está na química: “na bioquímica a isometria cis designa ligações de átomos iguais dos dois lados em relação aos carbonos da dupla, trans designa ligações de átomos em posições diferentes.” (BONASSI, 2017, p.23). Megg Oliveira completa percebendo que as moléculas da química orgânica são, contudo, imprevisíveis. Assim como as subjetividades humanas (OLIVEIRA, 2020, p.29).

² Termo que engloba identidades de gênero que não são “nem de homem nem de mulher” (CADERNO, 2017).

³ Disponível em: <<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&q=non%20binary/>>. Acesso em 07 set 2021.

70 e 80, tem frequência de pesquisa desde 2004⁴, quando a ferramenta foi ao ar, o que impede afirmar com precisão o início de seu aparecimento.

A internet e as comunidades online por identificações têm permitido que mais pessoas encontrem palavras para descrever a forma como se sentem em relação a si mesmas. Por meio das redes sociais e sua possibilidade de geração de conteúdo, estas pessoas encontram espaço para narrar as suas próprias histórias. Procurando acompanhar essa explosão de histórias não hegemônicas, as mídias tradicionais, como a televisão, começam a refletir o aparecimento desta identidade, veiculando reportagens sobre seu reconhecimento como “sujeitos de direito” pelo Estado, sua participação em competições como os Jogos Olímpicos, em eleições políticas ou ainda, em história de personagens infantis que afirmam suas identidades dissidentes.

Contudo, em alguns ambientes as identidades não binárias ainda aparecem pouco. Este trabalho nasce de uma inquietação pessoal do autor: da dificuldade em encontrar pesquisas sobre identidades dissidentes, em específico as não binárias e, ao encontrar, observar que não são escritas a partir de vozes que experimentam elas mesmas a não binariedade. Dessa forma, abre-se um parêntese na utilização da terceira pessoa para marcar quem fala neste trabalho: (apesar de assinar meu nome como Julia, prefiro que me chamem de Ju. Sou uma pessoa não binária, sem preferências de pronomes e bissexual. Minha pele é branca, tenho 30 anos, sou classe média e, apesar de ter nascido no estado Rio Grande do Sul, já faz alguns anos que chamo São Paulo de casa. Atualmente moro no bairro Saúde, com a Tapioca, meu vira lata caramelo e uma quantidade considerável de plantas). Assim, faz-se nesta monografia, um mapeamento *a partir e para* as pessoas de identidades não binárias, disseminando o termo e buscando trazer o conforto de que pessoas que sempre se sentiram fora da norma não estão sozinhas.

É importante destacar que isto não significa que apenas pessoas não binárias possam falar sobre suas experiências de gênero, mas que é importante que mais pessoas não binárias tenham acesso à universidade e ambientes de acolhimento para que se sintam encorajadas a também falarem sobre suas vivências e suas inter-relações com raça, classe social, orientação sexual, idade, local onde vivem e acesso à tecnologia. Conforme reflete Djamila Ribeiro (2017) em *O que é lugar de fala?*, todas as vozes podem falar, é preciso que mais vozes falem e, principalmente, que quem fale, perceba que o lugar que ocupa não é neutro e que precisa ser colocado no discurso.

⁴ Disponível em: <<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&q=%2Fm%2F01n86g>>. Acesso em 07 set 2021.

Um dos equívocos mais recorrentes que vemos acontecer é a confusão entre lugar de fala e representatividade. Uma travesti negra pode não se sentir representada por um homem branco cis, mas esse homem branco cis pode teorizar sobre a realidade das pessoas trans e travestis a partir do lugar que ele ocupa. Acreditamos que não pode haver essa desresponsabilização do sujeito do poder. [...] Se existem poucas travestis negras em espaços de privilégio, é legítimo que exista uma luta para que elas, de fato, possam ter escolhas numa sociedade que as confina num determinado lugar, logo é justa a luta por representação, apesar dos seus limites. Porém, falar a partir de lugares é também romper com essa lógica de que somente os subalternos falem de suas localizações, fazendo com que aqueles inseridos na norma hegemônica sequer se pensem. (RIBEIRO, 2017, p.46)

Como proposta metodológica, a pesquisa é organizada em três capítulos de análise histórica que compreendem o nascimento da identidade moderna unificada até o seu declínio na pós-modernidade, ou modernidade tardia, com a identidade plural e descentralizada (HALL, 2019). No primeiro capítulo é recapitulada a passagem do feudalismo para o capitalismo a fim de expor como a discriminação contra as mulheres não é, como coloca Federici (2017), um legado pós-moderno, mas sim um pilar fundamental e violento sob o qual se estabeleceu o mundo como se conhece hoje. Através da recapitulação desse momento e do pensamento cartesiano, observados sob a ótica feminista, é possível verificar como as mulheres foram silenciadas, ao longo dos anos, pela igreja, pelo Estado e pela burguesia. A obsessão com o corpo e a caça às bruxas são abordadas como as principais evidências de uma violência silencializadora.

No segundo capítulo, a partir de Foucault (1999), é recapitulado o processo de controle e incitação sobre as práticas sexuais até o século XVII e, posteriormente, sua gestão biopolítica. Nesse sentido, destaca-se um ponto estratégico de saber e poder, sobre o qual é feita uma análise mais profunda: a psiquiatrização dos prazeres ditos perversos. Por meio da análise de Preciado (2014; 2018a; 2018b) sobre a psiquiatrização do sexo anal, da invenção da diferenciação sexual, da hétero e da homossexualidade, do gênero e da transgeneridade, e dos investimentos massivos na indústria do sexo-gênero no pós-Segunda Guerra Mundial, é apresentada a “era farmacopornográfica”, regime que Preciado (2014; 2018a; 2018b) sugere como uma sobreposição aos regimes observados por Foucault (1999). As farmacopornografias seriam novas possibilidades de controle, ingeríveis, e que transformam a própria subjetividade em produto. Porém, tais tecnologias incorporáveis também chamam atenção para como o próprio corpo é, em si mesmo, um espaço de revolução.

No terceiro capítulo, a partir de diferentes frentes do pensamento feminista, é identificado o momento em que esse movimento político percebeu que o sexo, assim como o gênero, precisava

ser questionado, pois a naturalização das diferenças sexuais autoriza a inferiorização da mulher e das pessoas *queer*⁵ (PRECIADO, 2018a). Os Estudos *Queer*, abordados principalmente a partir de Butler (2002), Preciado (2011; 2014; 2018a, 2018b; 2020a, 2020b), De Lauretis (2019), Bento (2006) e Bourcier (2021) e o Transfeminismo, a partir de De Jesus (2014a, 2014b), são expostos a fim de localizar o feminismo atual em suas interlocuções com as identidades não binárias. Ao final é apresentado a forma como as redes sociais têm possibilitado que essas identidades fluam para além dos seus locais físicos de origem e contem suas próprias histórias.

No quarto capítulo as entrevistas são apresentadas em seus contornos etnográficos, a partir de Hine (2015), Given (2008), Velho (1987; 2003) e Da Matta (1978). As entrevistas foram conduzidas de forma individual e online com pessoas não binárias de 18 a 42 anos e as análises, são feitas por pontos de similaridade encontrados, trazendo citações dos entrevistados em suas próprias palavras. Também é um momento de contraste da teoria com a vivência. Por meio das entrevistas busca-se entender o papel do digital nos processos de desconstrução e reconstrução identitária vivenciado por essas pessoas.

Esta pesquisa não se justifica, assim, por dar voz às pessoas não binárias, pois elas existem e, contrariando a norma cis-heterossexual e indo além das mídias tradicionais, encontram formas de afirmar sua existência e de acolher pessoas que também sintam que sua identidade humana não se baseia em um “sistema de visibilidade, de representação, de concessão de soberania e de reconhecimento político” binário (PRECIADO, 2020b, p.27). Em um momento em que as questões relacionadas ao gênero têm adquirido destaque na mídia, na publicidade e na cultura, um estudo acerca da representação de pessoas não binárias na rede pode contribuir, então, para uma maior compreensão sobre o papel das tecnologias comunicacionais, os efeitos de seus avanços e as possibilidades que daí emergem, como as trocas que são proporcionadas e na reunião de pessoas por redes de identificação.

2 A IDENTIDADE MODERNA E O QUE ACONTECEU DEPOIS

⁵ “*Queer* o quê?”: frente à essa pergunta, Berenice Bento (2014), em entrevista para a Revista Cult, comenta que o estranhamento ao termo estudos “*queer*”, que abrem “espaço para uma práxis epistemológica que pensa novas concepções de humanidade”, entre os falantes da “língua brasileira”, a fizeram substituir a palavra por “estudos transviados” (BENTO, 2014). “A minha língua tem que fazer muita ginástica para dizer *queer* e não sei se quem está me escutando compartilha os mesmos sentidos. Ser um transviado no Brasil pode ser ‘uma bicha louca’, ‘um viado’, ‘um travesti’, ‘um traveco’, ‘um sapatão’.” (BENTO, 2014). O termo *queer*, assim como os estudos que compartilham deste nome, serão retomados no capítulo 4.

As identidades⁶ não binárias se situam em um momento histórico no qual é possível dizer que ocorre uma descentralização e declínio do “indivíduo unificado”. A este momento, Stuart Hall (2019), em *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, dá o nome de pós-moderno ou de modernidade tardia. Mas, para que esse sujeito⁷ perceba que as “costuras” que o suturam ao mundo são ficções culturais bem menos lineares ou resolvidas do que pensava, ele já sentiu, em algum momento, que essas identidades eram unificadas e fixas, ou melhor, “naturais”.

Para entender por que podemos afirmar que hoje as identidades são mais fluidas e questionar sua naturalidade, é importante olhar para o passado. Antes de prosseguir com uma análise histórica, Hall (2019) alerta, contudo, que todo mapeamento é uma escolha de narrativa e uma simplificação. Isso porque a história não é uma verdade, mas um recorte específico e intencional, e a forma como se escolhe o que é contado e o que fica de fora, *produz* o que aconteceu.

Nesta primeira parte deste trabalho, será feita uma análise histórica dos processos pelos quais a dominação masculina, o patriarcado, e a submissão feminina foram construídos e se tentará responder por quê, depois de tanto tempo, essa dominação-submissão ainda é mantida. Para isso será apresentado a transição do feudalismo para o capitalismo, transição na qual a reprodução e os trabalhos de cuidado, que produzem a força de trabalho dos homens, foram continuamente invisibilizados e não remunerados (FEDERICI, 2017). Pretende-se demonstrar historicamente que os papéis de gênero⁸ e o desequilíbrio entre dominação masculina e subjugação feminina são essenciais para a manutenção deste regime econômico.

⁶ A “identidade”, para Butler (2016) é um efeito de práticas discursivas e performativas que produz, para a pessoa, certa continuidade ou autoidentidade ao decorrer do tempo. Como será exposto, identidade e identidade de gênero estão intrinsecamente ligadas, já que “as pessoas só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero.” (BUTLER, 2016, p.42).

⁷ O “sujeito”, para Foucault (1999), nasce no século XVIII a partir de processos de subjetivação, a forma como a própria pessoa a percebe, e de objetivação, a forma como a pessoa se torna um objeto para conhecimento. É importante observar que o sujeito ter “nascido” já deixa claro que esta noção não é natural, mas inventada. O termo sujeito, no português, assim como o indivíduo, não permite variações no gênero feminino, como “a sujeita”, nem variações para outros gêneros. Considerando as neolinguagens, isto é, as novas linguagens desenvolvidas pela e para a comunidade LGBTQIAPN+, pode ser sugerido o termo “sujeite”, porém, tanto a variação do termo para o gênero feminino quanto sua neutralização, são identificadas como erros ortográficos. Grada Kilomba (2019) sugere “compreender o que significa uma identidade não existir na própria língua, escrita ou falada, ou ser identificada como erro. Isto revela a problemática das relações de poder e violência na língua portuguesa” e define como urgente a necessidade de serem produzidas novas terminologias que compreendam todas as pessoas (KILOMBA, 2019, p.15).

⁸ Neste trabalho, por “gênero” será entendido, a partir da reflexão de Joan Scott (1990, p.86), influenciada por Michel Foucault, “um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” que significa, no sentido de dar sentido, às relações de poder. É importante ressaltar a palavra “percebida”, pois, desde já, revela a importância da interpretação visual e retira a diferença de uma naturalidade, colocando-a em uma posição de percepção.

2.1 A OBSESSÃO COM O CORPO

Cientes da parcialidade desse movimento, sugere-se virar de costas para o presente e observar o passado, os passos trilhados e as mudanças históricas ocorridas nesse caminhar. Com sorte, olhar o passado pode ajudar a planejar um melhor futuro. Para Hall (2019), o nascimento e a morte do sujeito moderno, a vivência e a conceitualização da individualidade de uma forma diferente, se deu por não uma, mas por diversas razões, inclusive contraditórias. O próprio indivíduo soberano, “propulsor que colocou o sistema social da modernidade em movimento”, era, por um lado “indivisível” e por outro lado, singular, distintivo e único (HALL, 2019, p.18). Desta forma, o indivíduo já nasceu com uma tensão contraditória importante.

Hall (2019) cita que A Reforma Protestante (século XVI) que sacudiu a Igreja Católica; o Humanismo Renascentista, que colocou o indivíduo no centro do universo; as revoluções científicas que conferiram ao indivíduo a capacidade de inquirir, investigar e decifrar a natureza e o Iluminismo, que libertou o indivíduo do dogma e da intolerância e mostrou que a história poderia ser compreendida e dominada, foram alguns dos movimentos importantes que contribuíram para a emergência dessa nova concepção.

Analisados mais de perto, esses movimentos se entrelaçam e tornam ainda mais claras as contradições entre indivisibilidade e singularidade humana. Em *Calibã e a Bruxa*, Silvia Federici (2017) explica que a contradição percebida é a própria luta moderna contra o corpo, que o aliena no intuito de discipliná-lo e transformá-lo em uma máquina trabalhadora incansável. Federici (2017) e Hall (2019) explicam que foi nas regiões da Europa Ocidental, local amplamente afetado pela Reforma Protestante e pelo surgimento da burguesia mercantil, que se deu a “emergência, em todos os campos — no palco, no púlpito, na imaginação política e filosófica — de um novo conceito de pessoa.” (FEDERICI, 2017, p.240).

Federici (2017) explica que a passagem do feudalismo para o capitalismo, não foi tranquila. Na verdade, existiu uma luta de classes entre nobreza, burguesia e campesinato, que amargurava as consequências de ter sido expulso das terras em que trabalhava e das quais possuía suas parcelas. Como resume Susana de Castro (2019), no feudalismo, os camponeses viviam em um sistema de servidão. Porém, ainda que fossem posse dos senhores de terra, enquanto servos, não eram mais torturados e tinham direito a uma parcela do terreno com a qual podiam se manter, produzindo sua

própria subsistência. Isto significava, dentre outras coisas, que os senhores não podiam ameaçar os servos até a fome. Nesse período não existia uma “divisão sexual” do trabalho. Homens e mulheres produziam e todo o trabalho era importante, pois contribuía para o sustento familiar. Existiam também terras “comuns”, bosques e pastos que não pertenciam a ninguém e pertenciam a todos. Os chamados “espaços comunais” permitiam que os camponeses tivessem acesso à lenha, madeira e animais, além de serem espaços que fomentavam a coesão e a cooperação comunitária (FEDERICI, 2017).

Contudo, para que existissem trabalhadores, era preciso de proletariado acumulado a níveis mundiais. Como conseguir isso? Principalmente com a “expropriação dos meios de subsistência dos trabalhadores europeus e a escravização dos povos originários da América e da África nas minas e nas plantações do Novo Mundo” (FEDERICI, 2017, p.119). De Castro (2019) diz que o cercamento de terras não parou com o final dos continentes e início da água, mas sim, se estendeu para territórios ultramarinos. Entretanto, a ocupação das terras foi feita de modo ainda mais violento nas colônias, “com o genocídio de parte de sua população nativa, e a escravidão de outra parte” (DE CASTRO, 2019, p.65).

É importante perceber, declara Federici (2017), que não é possível relacionar a acumulação capitalista, da força de trabalho, e a “acumulação de diferenças e divisões dentro da classe trabalhadora” com a libertação dos trabalhadores, fossem mulheres ou homens, já que esse período criou formas de escravidão brutais e traiçoeiras. Antes de perceberem que os seres humanos, numa época de baixo nível de desenvolvimento tecnológico, eram o recurso produtivo mais importante, uma parte grande do campesinato foi enforcado, gerando uma verdadeira crise de trabalho. Durante o reinado de Henrique VIII, por exemplo, conhecido por mandar executar não só a população, mas também parentes que ameaçassem seu reinado, mais de 70 mil pessoas, somente na Inglaterra, foram executadas (FEDERICI, 2017, p.246).

Competindo com a violência dos homens, existia ainda a fome e a doença. A peste bubônica do século XIV, precedida pelo período debilitante da Grande Fome (1315-1322), matou entre 75 e 200 milhões de europeus (RODRIGUES, 2020). No livro *O Decamerão*, escrito por Giovanni Boccaccio entre 1348 e 1353, é possível ter um vislumbre da situação.

Não somente é exato que eram poucos os que saravam, mas também é verdade que, ao contrário desses, quase todos, ao terceiro dia do aparecimento dos sinais acima apontados, morriam. Uns morriam mais cedo; outros, mais tarde; a maioria expirava sem qualquer febre, nem outra complicação. Esta peste foi de grande violência; porque ela se lançava

contra os sãos, partindo dos enfermos, desde que enfermos e sãos ficassem juntos. A peste procedia, assim, de maneira não diversa da maneira pela qual procede o fogo; o fogo passa às coisas secas, ou untadas, quando elas lhe ficam muito próximas. (BOCCACCIO, 2018, p.32)

Com a crise do trabalho, a relação entre senhores de terra e campesinos foi impactada. As aldeias se organizaram em ajuda mútua e negaram-se a obedecer a certas exigências como o pagamento de multas e impostos. Em resposta, os senhores intensificaram a violência e a exploração. Para atar os trabalhadores ao trabalho, o ócio passou a ser um crime com a introdução das Leis Sangrentas⁹ contra os “vagabundos” sem trabalho. Tornou-se proibido beber, praguejar e insultar, além de jogos de azar e outras formas de “improdutividade” sexual e social. Mas foi contra o corpo, a tão necessária fonte de toda a riqueza, porém tão indisciplinado, violento e sujo, que se voltou à atenção das instituições da época. Considerado a fonte de todos os males, o corpo e sua necessária disciplina e a docilização, compreendem a primeira crise capitalista, “muito mais séria que todas as crises comerciais que ameaçaram os alicerces do sistema capitalista durante a primeira fase de seu desenvolvimento” (FEDERICI, 2017, p.245). Percebido como um recipiente de força de trabalho, meio de produção e, em última análise, máquina, o Estado passou a focar no corpo o plano de suas políticas sociais.

A época da razão foi também a da experimentação: as pessoas queriam ver, tocar, testar e analisar. Assim, a anatomia passou a ser uma disciplina científica e uma curiosidade pública. Nascidos dessa curiosidade, os “teatros anatômicos” eram cerimônias abertas ao público que cobravam ingressos daqueles que quisessem assistir corpos desencarnados serem dissecados. Vinícius Terra (2007) explica que a obsessão se tornou tão grande que as instituições jurídicas e médicas chegaram ao “Murder Act” de 1752, documento que previa punições àqueles que enterrassem cadáveres executados antes de serem dissecados e anatomizados. O corpo, naqueles termos, significava simplesmente a carne deitada na mesa de dissecação, aniquilada de sua “vida cívica, e humana, extinguindo qualquer possibilidade de passado social” (TERRA, 2007, p.121). Em resumo, este “corpo” era uma abstração neutralizante, sem história e inumano.

A aproximação dos vivos aos mortos, por meio da banalização da carne humana, revelou que a separação entre os seres humanos e os animais não era tão grande. Tudo que aproximava o corpo de uma “animalidade” tornou-se repugnante e inspiração para o desenvolvimento de

⁹ As Leis Sangrentas foram “introduzidas na Europa dos séculos XVI e XVII com o objetivo de colocar os ‘vagabundos’ à disposição da exploração local.” (FEDERICI, 2017, p.25).

tecnologias e a convenção de melhores práticas. Existem diversos desenvolvimentos tecnológicos que comprovam o crescente asco em relação ao corpo, como o uso de talheres, o desenvolvimento da vergonha pela nudez, os “modos” e as “boas maneiras” (FEDERICI, 2017, p.280). Norbert Elias (1993), em *O Processo Civilizador*, explica que o comedimento e a vergonha nasceram com o conceito de civilização dos costumes.

O controle efetuado através de terceiras pessoas é convertido, de vários aspectos, em autocontrole, [...] as atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comunal e investidas de sentimentos de vergonha, [...] a regulação de toda a vida instintiva e afetiva por um firme autocontrole se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizada. (ELIAS, 1993, p.181)

Para Elias (1993) a inclusão da ferramenta garfo como essencial para o ato de levar comida à boca nada tem a ver com a explicação “racional” de perigo de doenças, mas sim com a repugnância, passando a ser considerado feio à vista comer com as mãos. “O garfo nada mais é que a corporificação de um padrão específico de emoções e um nível específico de nojo.” (ELIAS, 1993, p.133).

Além do disciplinamento do corpo, foram travadas batalhas contra costumes do proletariado que não estavam ligados ao trabalho desejado, como a magia. Com essência espiritual conectada à natureza, a magia imagina o cosmos como um organismo vivo, onde cada elemento do planeta escondia virtudes e poderes peculiares. Extraindo ingredientes da natureza e contando com a sorte, a magia utiliza elementos que contrariam a racionalização capitalista, pois obtém o desejado sem o que é considerado “trabalho”. Além disso, ressalta Federici (2017), a magia não é linear ou “normatizável”, admitindo que alguns dias são de sorte e outros de azar, ou seja, são independentes dos esforços individuais do trabalhador. Se hoje parece absurdo recusar o trabalho assalariado é porque o trabalhador já foi disciplinado; a mecanização do corpo é a tal ponto constitutiva do sujeito que, na maior parte dos países industrializados, a magia não ameaça mais a uniformidade do comportamento social. Dessa forma, o retorno atual da astrologia e sua ascensão¹⁰, já não é mais ameaçador. Conforme conta Federici, “até mesmo o consumidor mais assíduo de cartas astrais consultará automaticamente o relógio antes de ir para o trabalho.” (FEDERICI, 2017,

¹⁰ Mercado da astrologia acelera com novas tecnologias - desde 1970 não se via tantos novos adeptos, Disponível em: <<https://gq.globo.com/Lifestyle/Tecnologia/noticia/2020/11/mercado-de-astrologia-acelera-com-novas-tecnologias.html>>. Acesso em 30 mai. 2021.

p.259). Thomas Hobbes (1840), pensador medieval, adiciona, de forma perspicaz, que o hábito das classes baixas de fazer profecias poderia, de fato, atrair o real:

Saiba, não há nada que torne os conselhos dos seres humanos mais difíceis, mas a incerteza do tempo futuro; nem que dirige tão bem os homens em suas deliberações, como a previsão das sequelas de suas ações; profecia sendo muitas vezes a principal causa do evento predito (HOBBS, 1840, p.399, tradução nossa).

Dessa forma, a magia se tornou ameaçadora para o processo de instalação do capitalismo e foi combatida. Muitas mulheres foram levadas à fogueira por praticar magia e tantas outras foram torturadas. Tais laboratórios de tortura foram responsáveis por estabelecer os processos de disciplinas sociais, além de, em conjunto aos “teatros anatômicos”, terem servido como espaços de pesquisa sobre o corpo.

2.2 A CAÇA AO “PODER” FEMININO

Sobre a caça às bruxas é importante expandir mais a análise para, assim, explicitar a relação entre a violência contra mulheres com o início do capitalismo. Fato é que muitas dessas opressões, subjugações e agressões físicas continuam acontecendo¹¹ e tendo seus rastros apagados ou minimizados. No período que compreendeu os séculos XV e XVIII, estima-se que “centenas de milhares de mulheres foram queimadas, enforcadas e torturadas” (FEDERICI, 2017, p.292). Porém, não é possível resgatar o número exato, já que

Muitos julgamentos não foram registrados ou, se foram, o número de mulheres executadas não está especificado. Além disso, muitos documentos, nos quais podemos encontrar referências aos julgamentos por bruxaria, ainda não foram estudados ou foram destruídos. (ibid.)

O que se sabe é que entre 1435 e 1487, foram escritos vinte e oito tratados sobre bruxaria, o que culminou no *Malefício das Bruxas (Malleus Maleficarum)*, de 1486. Esse famoso manual de instruções foi escrito por dois monges dominicanos e amplamente consultado pelos julgadores e executores de bruxas da época: magistrados e sacerdotes, católicos e protestantes da Europa. Em

¹¹ O Google Brasil leva zero ponto quarenta e dois segundos para apresentar, em quatorze de fevereiro de dois mil e vinte e um, duzentos e oitenta e quatro milhões de resultados para a busca ‘mulher é morta por marido’. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=mulher+%C3%A9+morta+por+marido&rlz=1C1GCEB_enBR890BR890&oq=mulher+%C3%A9+morta+por+marido&aqs=chrome..69i57.3292j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em 14 fev. 2021.

uma passagem do livro, os autores respondem à pergunta “Por que a superstição se encontra antes de tudo nas mulheres?” dizendo que as mulheres são, contraditoriamente, seres frágeis e criaturas malignas:

Todas as malignidades são pouca coisa em comparação com a de uma mulher. Pelo qual São João Crisóstomo diz em texto: “Não convém se casar”. São Mateus, XIX: Que outra coisa é uma mulher, senão um inimigo da amizade, um castigo inevitável, um mal necessário, uma tentação natural, uma calamidade desejável, um perigo doméstico, um deleitável detrimento, um mal da natureza pintado com alegres cores! Portanto, se é um pecado divorciar-se dela quando deveria mantê-la, é na verdade uma tortura necessária. Pois ou bem cometemos adultério ao nos divorciar, ou devemos suportar uma luta quotidiana. (KRAMER; SPRENGER, 2007, p.49)

Federici (2017) explica que os cercamentos e as expropriações de terras, que colocaram em movimento a acumulação primitiva, foram ainda mais devastadores às mulheres, pois destruíram quaisquer meios de sobrevivência que possuíam e que eram bases de seu poder social, deixando-as à mercê da caridade. As bruxas, muitas vezes mulheres mais velhas e pobres, passaram a ser consideradas criadas do diabo, ameaças das quais nenhum homem estaria a salvo. Os monges dominicanos previam que o mundo estaria melhor sem a malignidade intrínseca às mulheres.

Sem a malignidade das mulheres, para não falar da bruxaria, o mundo seguiria existindo a prova de inumeráveis perigos. [...] Quer dizer que uma mulher é formosa na aparência, contamina pelo tato e é mortífero viver com ela. (KRAMER; SPRENGER, 2007, p.55)

Aliás, a imagem do diabo medieval era diferente da imagem construída até ali. O antigo diabo era um ser com pouco poder, capaz de ser afastado com algumas gotas de água. Em comparação, o diabo medieval era astuto, havendo invertido a lógica da relação de poder anterior entre ele e as bruxas, vistas agora como tolas e domináveis. Era tamanho o desejo pela supremacia masculina, que as mulheres não podiam nem serem elas mesmas o diabo, mas apenas amantes e servas:

A bruxa, real e verdadeiramente, se obriga a ser a serva do diabo e se consagra a ele por inteiro, e isso não se faz em sonhos, nem sob a influência de ilusão alguma, somente colaborando real e fisicamente com o demônio e consagrando-se a ele. (KRAMER; SPRENGER, 2007, p.14)

Essas mulheres também eram acusadas de gerar excessiva paixão erótica nos homens, “de modo que era fácil para aqueles que fossem pegos fazendo algo ilícito dizer que haviam sido enfeitiçados ou, para uma família que quisesse acabar com a relação do filho com uma mulher que

desaprovavam, acusá-la de ser bruxa” (FEDERICI, 2017, p.341). Se o corpo deveria ser disciplinado e colocado no trabalho, a paixão e o ato sexual constituíam ameaças. Uma mulher sexualmente ativa era um perigo à ordem social, já que podia desviar a responsabilidade dos homens e sua capacidade ao trabalho. A disciplina que precisava ser aplicada ao trabalhador nos séculos XVI e XVII está, dessa forma, ligada à repressão sexual das mulheres.

As principais disciplinas destinadas às mulheres foram o silenciamento, o confinamento ao cuidado da casa e a reprodução. As “rédeas de bruxa” eram instrumentos colocados sob o rosto da mulher, evitando que ela falasse por meio de um freio de metal que causava ferimentos na boca. As rédeas contribuíam para degradar o poder feminino como uma punição para as “reclamonas”: mulheres das classes mais baixas cujo discurso foi considerado “desenfreado” ou “problemático” e aquelas suspeitas de feitiçaria, evitando que tais “fofoqueiras” falassem (HELENE, 2017). Diana Helene (2017) explica que além da máscara, a pessoa punida poderia levar em seu pescoço uma placa que informava seu “crime”. Estas mulheres eram colocadas em locais públicos e espancadas. Ao difamar as mulheres e criar pânico em uma, o medo era espalhado à muitas.

Se as rédeas lembram as máscaras de flandres utilizadas nas colônias para o silenciamento dos escravos, não é coincidência. Em *Memórias da Plantação*, Grada Kilomba (2019), diz que, oficialmente, a máscara era usada para evitar que os escravos comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam, “mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura” (KILOMBA, 2019, p.33). A autora se pergunta por que bocas negras precisavam ser controladas, o que elas teriam a dizer e o que os brancos teriam de ouvir. Uma dessas vítimas de silenciamento foi Anastácia, uma escrava africana trazida ao Brasil, que, por diversas razões possíveis, foi submetida a máscara de metal e a uma corrente ao redor do pescoço. Kilomba (2019, p.36) relata que, após um longo período de sofrimento, Anastácia acaba morrendo de tétano.

Na Europa, a vexação ajudou a silenciar as mulheres no lar. “Era necessário impor pelo medo um modelo não subversivo feminino, para que as mulheres voltassem a se dedicar apenas à reprodução e ao cuidado, e sem remuneração” (DE CASTRO, 2019, p.65). A subversão das palavras, dando a elas sentidos depreciativos, contribuiu para destruir a sociabilidade que prevalecia entre as mulheres da Idade Média, segregando-as e enfraquecendo as anteriores comunidades de ajuda mútua. De acordo com Federici (2019), a palavra “*gossip*” (hoje traduzida como fofoca) era derivada dos termos ingleses arcaicos “*God*” (Deus) e “*sibb*” (aparentado) e

significava, originalmente, “*god parent*” (padrinho). Mais tarde, na Inglaterra do início da idade moderna, utilizada de forma mais ampla, passou a se referir à companhia que as mulheres costumavam ter na hora do parto. Thomas Wright (1862), em *A History of Domestic Manners and Sentiments in England during the Middle Ages*, critica como as tavernas tinham papel fundamental na diversão das mulheres, as quais, mesmo após o casamento, mantinham dedicação à si e as amigas, separadas dos maridos.

O caráter geral das mulheres das classes média e baixa era descrito como pouco provável de conduzir à felicidade doméstica. Todos os materiais populares de história social representam sua moral como sendo muito baixa e seus temperamentos como dominadores e briguentos, cuja consequência era a separação da vida doméstica entre os dois sexos após o casamento, os maridos, quando não estavam ocupados com seu trabalho ou negócios, buscando diversão fora de casa, e as esposas reunindo-se com suas “fofocas”, muitas vezes nas tavernas públicas, para beber e se divertir. (WRIGHT, 1862, p.421)

Segundo Wright (1862, p.438), esses encontros de “fofocas” nas tavernas foram uma espécie de piqueniques medievais. Cada mulher levava um pouco de comida e elas faziam um banquete juntas. No século XVI, contudo, a palavra “gossip” ganhou a conotação de “conversa fútil”. Esse processo aconteceu por meio do fortalecimento da autoridade patriarcal na família e a exclusão das mulheres do ofício e das guildas (associações de pessoas que tinham o mesmo ofício). Em *Middle-Class Culture in Elizabethan England*, Louis Booker Wright (1935) conta que, durante o século XVI e XVII a liberdade das mulheres inglesas foi controlada com uma lei que proibia que elas conversassem.

A liberdade das mulheres estava causando alarme aos moralistas conservadores — tal era o alarme que uma proclamação foi expedida em 1547 proibindo as mulheres de “se encontrarem para balburdiar e conversar” e ordenando aos maridos que “mantivessem suas esposas dentro de casa”. (WRIGHT, 1935, p.467)

As mulheres eram dissuadidas de sentar-se frente às suas casas ou de ficar perto das janelas, de se encontrar com as amigas ou ainda, de visitar os parentes após o casamento (FEDERICI, 2017, p.200). O marido e a família deveriam ser o centro de sua atenção. “Com a consolidação da família e da autoridade masculina em seu interior, [...] e com a perda do acesso a antigos meios de subsistência, tanto o poder das mulheres como as amizades femininas foram enfraquecidos.” (FEDERICI, 2019, p.8).

Nos séculos XVI e XVII, na França e na Alemanha, o próprio trabalho das parteiras foi proibido. Houve uma marginalização destas profissionais que, antes conferiam às mulheres o

controle sobre a procriação. Os médicos homens, em uma nova prática médica contrária ao que havia sido feito até então, passaram a priorizar a vida do feto em relação à mãe, em caso de emergência. As parteiras que quisessem continuar seus trabalhos, tornavam-se espiãs do Estado e precisavam informar mulheres suspeitas de dar à luz em segredo, assim como examinar mulheres locais, buscando por sinais de lactância quando eram encontradas crianças nos degraus das igrejas. Nesta época “mais mulheres foram executadas por infanticídio do que por qualquer outro crime.” (FEDERICI, 2017, p.176).

Enquanto na Idade Média elas podiam usar métodos contraceptivos e haviam exercido um controle indiscutível sobre o parto, a partir de agora seus úteros se transformaram em território político, controlados pelos homens e pelo Estado: a procriação foi colocada diretamente a serviço da acumulação capitalista. (FEDERICI, 2017, p.178)

É possível perceber, seja na triste história das bruxas e das mulheres que buscavam métodos contraceptivos, na qual mulheres eram julgadas moralmente e intencionalmente simbolizadas como impuras, como na história do proletariado, considerado indisciplinado e preguiçoso, que o corpo foi, definitivamente, a primeira máquina desenvolvida pelo capitalismo, e não a máquina a vapor, nem o relógio (FEDERICI, 2017, p.268). Enquanto perseguiram e queimavam as bruxas, a burguesia continuava a se perguntar: como fazer estes corpos trabalharem?

2.3 A CONTRADIÇÃO CARTESIANA

Importante citar a figura de René Descartes, filósofo que escreveu, em 1664, o *Tratado do Homem*, um manual anatômico psicológico e físico. Separando a mente e o corpo, Descartes (1980) avaliou as desvantagens e vantagens de cada pedaço corporal, racionalizando suas faculdades e maximizando sua utilização social. No livro, o autor afirma que o corpo é uma máquina, “um autômato robô e que sua morte não deve ser mais lamentada do que a quebra de uma ferramenta.” (FEDERICI, 2017, p.252).

Suponho que o corpo não é outra coisa senão uma estátua ou máquina de terra que Deus dá forma com o propósito expresso de que seja o mais semelhante à nós quanto possível, de modo que não só confere a mesma cor em seu exterior e a forma de todos os membros, como também dispõe, em seu interior, todas as pessoas necessárias para que se mova, coma, respire e, em resumo, imite todas as funções que nos são próprias, assim que se imagina proceder da matéria e só depender da disposição dos órgãos. (DESCARTES, 1980, p.50, tradução nossa)

Hobbes (1651) acreditava que o corpo precisava ser controlado por um poder absoluto, a soberania.

Existem algumas criaturas vivas, como as abelhas e as formigas, que vivem de forma sociável umas com as outras [...], sem outro objetivo senão seus juízos e apetites particulares, nem linguagem por meio da qual possam indicar umas às outras o que consideram adequado para o benefício comum: [...] a humanidade não pode fazer o mesmo. (HOBBS, 1651 p.105, tradução nossa)

Já Descartes apostava na possibilidade dos mecanismos da autodisciplina, do autocontrole e da autorregulação. Para ele, o corpo, assim como o dos animais, era um autômato, porém, com um diferencial, o pensamento. O pensamento seria a primeira certeza possível, cujo objetivo estaria na dominação do corpo. Tarefa difícil, contudo: “[...] o conhecimento do entendimento sempre deve preceder a determinação da vontade. E é nesse mau uso do livre-arbítrio que se encontra a privação que constitui a forma do erro.” (DESCARTES, 2005, p.92). O pensamento do autor sobre a supremacia mente-corpo, que reaparece no contemporâneo em discursos neoliberais de meritocracia e felicidade compulsória, superou o hobbesiano (FILHO, 2010). Ao invés de colocar toda a responsabilidade de controle no Estado, Descartes criou o autocontrole: ter tanto um senhor quanto um escravo interno, evitava que os homens se dirigissem à uma revolução.

Para este trabalho, entende-se que a consequência mais importante do pensamento cartesiano foi a ideia da ascensão do Eu. Diferente do que se pensava até então, isto é, o indivíduo à imagem e semelhança de Deus, o Eu cartesiano se perguntava quem era, e, em sua dúvida, era individual, único. Ainda que em *Meditações*, livro escrito em 1641, Descartes descreve a criação de todas as coisas por Deus, em *Discurso do Método*, de 1637, reconhece que alguns sujeitos que pensam, “logo existem”, tem mais bom senso do que outros, sendo, portanto, emancipados de Deus em sua individualidade e em seus erros:

Porque não basta ter o espírito bom, o principal é aplicá-lo bem. As grandes almas são capazes dos maiores vícios como das maiores virtudes; e os que andam lentamente podem avançar muito mais, se seguirem sempre o caminho direito, do que os que correm e dele se afastam. (DESCARTES, 2011, p.24)

Para Descartes o indivíduo que pensa é “uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também e que sente.” (2005, p.47). Esse indivíduo era, entretanto, um homem branco e de classe alta. O proletariado e as mulheres e crianças eram “menos Eu”, menos “indivíduo”.

3. A INCORPORAÇÃO DO GÊNERO

Desde a concepção do indivíduo, o corpo e identidade estiveram conectados. A percepção de um Eu único se deu paralelo ao recorte literal de corpos. Contudo, nem todos os “pedaços” receberam a mesma atenção. Alguns recortes do corpo foram explorados de forma particularmente densa em relações de poder (FOUCAULT, 1999). Neste capítulo são expostas algumas das observações foucaultianas sobre os poderes soberano, disciplinar e de biopoder, bem como a era farmacopornográfica, leitura de Preciado (2014; 2018a; 2018b) sobre um terceiro momento capitalista pós-Segunda Guerra Mundial que se estende até os dias de hoje. É abordado como o gênero passa a ser produzido pela medicina e pela psiquiatria e pelas indústrias farmacêutica, pornográfica e de entretenimento, se tornando uma questão central para a política e a economia. A fim de tangibilizar esta hipótese teórica, são apresentadas múltiplas inovações tecnológicas de forma cronológica, a partir de suas invenções.

Michel Foucault, em *História da Sexualidade* (1999), diz que o sexo a partir do século XVII não foi reprimido, mas atingido por técnicas de discurso que tanto o recusaram, o bloquearam, o desqualificaram quanto o incitaram e o intensificaram: “A partir do fim do século XVI, a ‘colocação do sexo em discurso’, em vez de sofrer um processo de restrição, foi, ao contrário, submetida a um mecanismo de crescente incitação.” (FOUCAULT, 1999, p.17).

Falar de sexo tornou-se uma prática controlada cujo efeito não foi repressor, mas antes estimulador: o “cerceamento das regras de decência provocou, provavelmente, como contra-efeito, uma valorização e uma intensificação do discurso indecente.” (FOUCAULT, 1999, p.21). As confissões anuais da Contra-Reforma, por exemplo, tiveram seu ritmo intensificado e as penitências cresceram em importância. Os fiéis deveriam examinar seus pensamentos, palavras, ações e até sonhos em busca de pecados, fazendo de seu desejo um discurso. Adicionando à Foucault (2019), Federici (2017) cita que, nas inquisições, as bruxas eram interrogadas longamente e coagidas a contarem sobre suas supostas relações insidiosas com homens e com o diabo. Nem só de relatos reais vivia esse fascínio pelo sexo:

É preciso não esquecer que a pastoral cristã, fazendo do sexo aquilo que, por excelência devia ser confessado, apresentou-o sempre como enigma inquietante: não o que se mostra obstinadamente, mas o que se esconde em toda a parte, presença insidiosa que se corre o risco de se ouvir porque fala em voz tão baixa e muitas vezes disfarçada. [...] O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na

obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo. (FOUCAULT, 1999, p.36)

Em nenhum outro lugar a “explosão discursiva” sobre o sexo, que Foucault detectou nessa época, foi exibida com maior contundência do que nas câmaras de tortura da caça às bruxas. [...] os inquisidores forçaram as bruxas a revelar suas aventuras sexuais em cada detalhe, sem se dissuadir pelo fato de que, muitas vezes, se tratava de mulheres idosas e de que suas façanhas sexuais datavam de muitas décadas atrás. De uma maneira quase ritual, forçavam as supostas bruxas a explicar de que maneira haviam sido possuídas pelo demônio na sua juventude, o que sentiram durante a penetração, que pensamentos impuros alimentaram. (FEDERICI, 2017, p.344)

Qual objetivo gerou tal obsessão? Como vimos, na Idade Média, o poder soberano era, grosso modo, focado em técnicas de necropolítica, “técnicas de causar a morte”, sendo o rei, a figura central, seguido da Igreja. Sobre o “tema da carne”, diz Foucault (1999), a Idade Média se organizou sob um discurso “unitário”, focado na confissão. Posteriormente, com o nascimento do sujeito, organizam-se as tecnologias de poder sobre a forma de técnicas de disciplina e instituições como escolas, hospitais, prisões, entre outros, denominados “instituições de sequestro”. “Esta denominação é utilizada pelo fato de individualizar o sujeito e usar técnicas disciplinares para docilizá-lo.” (DINIZ; OLIVEIRA, 2014, p.144).

Então, a partir do século XVIII, com base nessas técnicas de docilização, inicia-se um processo de produção e gestão da vida, a biopolítica¹²: “Pode-se dizer que o velho direito de causar a morte ou deixar viver foi substituído por um poder de causar a vida ou devolver à morte.” (FOUCAULT, 1999, p.129). Com o aparecimento da ideia de “população”, o governo percebe que precisa lidar não apenas com sujeitos, mas com todos os seus fenômenos e variáveis, como natalidade, morbidade, fecundidade, estado de saúde, incidência das doenças, forma de alimentação e de habitat (FOUCAULT, 1999). Ao invés da morte, a vida e seu desenrolar passa a ser a fixação do poder. O biopoder, estabelece Foucault, que não só controlou, mas melhorou as forças, a aptidão e a vida em geral da população e o ajustamento de seus fenômenos aos processos econômicos, foi fundamental para o desenvolvimento do capitalismo. Importante dizer que o autor também percebe, contudo, que esse “melhoramento” não foi feito, entretanto, sem o cuidado de não tornar essas vidas mais difíceis de sujeitar, ou seja, menos dóceis.

¹² “Se pudéssemos chamar ‘bio-história’ as pressões por meio das quais os movimentos da vida e os processos da história interferem entre si, deveríamos falar de ‘bio-política’ para designar o que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana.” (FOUCAULT, 1999, p.133).

Tal controle foi conseguido, inclusive, por meio do sexo, que passou a ser regulado, e não proibido com discursos úteis e públicos, e a ser inserido em sistemas de utilidade, regulado para o bem de todos. “O sexo não se julga apenas, administra-se.” (ibid.). De unitário, o sexo é decomposto, dispersado e reduzido à discursividades distintas, que tomam forma na demografia, biologia, medicina, psiquiatria, psicologia, na moral, na crítica política (ibid.). O sexo se torna o cerne do problema político e econômico da população: evolui-se a “tentativas de regulação mais finas e bem calculadas, que oscilarão, segundo os objetivos e as urgências, em direção natalista ou antinatalista.” (FOUCAULT, 1999, p.28).

Importante para este trabalho são os quatro pontos estratégicos de saber e poder do sexo distinguidos pelo autor: 1) a hysterização do corpo da mulher; 2) a pedagogização do sexo da criança; 3) a socialização das condutas de procriação e 4) a psiquiatrização do prazer perverso. Sobre a 1) hysterização dos corpos com útero, Foucault corrobora com a pesquisa de Federici (2017), citando que o corpo da mulher foi categorizado, contraditoriamente, como hipersexualizado e suscetível a doenças, como a histeria¹³.

Segundo Foucault (1999), após o século XIX, “em nome da responsabilidade que elas teriam no que diz respeito à saúde de seus filhos, à solidez da instituição familiar e à salvação da sociedade” as históricas tiveram seus corpos minuciosamente controlados e medicalizados. (FOUCAULT, 1999, p.136). Em outras palavras, os corpos com útero foram colocados em comunicação com o corpo social (assegurando sua reprodução), com o espaço familiar (sendo elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças, (produzindo e garantindo, enquanto responsáveis biológico-morais, no papel de “mães”). O “negativo de mãe”, seu contrário, nota o autor, era a “mulher nervosa” que “sofria de vapores” (FOUCAULT, 1999).

Com relação à 2) pedagogização do sexo da criança, Foucault percebe que as crianças são tanto consideradas suscetíveis à atividade sexual quanto puras, sendo a atividade sexual uma ameaça. Sobre a 3) socialização das condutas de procriação, o autor observa as incitações e freios (responsabilização) à fecundidade dos casais (limitação ou reforço). Já com relação à 4) psiquiatrização do prazer perverso, que se refere ao entendimento do instinto sexual como instinto biológico e psíquico autônomo, à sua análise clínica e normalização de condutas em detrimento da

¹³ Histeria é um termo derivado do grego que significa matriz e remonta à Grécia Antiga, quando esta era considerada uma doença do corpo dito feminino. (BELINTANI, 2003).

patologização de outras e, especialmente, ao desenvolvimento de tecnologias corretivas para ditas “anomalias” (FOUCAULT, 1999), daremos atenção especial a seguir.

3.1 A INVENÇÃO E PATOLOGIZAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE

Ainda que tenha sido nomeado como consultor de comunicação do Vaticano pelo Papa Francisco, o jesuíta estadunidense James Martin recebe críticas diárias em suas redes sociais por promover a aceitação LGBTQIAPN+¹⁴. Em entrevista para a BBC Brasil, ele diz que é preciso “parar de tratar os gays como leprosos”¹⁵, em uma referência a *O Livro de Gomorra*, escrito entre 1048 e 1054, por São Pedro Damiano, no qual o autor vinculava a homossexualidade, a heresia, a lepra e ao diabo. O Papa Francisco, assim como Martin, vem tentando reverter as consequências do discurso intolerante e violento que a Igreja propagou durante quase mil anos.

Federici (2017), acredita que date de 1179 a primeira condenação direta a atos de sodomia, isto é, ao sexo anal. Michael Rocke (1996), em *Forbidden Friendships*, diz que, apesar da prática ser amplamente citada em poesias “burlescas” e em músicas do século XV, não era bem aceita na Europa. O autor relata que a sodomia era o pior e mais temido dos pecados sexuais e estava entre os crimes mais rigorosamente controlados. Em Florença, Itália, por exemplo, em 1432, o governo criou um órgão judiciário focado em perseguir e processar a sodomia. O chamado “Escritório da Noite” foi uma das poucas instituições criminais com essa competência específica na história do continente. Durante seus setenta anos de mandato, o escritório desenvolveu um verdadeiro estudo sobre a multifacetada e abundante vida sexual masculina dos habitantes da cidade de Florença. Da pequena população de 40.000 habitantes, pode-se estimar que “17.000 indivíduos ou mais foram incriminados pelo menos uma vez por sodomia, com provavelmente 3.000 condenados.” (ROCKE, 1996, p.5, tradução nossa).

Paul Preciado (2014, p.128) acredita que o temor sobre a sodomia reside no fato da boca e do ânus raramente serem designados como partes do sistema sexual/reprodutivo, e, portanto, não contribuem para a reprodução, a qual havia se tornado foco da Igreja já nos séculos XI e XII. De

¹⁴ Neste trabalho será utilizada a sigla LGBTQIAPN+ porque, apesar de menos conhecida, compreende a não binariedade de forma clara. As letras LGBTQIAPN+ significam, respectivamente: lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e travestis, queers ou “questionando”, intersexos, pessoa do espectro assexual, pansexuais e não binários. O símbolo + inclui demais orientações sexuais e identidades e expressões de gênero.

¹⁵ “‘Precisamos parar de tratar LGBTs como leprosos’, diz jesuíta do Vaticano”. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/bbc/2018/06/03/precisamos-parar-de-tratar-lgbts-como-leprosos-diz-jesuista-do-vaticano.htm>>. Acesso em 01 ago 2021

acordo com Federici (2017), já nessa época começou uma cruzada contra uniões estáveis sem o casamento, e um aumento do controle das práticas sexuais. A homossexualidade passou a ser discursada como uma incontinência contra a natureza (FEDERICI, 2017, p.82).

Contudo, existem fatos históricos que mostram que nem sempre foi assim. Acredita-se que os santos Sérgio e Baco, martirizados no século IV, tenham sido um casal homossexual. O historiador John Boswell (1994), no livro *Same-Sex Unions in Premodern Europe*, cita, a partir de um relato do autor das primeiras fases do cristianismo Tertuliano, que os dois soldados romanos cristãos eram unidos por seu amor. Entretanto, atraíram inimigos e foram denunciados por seu cristianismo. Eles então negaram renunciar a sua fé e, como castigo, foram mortos. O relato de Tertuliano conta que Baco, executado primeiro, prometeu a Sérgio que se ele se mantivesse fiel ao Senhor, ele teria como recompensa não as alegrias do paraíso ou uma coroa do martírio, mas o próprio Baco (BOSWELL, 1994, p.163). Ainda que sejam descritos com a palavra “irmãos” no relato, eles não eram irmãos biológicos.

A denominação “irmão” deve ser entendida como um reflexo do uso antigo da palavra em subculturas eróticas ou como reflexo do uso bíblico (particularmente nas versões gregas). De uma forma ou de outra, “irmãos” teria conotações distintamente eróticas. (BOSWELL, 1994, p.163, tradução nossa)

As imagens de Sérgio e Baco, geralmente representadas juntas, “algumas vezes com os halos juntos ou com o nariz de seus cavalos se tocando”, se tornaram um “casal” invocado em cerimônias de uniões de mesmo sexo (BOSWELL, 1994, p.164, tradução nossa).

Ainda que fossem condenados, os praticantes de sodomia eram apenas isto; não existiam estudos e análises que buscassem examinar um “tipo” homossexual. Na verdade, a palavra homossexual só seria criada muito tempo depois. Ao longo da história moderna, não só as pessoas que desejavam livremente, mas também aquelas que não se contentavam com o gênero designado ao nascer, foram amplamente tipificadas, patologizadas, medicadas, submetidas a cirurgias de adequação. É importante analisar brevemente alguns desses momentos para entender melhor a afirmação de Foucault (1999) quando este diz que houve uma “psiquiatrização” do prazer perverso a fim de que o sexo fosse completamente gerido.

Em *Manifesto Contrassexual*, Preciado (2014, p.142) identifica “uma mudança no sistema sexo/gênero a partir dos anos cinquenta” e esboça dois modelos de produção do sexo. O primeiro, analisado até aqui, “se funda sobre a divisão do trabalho sexual e do trabalho reprodutivo, e corresponde ao período do capitalismo industrial.” (ibid.). Com a introdução da máquina a vapor

na produção, em 1765, tornou-se possível produzir em larga escala e atender ao crescimento demográfico. Os corpos passam a ser instrumentos de trabalho a serviço da máquina e, confirmando o argumento de Federici (2017), o útero, a “máquina” da produção humana (PRECIADO, 2014).

Já o segundo modelo identificado refere-se ao capitalismo pós-industrial e “caracteriza-se pela estabilidade do pênis como significante sexual, pela pluralidade das performances de gênero e pela proliferação das identidades sexuais que coexistem com o imperialismo e a globalização do pênis.” (PRECIADO, 2014, p.142). Esse modelo identifica o sexo com a aparência dos órgãos e têm como regra o funcionamento “correto” do pênis.

Anne Fausto-Sterling (1993) traz um exemplo que ilustra tal centramento e identificação empírica e usualmente visual que a medicina adotou nesse segundo modelo identificado por Preciado. Em 1843, o voto era tido como algo masculino, ainda que a definição de masculino não estivesse bem clara. Levi Suydam, uma pessoa de 23 anos à época, apresentou-se para votar pelo partido Whig. O partido contrário questionou as feições femininas de Suydam e exigiu um exame minucioso. O médico William James Barry foi chamado e, observando um pênis, o declarou homem. Em Connecticut, o voto feminino só seria permitido em 1920¹⁶, mas com a chancela médica, Suydam levou seu partido à vitória (FAUSTO-STERLING, 1993, p.20). Mais tarde, foi percebido que seu corpo era mais complexo do que a medicina pensava, pois ele menstruava e tinha uma abertura vaginal. Além disso, Fausto-Sterling (1993) traz uma passagem escrita pelo Dr. Barry, na qual o médico apontava questões talvez ainda mais empíricas de avaliação.

As propensões femininas de Suydam, como gostar de cores alegres, de retalhos de chita, e de compará-los e colocá-los juntos, assim como uma aversão a – bem como uma inaptidão para – trabalhos corporais, eram notadas por muitas pessoas. (STERLING, 1993, p.20)

Fausto-Sterling (1993) não acredita que os sexos estejam restritos a duas categorias. Na verdade, a bióloga aponta para pelo menos cinco, alertando que, é mais provável que o sexo seja “um *continuum* vasto e infinitamente maleável que desafia as limitações.” (FAUSTO-STERLING, 1993, 21). “Isso não significa que toda a classificação é impossível, mas que, se levarmos em conta o conjunto dos níveis de sexuação (físico, anatômico, cromossômico), existe muito mais que dois sexos” (DORLIN, 2021, p.43). Atualmente, a medicina classifica corpos que não se encaixam

¹⁶ “Connecticut and the 19th Amendment”. Disponível em: <<https://www.nps.gov/articles/connecticut-and-the-19th-amendment.htm>>. Acesso em 03 ago. 2021.

enquanto “fêmea” ou “macho” como intersexuais. Uma classificação genérica e pouco estudada, cujo objetivo pende mais para a necessidade de apontar quais corpos precisam de uma conformação adicional de sexo para que se encaixem no binário normativo. Fausto-Sterling (1993) é generosa e afirma que a comunidade médica tem objetivos bons por trás dessa decisão, isto é, o “encaixe” psicológico e físico dessas pessoas na sociedade, evitando sofrimentos psicológicos presumidos. Contudo, como ela destaca, “não fica evidente se a dor é da paciente, dos pais ou do médico” (FAUSTO-STERLING, 1993, p.27).

O que sabemos é que pessoas chamadas intersexuais borram a distinção entre os sexos, entendida como natural. Intersexuais têm corpos ingovernáveis pois desestabilizam a sensação de naturalidade do sistema sexo-gênero. Preciado (2014) observa que, diferente de outras áreas da vida humana, incluindo o próprio corpo, o sexo parece uma área intocada pela tecnologia em sua “natureza”. Por que será?

O sistema sexo/gênero, ao contrário, mesmo quando seu caráter histórico não natural e construído tenha sido posto amplamente em evidência durante os anos oitenta e noventa, continua sendo descrito como uma estrutura estável, resistente à mudança e às transformações. Por isso, o sexo pode aparecer como o último resquício da natureza, depois das tecnologias terem cumprido seu trabalho de construção do corpo. (PRECIADO, 2014, p.147)

Como vimos, no início do capitalismo o corpo foi colocado em oposição à natureza. Demonizá-lo e criar a necessidade de contê-lo, fazia sentido aos “objetivos estratégicos” da igreja, da nobreza e da burguesia. A constituição física dos homens, supostamente natural, era constantemente comparada e impingida a comportar-se como máquina. Contudo, havia-se ultrapassado a esfera punitiva. O biopoder, como nomeou Foucault (1999) era baseado em dados, uma verdadeira arte de governar a vida, que tinha no sexo e na sexualidade sua centralidade.

Uma tecnologia política geral transformada em arquiteturas disciplinadoras (prisões, quartéis, escolas, hospitais etc.), textos científicos, tabelas estatísticas, cálculos demográficos, manuais, recomendações de uso, calendários de regulação reprodutiva e projetos de saúde pública. (PRECIADO, 2018a, p.75)

A tecnologia¹⁷ definia o grau de cultura, de racionalidade e progresso do colonizado pelo colonizador e prolongavam a capacidade de ação masculina, inclusive substituindo-o. Em

¹⁷ Quando fala de tecnologia, Preciado (2014) se inspira nos contornos dados por Foucault (1999): dispositivos de poder com efeitos “nos corpos, nos comportamentos, nas relações sociais”, ou seja, dispositivos que produzem posições

contraste, o corpo reprodutor não era capaz de ser reproduzido, e na busca de contê-lo, foi colocado em contraste ao tecnológico do homem.

Nas narrativas colonialistas dominantes, as mulheres e os ‘indígenas’ que não têm acesso ou carecem de tecnologia são descritos como se fizessem parte da ‘natureza’ e se transformam, por essa razão, nos recursos que o ‘homem branco’ deve dominar e explorar. (PRECIADO, 2014, p.148)

Preciado (2014) afirma que a antropologia clássica não reconhece as técnicas de gestação e educação desenvolvidas pelas mulheres africanas como tecnologia e, assim, o corpo feminino é tido como privado de sofisticação instrumental, definido apenas como “sexo”. O autor questiona a divisão entre tecnologia masculina e natureza feminina, já que esta última estaria, desde cedo, contemplada por tecnologias culturais como os próprios regimes de contracepção e os tratamentos médicos ou religiosos do parto. Antes do século XVIII, o aborto e o infanticídio não eram regulados pelo Estado, “mas por diferentes micropoderes econômicos-políticos aos quais os corpos gestantes se encontravam ligados em cada caso – a tribo, a casa feudal, o *pater familias* etc.”¹⁸ (PRECIADO, 2018, p.80).

O regime soberano enxergava que em um sistema monossexual: existia o homem e “uma versão menos importante do corpo do homem”, a mulher (LAQUEUR, 2001, p.8). Este modelo de sexo único, como chama o historiador Thomas Walter Laqueur (2001) em *Inventando o Sexo*, dominou a ideia de diferença sexual da Antiguidade Clássica até o final do século XVII. Durante esse período, o corpo era como “um ator no palco, pronto para desempenhar os papéis que a cultura lhe atribui.” (LAQUEUR, 2011, p.74). As oposições homem e mulher contrastavam-se em uma carne única que não era inerente a eles próprios. A ordem e a hierarquia eram impostas de fora para dentro e mudaram ao longo do tempo. Isso soma-se, a como vimos na caça às bruxas, a sexo ser

de sujeito. (FOUCAULT, 1999, p.119). Contudo, Preciado (2014) acrescenta que estas tecnologias também podem ser espaços de transgressões, sendo possível transformá-las de técnicas de dominação a técnicas de construção de identidade. “Toda técnica que faz parte de uma prática repressiva é suscetível de ser cortada e enxertada em outro conjunto de práticas, reapropriada por diferentes corpos e invertida em diferentes usos, dando lugar a outros prazeres e a outras posições de identidade.” (PRECIADO, 2014, p.108).

¹⁸ Existe uma corrente de feminismo que, contudo, reflete sobre uma natureza essencialista, isto é, algo de natural fundamental no corpo feminino, porque vê nas tecnologias o exato controle e gestão descritos por Foucault (1999). Mas existem alguns problemas nessa lógica, como considerar verdadeira a ligação masculina com a tecnologia, e não um produto da história política que, se vale exatamente dessa lógica binária natural versus tecnológico para continuar dominando corpos que produzem corpos. Este feminismo enxerga no feminino algo sagrado, e, apesar de bem intencionado, acaba geralmente por fortalecer a ideia de que “a mulher foi feita para a procriação” e “fracassa ao não empreender as análises desconstrutivistas do homem e da masculinidade enquanto gênero, construído, por sua vez, também tecnológica e socialmente.” (PRECIADO, 2014, p.153).

igual a poder. O padrão de representação era o homem, sendo a mulher uma inversão dele (muitas vezes, a própria vagina era tida como um pênis invertido) (LAQUEUR, 2001).

Em um mundo público predominantemente masculino, o modelo de sexo único apresentava o que já era muito evidente na cultura mais genérica: o homem é a medida de todas as coisas, e a mulher não existe como uma categoria distinta em termos ontológicos. (LAQUEUR, 2011, p.75)

Então, “no começo do século XVIII, ganha forma um regime sexopolítico novo e visual, dependente de um ‘sistema de oposições’ – e já não de ‘similaridade’” (PRECIADO, 2018a, p.81). Ainda que as ideias sejam completamente diferentes, inclusive em suas consequências, Laqueur (2001) adverte que não foi um processo estanque, nem lógico. Para o autor é possível que o sexo único e a diferença sexual sempre tenham sido hipóteses para aqueles que pensavam sobre a diferença. “A diferença e a igualdade mais ou menos recônditas estão por toda parte; mas quais delas importam e com que finalidade, é determinado fora dos limites da investigação empírica” (LAQUEUR, 2001, p.21), ou seja, não existe uma evolução biológica que, de repente, passou a observar uma diferença antes não vista, o que aconteceu foi uma mudança de olhar. O autor exemplifica citando que foi só em 1759 que se buscou reproduzir um esqueleto feminino detalhado num livro de anatomia para mostrar as diferenças ao masculino, pois, nesse momento, passou a ser politicamente importante representar a diferença entre os sexos. “Quando as diferenças foram descobertas elas já eram, na própria forma de sua representação, profundamente marcadas pela política de poder do gênero.” (LAQUEUR, 2011, p.22).

Esse novo regime foi responsável por estabelecer que o sexo feminino não era equivalente ao masculino, mas inteiramente diferente, com sua própria lógica anatômica. De social, o sexo passou a ontológico, ou seja, a sexualidade representava e legitimava a ordem social. Além da diferença sexual e da gestão política da sífilis, Preciado (2018) elenca como movimentos que dão início ao regime disciplinar a repressão da masturbação e a produção da identidade sexual, que tem seu auge “em 1868 com a patologização da homossexualidade e a normatização burguesa da heterossexualidade” (PRECIADO, 2018a, p.82).

A criação da palavra “homossexual” aconteceu, contudo, em um cenário oposto ao patológico. Em 1868, o autor e tradutor Kertbeny Károly Mária, concede a palavra na troca de cartas que realizou entre 1864 e 1868 com Karl Heinrich Ulrich, um alemão que acreditava que homens que amavam homens eram de um terceiro gênero, pois, em espírito, eram mulheres

(TAKACS, 2004). Já Kertbeny apreciava a ideia de que as pessoas deveriam ter o direito de se relacionar conforme desejassem sem intervenção do Estado. Para ele, as prisões por relações homossexuais apenas levavam a corrupção e a chantagens (TAKACS, 2004). Infelizmente, como escreve Takacs (2004), tão rápido a palavra se popularizou, também se tornou impopular. “Provavelmente, a crescente popularidade da palavra homossexual no círculo médico, e principalmente psiquiátrico, levou ao fato de que seu contexto original – oposto ao paternalista estado de intervenção na vida privada das pessoas.” (TAKACS, 2004, p.31, tradução nossa).

Um dos responsáveis pela difusão do termo “homossexual” foi o psiquiatra Richard von Krafft-Ebing, que escreveu, em 1886, *Psychopathia Sexualis*, uma obra cujo objetivo era definir o sexo desejável, o “heterossexual”, e o desviante. Como explica Elsa Dorlin (2021), em *Sexo, gênero e sexualidades*, atos desviantes podiam ser tanto aqueles “homossexuais” quanto aqueles “heterossexuais” que não objetivassem a reprodução.

Todas as “patologias” sexuais, a começar pela homossexualidade – mas também as patologias heterossexuais, como o fetichismo ou qualquer ato não procriador, por exemplo –, serão definidas como uma perversão do instinto sexual, ou mesmo como uma inversão da identidade sexual. Doravante, a heterossexualidade designa exclusivamente, e de forma duradoura, a heterossexualização do desejo erótico e a predisposição à reprodução. A heterossexualidade tem como postulado, portanto, a diferença sexual. (DORLIN, 2021, p.39)

Assim, a anatomia passa a não ser a totalidade do sexo, mas sim parte de um todo formado pelos “processos de sexuação, a procriação (os órgãos reprodutivos macho e fêmea) e a sexualidade” (ibid.). Para a autora, o sexo biológico sempre esteve atrelado ao gênero e à gestão social da reprodução.

Krafft-Ebing (2011) transforma o sodomita recorrente em uma “espécie”, o sujeito homossexual (FOUCAULT, 1999). Em uma passagem, o psiquiatra admite que a “infelicidade” homossexual viria de fora, e não de dentro do corpo: “A maioria dos homossexuais são felizes seu desejo e impulso sexual perverso, ficando infelizes apenas quando as barreiras legais os impedem de satisfazerem seus desejos pelo mesmo sexo.” (KRAFFT-EBING, 2011, p.432, tradução nossa).

Importante perceber que, quando se falava em desejo homossexual patológico, contudo, não eram mencionadas pessoas designadas mulheres ao nascer. E por quê? Jeffrey Weeks (2002), em *Sexuality and its Discontents*, relembra que “o lesbianismo antes do século atual, fundia-se muito mais facilmente com os padrões de interação entre as mulheres: silencioso porque

impensável, mas presente como parte dos laços criados pela experiência comum da feminilidade.” (WEEKS, 2002, p.93).

É impossível separar a definição das condutas sexuais desviantes dos esforços acerca da masturbação. Em 1760, o médico suíço Samuel Auguste Tissot publica *O Onanismo*, onde escreve que a perda de alguns mililitros de sêmen na masturbação enfraqueceria mais o corpo do que uma perda quarenta vezes maior de sangue. A masturbação provocaria um desperdício de energia corporal e poderia levar a inúmeras doenças (TISSOT, 1832). O autor reserva um capítulo específico para a masturbação feminina, diferenciando e direcionando os efeitos nocivos aos que ele chama de “uma menor inclinação para o coito legalizado”. Tissot (1832) acreditava que havia uma relação causal entre a masturbação e indiferença ou a extinção do desejo entre uma mulher e seu marido, o que deixa claro que o real problema para as mulheres era a inconveniência causada ao homem.

Mais de cem anos depois, o psiquiatra Krafft-Ebing (2011) também escreve sobre os perigos do onanismo, representando um medo que a comunidade médica ainda guardava. Em uma passagem, o autor diz que alguns tipos de psicose podem ser autoinduzidos pela masturbação e que em homens saudáveis, o pênis e talvez a pele da região genital seriam áreas hiperestésicas (sensíveis). Contudo, “em condições patológicas, o ânus poderia se tornar uma área ‘hiperestésica’.” (KRAFFT-EBING, 2011, p.86, tradução nossa). Em resumo, o medo por trás da masturbação era que a “mão masturbadora” atrapalhasse o coito heterossexual, a geração da gravidez e o parto como atividade que livra para o mundo o resultado da reprodução, processo no qual o trabalho sexual se torna capital reprodutivo. O sexo anal, assim como a masturbação são improdutivos.

O ânus, como centro de produção de prazer (e, neste sentido, intimamente relacionado à boca ou à mão, órgãos que serão também fortemente controlados pela regulação sexopolítica do século XIX contra a masturbação e a homossexualidade) não tem gênero. Nem feminino nem masculino, o ânus produz um curto-circuito na divisão dos sexos. (PRECIADO, 2018, p.79)

São criados, então, diversos objetos cujo design tinha o objetivo de evitar o contato e a substituição da mão pela autonomia sexual dos órgãos genitais, como cintos que evitavam que meninos e meninas se masturbassem à base de cadeados (PRECIADO, 2014, p.107). Em artigo para o jornal Folha de São Paulo, Contardo Calligaris (2003) diz que alguns pais também

amarravam as mãos das crianças às camas e que algumas pessoas tiveram seus clitóris queimados com ferro quente. O psicanalista recapitula que a psicanálise, mais tarde, dividiu-se entre ver a masturbação negativamente (como a origem da neurastenia, isto é, do cansaço físico e mental extremo), quanto trivial (um momento infantil da sexualidade). Na vida adulta, diz Calligaris (2003), a masturbação era vista pela psicanálise apenas como um vergonhoso sinal de escassa maturidade. De qualquer forma, passou a existir sobre a masturbação uma atenção importante e com ela, o desenvolvimento de dispositivos exteriores (objetos ou vexação social) que, como observado por Foucault, assumiram a forma de um panóptico, guardando a sexualidade de todas as direções possíveis e imagináveis (PRECIADO, 2014).

Porém, com os saltos tecnológicos abriram-se possibilidades de incorporação desse panóptico. No segundo modelo de produção do sexo observado por Preciado (2018), são percebidas mudanças profundas nas tecnologias de produção do corpo e da subjetividade com o começo da Segunda Guerra Mundial, conceitualizando um terceiro regime de subjetivação, complementar aos regimes soberano, do disciplinar e do biopoder: o farmacopornográfico. É importante lembrar que, para o autor, apesar de posterior historicamente, esses três regimes não se apagam, mas sim se sobrepõem em técnicas diferentes e conflitantes que em suas ficções somáticas tão reais, se expressam no próprio corpo. Essas novas tecnologias, produções em biotecnologia, cirurgia, endocrinologia, engenharia genética, por exemplo, e representações, avanços na fotografia, cinema, televisão, internet, videogame, entre outras, passam a fazer parte da vida e rapidamente tornam-se indispensáveis, como verdadeiras partes do corpo. “Esta é a era das tecnologias suaves, ligeiras, viscosas e gelatinosas que podem ser injetadas, inaladas – ‘incorporadas’.” (PRECIADO, 2018, p.85). Para o autor, o corpo já não simplesmente habita espaços disciplinadores, mas é também por eles habitado.

3.2 A INCORPORAÇÃO DA TECNOLOGIA DE GÊNERO

Preciado (2018) chama de farmacopornográfico o regime pós-industrial pautado no governo da subjetividade sexual. De acordo com o autor, entre as décadas de 1940 e 1960, a economia mundial inventou e passou a depender da produção e comercialização de moléculas sintéticas que constroem e modificam o gênero, de um fluxo de imagens pornográficas e da elaboração de psicotrópicos legais e ilegais.

A tecnociência estabeleceu sua autoridade material transformando os conceitos de psiquismo, libido, consciência, feminilidade, masculinidade, heterossexualidade, homossexualidade, intersexualidade e transexualidade em realidades tangíveis, que se manifestam em substâncias químicas e moleculares comercializáveis em corpos, em biótipos humanos, em bens tecnológicos geridos pelas multinacionais farmacêuticas. (PRECIADO, 2018a, p.37)

No período pós Segunda Guerra Mundial são realizados pesados investimentos em estudos e experimentos sobre sexo e sexualidade, especialmente nos Estados Unidos. Segundo Preciado (2018a, p.27), “a aplicação de vigilância e biotecnologias para governar a sociedade civil começou no final da década de 1930: a guerra era o melhor laboratório para moldar o corpo, o sexo e a sexualidade”.

A Segunda Guerra trouxe modificações sociais significativas. Com os homens em guerra, as mulheres tomaram o espaço público. Hoje ressignificado como um símbolo feminista, o cartaz do designer gráfico J. Howard Miller, que exhibe uma mulher com um lenço vermelho na cabeça e com o braço forte à mostra, buscava incentivar que mais mulheres aceitassem trabalhar nas fábricas, evitando que a produção do país caísse completamente. A famosa frase “*You can do it*” (“Você pode fazer isso”, em inglês), uma campanha do governo para modificar, temporariamente, a lógica da mulher do lar, deu certo: “nos EUA, em 1890, a porcentagem total de mulheres na força de trabalho era de 17% e em 1944, já era 35,4%.” (BAKKER, 2014).

Além das modificações nas normas de gênero, também houveram tensões sobre sexualidade, com a homossexualidade passando a ser vista inclusive no exército. Gilbert Bradley foi um soldado inglês que trocou muitas cartas com Gordon Bowsher durante toda a Segunda Guerra Mundial sem que seu parceiro pudesse, contudo, assinar a carta com seu nome completo. Na época a homossexualidade era um crime. Pessoas que tivessem sua homossexualidade descoberta eram dispensadas com desonra, além de perder o direito ao voto, de participar de qualquer organização de veteranos ou de receber quaisquer benefícios que eram concedidos àqueles que haviam servido à pátria (NATIONAL COUNCIL FOR MENTAL HYGIENE, 1949). “Não seria maravilhoso se todas as nossas cartas pudessem ser publicadas no futuro em uma época mais iluminada. Então, todo o mundo poderia ver o quanto estamos apaixonados”, diz um dos registros (BELL, 2017, tradução nossa).

A perseguição da homossexualidade, considerada antinacionalista, se deu de forma paralela à perseguição contra o comunismo, tendo sido inspirada pelo trabalho do senador Joseph Raymond

McCarthy. Combater sexualidades desviantes exaltava os valores familiares do trabalho masculino e da maternidade doméstica, tão interessantes para fixar as normas de gênero e trazer a mulher de volta para dentro do lar (PRECIADO, 2018a).

A indústria da guerra e as técnicas necropolíticas foram, progressivamente, se tornando indústrias bioquímicas que exploravam a *potentia gaudendi*, isto é, a “força orgásmica”, um novo conceito de força de trabalho, ou um novo poder capitalista global, sugerido por Preciado (2018). Para o autor, *potentia gaudendi* é a soma de toda a potência de excitação inerente à toda molécula material, ela não tem gênero nem está limitada aos ditos órgãos sexuais. “É uma força de transformação do mundo em prazer - ‘prazer com’.” (PRECIADO, 2018a, p.45).

Foucault (1999) percebeu que o sexo na modernidade não foi simplesmente reprimido. As repressões eram peças com uma “função local e tática numa colocação discursiva, numa técnica de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a isso.” (FOUCAULT, 1999, p.17). A colocação do sexo em discurso causou uma crescente excitação. Para Preciado (2018) essa excitação foi se transformando em uma questão central da economia, tal é o atual *hub* de produtos serviços, “ampliada pelo desenvolvimento das mídias globais e das biotecnologias, produtos do novo capitalismo” (FERNANDES, 2020, p.1005). Tudo isso está a serviço, e se servindo, do gozo.

O que o capitalismo atual tenta colocar para trabalhar é a *potentia gaudendi*, seja qual for a forma em que exista: seja na forma farmacológica (uma molécula consumível e um agente material que vai operar dentro do corpo da pessoa que a está absorvendo), na forma de representação pornográfica (um signo semiótico-técnico que pode ser convertido em dado numérico ou transferido para mídia digital, televisiva ou telefônica) ou na forma de serviço sexual (uma entidade farmacopornográfica viva, com sua força orgásmica e seu volume afetivo colocados a serviço de um consumidor por determinado tempo, de acordo com um contrato mais ou menos formal de vendas de serviços sexuais). (PRECIADO, 2018a, p.45)

Para Preciado (2018), o corpo funciona hoje como uma extensão das tecnologias globais de comunicação, e têm seu valor enquanto integráveis na bioeletrônica da excitação global. Tal corpo, um tecnovivo conectado, pode ser lido como uma exploração farmacopornográfica.

A fim de que a discussão se torne menos abstrata, e que seja possível de fato refletir sobre os processos que vão além dos performativos, construídos pelas linguagens e práticas, mas também sobre os processos “técnicos e biológicos de construção política”, iremos percorrer pelas principais invenções da era farmacopornográfica, observando a profusão de invenções envolvendo sexo, gênero e sexualidade que se seguiram (PRECIADO, 2010, p.7).

Em 1922 a camisinha moderna, de látex e sem costura, começa a ser produzida em massa na Alemanha pela empresa Fromms Act, de Julius Fromm. Ainda que mal vista pelo governo e pela Igreja, o dispositivo profilático, como era chamado por seus defensores, foi se tornando popular no período pré-Segunda Guerra Mundial (ALY; SONTHEIMER, 2009). A sociedade europeia mostrava-se cada vez mais aberta a formas de evitar não só a reprodução, como a disseminação de ISTs como a sífilis e, com isso, os produtos de Fromm eram vendidos aos milhares (ALY; SONTHEIMER, 2009, p.12). Aly e Sontheimer (2009) contam, em *Fromms: How Julius Fromm's Condom Empire Fell to the Nazis*, que ainda que a camisinha tenha sido feita pensando em uso pessoal, ela teve consequências sociais. “A camisinha ajudou a eliminar a tradicional união entre sexualidade e reprodução e facilitou a promiscuidade, a experimentação sexual e o erotismo liberado dos confins da vida familiar do dia a dia.” (ALY; SONTHEIMER, 2009, p.11, tradução nossa).

Em 1941, Premarin, o primeiro hormônio de estrogênio obtido a partir da urina de éguas prenhas, foi lançado no mercado. Apesar de poder ser obtido também na urina humana, os cientistas do laboratório Ayerst, McKenna & Harrison entenderam que as éguas urinavam mais e, por isso, os custos eram menores (RITTER, 2005). Em 1951 a Noretindrona foi sintetizada em laboratório, tornando-se, nos anos seguintes, o principal componente da pílula anticoncepcional, que viria às farmácias alguns anos mais tarde.

Entre os anos de 1946 e 1949, o médico Harold Gilles cria um biopênis para o paciente Michael Dillon, o primeiro homem transgênero a tomar testosterona e ser submetido a treze cirurgias de redesignação sexual (BRISTOL MUSEUM & ART GALLERY, 2021). As técnicas utilizadas pelo Dr. Gilles foram inspiradas nas reconstruções de corpos destruídos pelas bombas da guerra. Enquanto a cirurgia de Dillon permaneceu secreta durante anos, a de Christine Jorgensen, uma mulher transgênero operada em 1952, foi amplamente discutida pela imprensa.

Em 1941, George Henry desenvolve o *Sex Variants - A Study of Homosexual Patterns*, um estudo quantitativo de massa de mais de mil páginas sobre a história pessoal e familiar, incluindo desenhos realistas do corpo e de exames de 80 entrevistados homossexuais. A busca por um “tipo” não foi, contudo, vitoriosa: o estudo é inconclusivo e indica que a variante sexual ainda precisa de mais estudos e que o leitor deveria tirar suas próprias conclusões (NATIONAL COUNCIL FOR MENTAL HYGIENE, 1949). Entre 1950 e 1960, o médico Harry Benjamin sistematiza o uso clínico de moléculas hormonais para pacientes transexuais. Em 1954 definiu o que seria o

“transexualismo”, uma condição, segundo ele, curável. Ao estabelecer o centro como a coerência entre sexo e gênero, o Dr. Benjamin definiu o que era a “periferia”. Benjamin não questionou a lógica entre “normal” e “desvio”, mas a alimentou. Como destaca Richard Ekins (2005), este e outros médicos “transexualizadores” tentavam “aliviar a angústia individual em um mundo imperfeito. Se, ao fazer isso, eles reforçavam uma divisão binária de gênero supostamente obsoleta, que assim fosse.” (EKINS, 2005, 322, tradução nossa).

Somando a tais esforços normatizadores e poucos questionadores, em 1957, o pediatra e psicólogo John Money cunha o conceito de gênero, “para denominar o pertencimento de um indivíduo a um grupo de comportamento e expressão corporal culturalmente conhecido como masculino ou feminino” (PRECIADO, 2018, p.29). A “categoria gramatical de gênero”, se tornou uma ferramenta clínica de diagnóstico (PRECIADO, 2018, p.109) quando Money estabeleceu a hipótese de que era possível mudar o sexo de um bebê até os 18 meses. Ele logo teve a oportunidade de testá-la com uma cobaia viva, o bebê Bruce Reimer, que, durante uma circuncisão, perdeu parte de seu pênis. O médico acreditava que Bruce seria infeliz caso vivesse a vida como um homem sem pênis e sugeriu aos pais que a criança fosse criada como menina, afinal, para ele gênero e sexo (sendo sexo a expressão visual de um órgão externo, já que o bebê possuía o aparelho dito reprodutor masculino interno), precisavam “andar juntos”. A partir de uma lógica binária e heterossexual, Money conduziu a alteração do corpo de Bruce para que ele se conformasse “a uma ordem visual e biopolítica preexistente” (PRECIADO, 2018a, p.110). De acordo com Corrêa (2008), o pai de Bruce acabou lhe contando a verdade ao ver o menino completamente infeliz com as repetidas cirurgias de redesignação sexual e experiências de pedagogia de gênero e sexuais que foi submetido até a puberdade. Bruce então reverte sua feminilização e assume o nome de David. Para sua infelicidade contudo, ele descobre que seu caso estivera servindo de protocolo, o “Protocolo Money”, “e que tal operação continuava a ser rotineiramente feita nos hospitais norte-americanos, em casos de crianças nascidas com ‘sexo ambíguo’ (intersexuais) ou de meninos com ‘micro-pênis’” (CORRÊA, 2008, p.4). Apesar de considerado “biologicamente normal”, em comparação à bebês intersexo, considerados pelo psiquiatra como “biologicamente anormais”, Bruce possuía uma “anomalia genital” que precisava ser “tratada”. “Money realizou em Bruce uma das primeiras operações no âmbito do que se tornaria, alguns anos mais tarde, o tratamento médico da transexualidade.” (DORLIN, 2021, p.37).

Pode-se perceber, assim, a necessidade da literal extirpação do sexo-gênero (para a comunidade médica, até este momento, entendida como uma unidade) masculino quando este não se apresenta de forma clara. Pelo contrário, o feminino sempre pode ser “desconstruído”, ficando sugerido que todo pênis conserva uma potencial vagina.

Money estava preocupado em designar um “sexo” às crianças nascidas ambiguidade sexual. Esse procedimento não significava que um processo físico-anatômico da sexuação da criança não havia existido, mas sim que ele havia funcionado “mal” e que seria necessário designar a ela um sexo “correto”.

Graças às operações cirúrgicas, aos tratamentos hormonais, ao acompanhamento psicológico, o “sexo correto” consiste essencialmente em um aparelho genital macho ou fêmea “plausível”, em um comportamento sexual coerente, a começar pelo comportamento sexual que deve ser “normalmente” heterossexual. Ora, é precisamente diante do “êxito” de tais procedimentos de redesignação que alguns especialistas da intersexualidade serão levados a considerar que o sexo biológico (em particular, no caso das crianças intersexo, mas também no que concerne aos indivíduos de modo geral) é um fato relativamente flexível, aleatório e pouco restritivo em matéria de identidade sexual, isto é, de papéis de gênero e comportamentos sexuais. (DORLIN, 2021, p.36)

Ao criarem as categorias intersexo e transgênero, os psiquiatras dos anos 50 e 60 também estavam definindo papéis e comportamentos daqueles gêneros e sexos e afirmando que a coerência entre eles era fundamental para um funcionamento biológico correto.

Contudo, quando John Money declara que o comportamento sexual ou a orientação para o “sexo macho” ou “sexo fêmea” não tem um fundamento inato, é plástico e pode ser construído por intervenções técnicas externas. “Isso coloca em questão não apenas a causalidade ‘natural’ do sexo (macho e fêmea) em relação ao gênero (homem e mulher) e à sexualidade (heterossexualidade) [...], mas a nossa própria definição de sexo biológico.” (DORLIN, 2021, p.38).

Dorlin (2021) sugere que a popularização do termo gênero se deu, contudo, por Robert Stoller que, em 1954, fundou a *Gender Identity Research Clinic* e, um ano depois, propôs a distinção entre sexo biológico e identidade sexual, isto é, “o fato de se perceber homem ou mulher e de se comportar de acordo com essa percepção”. Mais tarde, essa distinção foi retomada por ele em termos de “sexo” e “gênero” (DORLIN, 2021, p.37).

Então, em 1959, Stoller foi procurado por uma paciente com “aparência feminina e com seios, apesar de ter um aparato genital masculino completo” (CORRÊA, 2008, p.6). Explicando ao médico que era uma mulher em um corpo parcialmente masculino, Stoller concordou em lhe

realizar e uma cirurgia de redesignação sexual foi feita. Corrêa (2008) conta que, mais tarde, a paciente explicou que havia tomado estrogênio de sua mãe desde os 12 anos de idade. A comunidade médica entendeu que seu corpo era intersexual – e não transexual – e que, portanto, estava apto a ser submetido a uma cirurgia de redesignação.

Em 1960, a Enovid, a primeira pílula anticoncepcional foi comercializada pelo laboratório Searle & Co. Preciado (2018) explica que a molécula farmacêutica mais usada na história da humanidade, foi a primeira técnica bioquímica capaz de separar a prática heterossexual da reprodução. O sexo heterossexual não produzia mais, necessariamente, a força trabalhadora (PRECIADO, 2018a, p.30). Pouco se fala, contudo, que os testes dos primeiros métodos contraceptivos foram no controle das populações não brancas da América Central, objetivo muito longe da liberdade sexual exaltada pelo feminismo.

Dr. Rock e outro pesquisador pioneiro da pílula, Dr. Gregory Pincus, olharam para Porto Rico e para aquela mistura perfeita de superpopulação e nenhuma lei proibitiva. O primeiro teste real em grande escala da pílula foi realizado em 1956 em Rio Piédras, um projeto habitacional porto-riquenho. Às mais de 200 mulheres envolvidas nos testes clínicos recebem pouca informação sobre a segurança do produto que lhes foi dado. (US National Library of Medicine National Institutes of Health, 2012, tradução nossa)

Dois anos depois, em 1962, Timmie Jean Lindsey concordou em ser a primeira pessoa a colocar implantes de silicone nos seios. Os médicos Frank Gerow e Thomas Cronin tiveram a ideia após apertarem uma bolsa de sangue e pensarem que a consistência “lembrava muito seios femininos” (BOWES, HEBBLETHWAITE, 2012, tradução nossa). Antes disso, nos anos 1950, já haviam sido feitos implantes com esponjas – técnica descontinuada após perceberem que o material encolhia e enrijecia. O início, contudo, foi no Japão. Buscando satisfazer as tropas americanas durante a Segunda Guerra, prostitutas injetavam silicone roubado de docas de Yokohama diretamente em seus peitos. Segundo Bowes e Hebblethwaite (2012), “tais injeções tinham efeitos colaterais horríveis [...] com gangrena se instalando ao redor da região da aplicação”.

Em 1974, o soviético Victor Kalnberz cria e patenteia um implante peniano com varetas plásticas que buscavam resolver a falta de ereção (PRECIADO, 2018). Mais tarde, em 1998, a invenção foi vencida economicamente pela droga americana Viagra. O sildenafil, um comprimido azul comercializado pela Pfizer, era uma alternativa mais simples e menos dolorosa que o implante, que logo se tornou um sucesso de vendas (GAUCHAZH, 2018).

É importante citar que durante essas décadas houveram também grandes investimentos e resultados na indústria pornográfica. Em 1953, Hugh Hefner cria a Playboy e traz o sexo para as bancas de jornal no formato de revista. A edição inaugural contava com Marilyn Monroe na capa, apesar da atriz nunca ter consentido sobre a utilização das fotos para a Playboy (MALVA, 2020). De acordo com Preciado (2020a), a Playboy surgiu em um momento no qual não só as mulheres não cabiam mais no papel de dona de casa e (re)produtora do lar e da família desempenhado até o momento anterior à guerra, mas também os homens já não se identificavam com o papel de provedor e enfrentador de desafios do mundo exterior. O “playboy” criado por Hefner não era mais o homem de família monossexual, nem o devoto aos valores morais da família, mas sim um homem pós-doméstico, ressexualizado e acompanhado das *playmates*: as “vizinha da porta ao lado”, uma companheira sexual apartada da “esposa”. A Playboy propunha a esse novo homem “uma redefinição da masculinidade baseada no consumo, na vida urbana e na maximização de seus encontros heterossexuais” (PRECIADO, 2020a, p.62). Além da simples pedagogização do sexo, a revista reforçou noções de gênero e indicou quais tipos de corpos femininos eram desejáveis.

Em 1972, o filme *Garganta Profunda*¹⁹ foi lançado, sendo um dos primeiros pornôs a alcançar grandes audiências. Segundo o G1 (2006), o filme figura hoje, junto com *Psicose* e *Shrek*, como um dos mais importantes do mundo. “A partir desse momento, a produção de filmes pornôs explodiu: de trinta lançamentos clandestinos em todo país em 1950 para mais de 2500 novos títulos em 1970.” (PRECIADO, 2018, p.31).

Segundo Preciado (2018), os esforços empreendidos pela indústria na segunda metade do século XX, as experimentações, tipificações e patologizações com seres humanos, não revelam senão uma crise epistêmica. Para o autor, “não há nada a ser descoberto no sexo ou na identidade sexual; não há segredos escondidos; não há interior” (PRECIADO, 2018, p.38). Com o que foi experimentado no pós-guerra, percebeu-se que era possível transformar em lucro o potencial orgásmico de todo ser humano cuja subjetivação foi produzida por esse sistema. Uma vez que o sujeito acredita ser homem ou mulher e precisa manter sua subjetividade, ou alterá-la, existem muitas opções disponíveis. Existe a possibilidade ainda, do ser humano se valer dessa nova lógica de geração de capital e colocar sua própria força orgásmica à venda. A era farmacopornográfica é

¹⁹ GARGANTA PROFUNDA. Direção: Gerard Damiano. Produtora: Magnus Opus. Estados Unidos, 1972. (61 min). Título original: *Deep Throat*. Informações disponíveis em: <https://www.imdb.com/title/tt0068468/>. Acesso em: 3 ago. 2021.

paralela ao surgimento de leituras feministas do gênero e também de sua negação completa, como será visto a seguir.

4. A TOMADA DE CONSCIÊNCIA FEMININA, *QUEER* E NÃO BINÁRIA

“Se as deixarmos votarem, será uma perda da estrutura social”. No filme *As Sufragistas*, de 2015, esta é uma das respostas masculinas à luta das mulheres pelo voto. O filme aborda uma das primeiras manifestações feministas da história, quando mulheres organizaram ações de desobediência civil e enfrentaram prisões e greves de fome. Algumas chegaram a perder a vida na luta (BOURCIER, 2021, p.21).

Nem sempre, contudo, a exclusão da voz feminina aconteceu por meio de violência simbólica. Como visto, no passado, a silencialização das mulheres, sua hipersexualização, depreciação e demonização, foram violências físicas das quais a “transição”²⁰ ao capitalismo dependeu (FEDERICI, 2017). Helene (2017) diz que, à medida os artefatos de docilização da mulher mais explícitos começaram a ser questionados, as máscaras se tornaram outras (HELENE, 2017). Em 1930, por exemplo, a “terapia do sorriso” era usada para tratar mulheres deprimidas. Consistia em colocar uma imagem de sorriso sobre a boca da pessoa paciente, fazendo-a assistir a si mesma “sorrir”. Como resultado, esperava-se uma diminuição da tristeza. Como é possível perceber, tratava-se o sintoma, mas não a causa. Criam-se instituições para lidar não só com o “problema feminino” – e com outros considerados anormais, como os loucos, os sodomitas etc. – sem nunca, contudo, olhar para a estrutura (HELENE, 2017). Questionar este pilar fundamental comprometeria o próprio sistema, suas regras e até mesmo a episteme.

4.1 A “QUESTÃO FEMININA” PASSA A SER A ESTRUTURA

Neste capítulo será exposto como o feminismo, enquanto movimento político e social, foi precursor no questionamento da organização e da origem do conhecimento, especialmente no que concerne às desigualdades pautadas na diferença sexual (HALL, 2019). É interessante recordar que a palavra feminismo não teve origem em um contexto de luta. Preciado (2020b) lembra que o termo foi inventado em 1831 por um jovem médico francês em sua tese de doutorado “Feminismo e

²⁰ Usamos transição entre aspas porque a palavra remete a um processo gradual e sutil, o que não aconteceu. O período foi violento e forçado, como mostra Federici (2017).

infantilismo nos tuberculosos”. A hipótese do Dr. Faneau de la Cour dizia que “o ‘feminismo’ era uma patologia que afetava os homens tuberculosos e produzia como sintoma secundário uma ‘feminização’ do corpo masculino” (PRECIADO, 2020b, p.119). Dessa forma, as primeiras feministas foram homens que o discurso médico considerou menos viris. Um ano depois, um escritor francês chamado Alexandre Dumas Filho retoma o termo e o utiliza de forma pejorativa contra homens próximos à luta feminina pelo voto (ibid.).

Posteriormente, as sufragistas reivindicam o termo patologizado e depreciado e transformaram-no em ação política. No fim do século XIX, debaixo de pedras, o feminismo tornou-se uma mobilização coletiva que buscava pela redução das desigualdades entre homens e mulheres (BOURCIER, 2021).

Apesar do movimento sufragista ser criticado por não perceber que os sujeitos do feminismo não sofriam todas as mesmas opressões e que um feminismo setorial, que não desafiasse a sociedade de maneira sistêmica, não iria mudar a realidade das mulheres no plural, houveram exceções. As irmãs Sarah e Angelina Grimké, por exemplo, defenderam a abolição da escravidão nos Estados Unidos (NATIONAL PARK SERVICES, 2015). Em 1836 Angelina escreveu *Apelo às Mulheres Cristãs do Sul*, um texto no qual implorava que as mulheres sulistas abraçassem a causa antiescravidão.

Eu sei que vocês não fazem as leis, mas eu também sei que vocês são esposas e mães, irmãs e filhas dos que escrevem; e se vocês acham que não podem fazer nada para que derrubemos a escravidão, vocês estão enganadas. (NATIONAL PARK SERVICES, 2015, tradução nossa)

Infelizmente, os esforços de Angelina tiveram o efeito contrário. Ela inspirou a ira das mulheres do sul e descobriu que as do norte acreditavam que as mulheres não deviam falar sobre algo tão polêmico quanto a escravidão. Por isso, sua irmã Sarah decidiu escrever cartas sobre igualdade dos sexos, nas quais ela exigia, por exemplo, “que as mulheres fossem admitidas ao estudo das línguas originais da bíblia a fim de produzirem outras interpretações não androcêntricas e sexistas dos textos.” (COLLING; TEDESCHI, 2019, p.682). Em 1830 elas passaram a ser criticadas não só pela forma como viam negativamente a escravidão, mas também por exigirem que as mulheres pudessem “ficar de pé no solo que Deus nos projetou para ocupar” (GREELANE, 2019).

Contudo, foram as mulheres negras que traduziram de maneira mais clara a forma como a opressão patriarcal²¹ as atingia de forma pior. Sojourner Truth foi uma abolicionista afrodescendente americana que nasceu escrava em 1797, em Nova York e que, após fugir com sua filha, passou a fazer discursos pelos direitos do povo negro por todo o país (TED-ED, 2020). Em sua fala mais famosa, “*Ain’t I a woman?*”²², ela se pergunta ironicamente se seria mesmo uma mulher, já que não recebia nem as mesmas gentilezas oferecidas às mulheres brancas.

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram nenhum “melhor lugar”! E não sou uma mulher? [...] Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem porque Cristo não era uma mulher! De onde o seu Cristo veio? De onde o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com Ele. Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres juntas aqui devem ser capazes de consertá-lo, colocando-o na posição certa novamente. E agora que elas estão pedindo para fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer. (WOMEN'S RIGHTS NATIONAL HISTORICAL PARK, 2017, tradução nossa)

No final da chamada “primeira onda” do feminismo, é publicado *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir, escrito em 1949. O cerne do pensamento da autora está na ideia de que o mundo está desenhado para o homem. A mulher seria a “outridade”, daí o “segundo sexo”, oposto ao universal. A autora se dedica a entender a origem e desmistificar a inferioridade feminina. É dela a famosa passagem na qual afirma que as mulheres não nascem “mulheres”, mas sim, são coagidas, através da socialização e das normas sociais, a se adequarem.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 1967, p.9)

Passada essa primeira confluência de demandas, o movimento entra em um segundo momento. A segunda onda é marcada por acontecimentos que sucederam Maio de 1968, um marco histórico europeu de revolta estudantil, trabalhista e política que clamava por renovação de valores

²¹ Opressão patriarcal refere-se àquela advinda da “forma de organização familiar e social em que um homem, o patriarca, submete os outros membros da família ao seu poder” (COLLING, TEDESCHI, 2019, p.578).

²² “Sojourner Truth: Ain't I A Woman?” Disponível em: <<https://www.nps.gov/articles/sojourner-truth.htm>>. Acesso em 06 ago. 2021.

que não representavam mais aquela geração (BASSETS, 2018). O Movimento de Libertação das Mulheres, acontecido dois anos depois, em 1970, reivindicava por “liberdade do corpo, em um sentido amplo, que incluía o controle sobre a própria fertilidade, o direito ao aborto e o direito ao próprio prazer, como a liberação sexual e a liberdade homossexual.” (RFI, 2020).

Dorlin (2021) cita que foi por volta de 1970 que o conceito de gênero emergiu no movimento feminista. Ann Oakley utilizou as pesquisas desenvolvidas por Money e Stoller e então as subverteu, inaugurando a ampla utilização do conceito pelas ciências sociais para definir “as identidades, os papéis (tarefas e funções), os valores, as representações ou os atributos simbólicos, femininos e masculinos, como produtos de uma socialização dos indivíduos” e não como efeitos de uma natureza (DORLIN, 2021, p.40).

Em *A tecnologia de gênero*, Teresa de Lauretis (2019) completa dizendo que no feminismo de 1960 e 1970, o conceito de “gênero” como diferença sexual serviu de base e sustentação para intervenções como “a crítica da representação, da releitura de imagens e narrativas culturais, do questionamento de teorias de subjetividade e textualidade, de leitura, escrita e audiência.” (DE LAURETIS, 2019, p.121). Nesse momento, o feminismo percebe que “o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente construídas” (BUTLER, 2016, p.21) e que ignorar as interseções em relação às quais o gênero é produzido, era ignorar as diferentes camadas que adicionam ou subtraem realidades e opressões.

As mulheres, então, se reúnem em grupos para traduzir coletiva e politicamente suas experiências pessoais. Monique Wittig esteve ativamente na rua, em Maio de 1968 e com o Movimento de Libertação das Mulheres, e também “na teoria”, publicando artigos e ficções. Entre eles está *As Guerrilheiras*, um livro de 1969 que fala sobre a possibilidade de usar o corpo como fonte produtiva de transformação, seja em sua expressão de gênero, em sua sexualidade ou na linguagem. A ficção é sobre mulheres que, por não praticarem a heterossexualidade e por criarem uma nova linguagem e gramática afastada da patriarcal, revelam outras formas de comunidades de afeto, não baseadas na binariedade dos sexos nem na sexualidade normativa (WITTIG, 2019). Para Wittig a linguagem funciona como “um conjunto de atos, repetidos ao longo do tempo, que produzem efeitos de realidade que acabam sendo percebidos como ‘fatos’” (BUTLER, 2016, p.200). Mudando a linguagem, Wittig acredita, se faz revolução.

Elas caminham até o mar e mergulham, o suor escorre pelo pescoço, sob as axilas, pelas costas. Ou, deitadas sob o sol, elas falam alto. Algumas delas, incapazes de ficar quietas, saltam pela areia e se empurram. Uma delas, nua, com tranças sobre os ombros, em pé diante de um grupo, recita a um fôlego só: será que o que existe de mais bonito na terra sombria é realmente um grupo de cavaleiros cujos cavalos seguem trotando ou uma tropa de infantaria martelando o chão? [...] Recuso-me a pronunciar as palavras de posse e de não posse. Elas dizem: se eu me apoderar do mundo, que seja para me desapoderar dele imediatamente, que seja para criar novas relações entre mim e o mundo. (WITTIG, 2019, p.98)

É da segunda onda o *slogan* “o pessoal é político”. Nesta época percebeu-se que “o casamento, o trabalho doméstico e a sexualidade não recaem somente na esfera privada” (BOURCIER, 2021, p.23), pois são partes relacionais das instituições e da gestão social. Ao incentivar a criação de laços de solidariedade entre as mulheres, o feminismo mostrou que era possível decifrar o caráter sistêmico da opressão (BOURCIER, 2021).

Como escreve Sam Bourcier (2021) em *Compreender o Feminismo*, o movimento também adaptou, flexionou e criticou as principais correntes que o atravessavam, como o marxismo. Federici (2017), por exemplo, acredita que as obras de Marx não analisam o trabalho doméstico em profundidade. Em *O Capital*, ainda que o autor utilize com frequência a palavra mulher para cumprir seu objetivo de criticar o capitalismo, denunciando as precárias condições de trabalho das mulheres, é possível encontrar apenas uma nota sobre o tema do trabalho doméstico feminino, o produtor da força de trabalho capitalista. Nessa menção a observação é breve.

Como certas funções da família, por exemplo, cuidar das crianças e amamentá-las etc., não podem ser totalmente suprimidas, as mães de família confiscadas pelo capital têm de arranjar substitutas mais ou menos equivalentes. Os labores domésticos que o consumo da família exige, como costurar, remendar etc., precisam ser substituídos pela compra de mercadorias prontas. Ao menor dispêndio de trabalho doméstico corresponde portanto maior dispêndio de dinheiro. Os custos de produção da família operária crescem, portanto, e contrabalançam a receita suplementar. Acrescente-se a isso que economia e eficiência no uso e na preparação dos meios de subsistência se tornam impossíveis. (MARX, 1996, p.29)

Para os marxistas, a luta de classes deveria estar acima de qualquer outra pauta, inclusive a feminista. Em seu raciocínio, os gêneros seriam marcas que desapareceriam com o advento de uma igualdade verdadeira (BOURCIER, 2021). Contudo, como conta Bourcier (2021), isso não aconteceu. Federici (2017) adiciona que a teoria marxista-leninista crê que as mulheres têm menor poder social, enquanto “donas de casa”, porque estão fora das relações capitalistas. Nesse raciocínio, desde que as mulheres se tornassem assalariadas, estariam equiparadas em poder social.

Ao refletir sobre a dupla jornada de muitas mulheres hoje, perceberemos que esta é uma visão míope que buscava deixar as demandas feministas “para outra hora”, apagando-as em sua importância. A própria historiadora reivindicou contra essa suposição.

Para muitas feministas, especialmente na Wages for Housework Campaign [Campanha por um salário para o trabalho doméstico], à qual me juntei em 1972, isso era inaceitável. Rejeitamos a suposição de que o caminho para a libertação das mulheres seria ocupar os mesmos empregos fabris que os trabalhadores estavam recusando. Sabíamos também dos esforços que os governos da Europa e da América do Norte tinham feito após 1945 para mandar as mulheres de volta ao lar e reconstituir a figura da dona de casa em tempo integral que havia sido minada pelo esforço de guerra. Não poderíamos, portanto, acreditar que o trabalho doméstico fosse um remanescente do passado, que não desempenhasse nenhuma função na organização capitalista do trabalho ou que nossa subordinação aos homens pudesse ser atribuída à nossa exclusão da “produção socialmente necessária” — como os marxistas ortodoxos, com base em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, de Engels, ainda sustentam. (FEDERICI, 2017, p.17)

Em resumo, o feminismo da segunda onda criticou as normas da feminilidade que limitavam as mulheres e as opressões que causavam as assimetrias entre o modelo de “masculinidade” e “feminilidade” esclarecendo que gênero era uma “fabricação histórica e cultural, que não estaria determinada por uma verdade ou um substrato, nem natural nem ontológico.” (PRECIADO, 2014, p.91). Porém, é também verdade que a segunda onda não pluralizou os próprios modelos, nem se questionou sobre a verdade do sexo e sim, se valeu da diferença sexual e dos conceitos de gênero (psicológico) e de sexo (biológico) para afirmar, por exemplo, que a feminilidade, munida de tecnologias de moda e cirúrgicas, seria constantemente construída e modificada. Enquanto isso, a masculinidade não precisaria se submeter às suas próprias criações tecnológicas. Nessa argumentação, o masculino é mais uma vez naturalizado como uma categoria pré-discursiva. Mas, dado os exemplos do Viagra e da Playboy citados anteriormente, sabe-se que este não é o caso.

Dorlin (2021) acredita que tal distinção entre sexo e gênero não investigou a arqueologia do gênero e, assim, manteve o sexo enquanto não histórico. De Lauretis (2019) ajuda a entender a limitação do pensamento desta época ao resumir que este queria “recuperar o potencial epistemológico radical do pensamento feminista sem sair dos limites da casa patriarcal.” (DE LAURETIS, 2019, p.122). Ao considerar o gênero como simples efeito de linguagem, “como puro imaginário – não relacionado ao real”, o feminismo não percebeu as implicações concretas ou reais, sociais e subjetivas, das palavras na vida material das pessoas (ibid., p.123). Para a autora, a

linguagem e os símbolos culturais, assim como seus efeitos nos corpos, precisavam ser questionados.

Para a autora, o gênero é um “produto e processo de um certo número de tecnologias sociais ou aparatos biomédicos” (DE LAURETIS, 2019, p.123). Essas tecnologias podem ter o formato de instituições, como mostra o Foucault (1999), mas também o formato de mídias, como a fotografia, o cinema, a literatura, a televisão, a internet etc. Como exemplo temos os documentários de histórias “reais”, mas que também são produzidos através de recorte: de narrativas, de ângulos, de pessoas atrizes, entre outros. “O que uma imagem mostra não é a verdade (ou a falsidade) do representado, mas o conjunto de convenções (ou críticas) visuais e políticas da sociedade que olha” (PRECIADO, 2020b, p.104).

De Lauretis (2019, p.124) alerta ainda que, de forma menos óbvia, também se constrói gênero na academia, na comunidade intelectual, nas práticas artísticas de vanguarda, nas teorias radicais e até no feminismo. Ao mesmo tempo em que isso levanta a necessidade de uma autocrítica constante, também sugere um potencial revolucionário. Seria possível criar mídias subversivas? Preciado (2020b) acredita que sim, ao inventar outras ficções visuais que questionem os modos dominantes de ver a norma e o desvio.

Além do limite do olhar sobre a verdade do sexo e da manifestação do gênero no corpo, o feminismo da segunda onda concebia seu sujeito mulher enquanto heterossexual (PRECIADO, 2018b). Como conta Jeffrey Weeks (2002) em *Sexuality and its Discontents*, as mulheres bissexuais, as lésbicas, as mulheres transgêneras, as travestis e todos os corpos com sexualidades dissidentes, eram vistos pelo feminismo como identidades que poderiam atrapalhar ou desmoralizar o grupo de mulheres dominante. Em razão disto, nem todas as mulheres lésbicas dessa época se consideram feministas. Ao mesmo tempo, essa situação de embate obrigou o feminismo a olhar para questões cruciais sobre a natureza da sexualidade feminina e a dita atitude feminista “apropriada” sobre o sexo (WEEKS, 2002).

Então, no final dos anos 1980 e 1990, ficou claro para o movimento que era necessário expor os funcionamentos que os naturalizavam o gênero e, em específico, o sexo (BOURCIER, 2021). Segundo Dorlin (2021, p.42), “pouco a pouco, a evidenciação da historicidade do sexo abalou a ideia de que existem categorias naturais, tais como ‘macho’ ou ‘fêmea’, que nós apenas registramos, identificamos ou reconhecemos”. Para os que estudavam teorias feministas, o gênero tornava-se cada vez menos um “conteúdo” mutável de um “recipiente” imutável e natural, o sexo.

A própria ideia de apenas dois sexos precisou ser suspensa frente à tais questionamentos (DORLIN, 2021).

No feminismo da terceira onda, as vivências de pessoas de gêneros dissidentes da norma mostraram-se tão importantes quanto a teoria sobre gênero. Dito em outras palavras, tornou-se importante viver e perceber as vivências proibidas pelas leis que mantêm “linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a ‘expressão’ ou o ‘efeito’ de ambos na manifestação sexual por meio da prática sexual” (BUTLER, 2016, p.43). Não só o pessoal, como o próprio viver, tornou-se político.

Surge assim o “*gender fucking*” e o “*gender bender*” (respectivamente, “foder o gênero” e “flexionar o gênero”, em inglês), duas formas subversivas de intencionalmente expor a quebra de regras através da estética, da sexualidade e da política. Bourcier (2021) diz que “*gender fucking*” é sobre não internalizar as normas de gênero, mas também não é fornecer a chave de sua desconstrução, mas sim utilizar o corpo como resistência, tensionando as barreiras e questionando os chamados “desvios patológicos”.

Nesse processo, também fica clara a necessidade do outro para fazer gênero. Como lembra Preciado (2018a), o gênero é relacional, pois é algo que se faz na relação e em relação à, não algo que se é. “O gênero pode ser usado como uma máquina, com uma única diferença: em relação ao gênero, você (corpo e alma) é o usuário e a máquina ao mesmo tempo.”. Sendo o gênero imposto nessa rede de relações, é nessa rede, e apenas nela, que pode ser renegociado, “*fucked*” ou “*bended*” (PRECIADO, 2018a).

É importante observar que em nenhum momento o campo de estudos ou o próprio movimento “de rua” do feminismo deixa de criticar a masculinidade, mas sim pensar no gênero de forma relacional. Como propôs Judith Butler (2016) em *Problemas de Gênero*, compreende-se cada vez mais vivências diferentes dentro da categoria “sujeito feminista”. À “mulher” o feminismo acrescenta aspas e passa a ter como objetivo final ser uma verdadeira coalizão aberta.

Sem a expectativa compulsória de que as ações feministas devam instituir-se a partir de um acordo estável e unitário sobre a identidade, essas ações bem poderão desencadear-se mais rapidamente e parecer mais adequadas ao grande número de “mulheres” para as quais o significado da categoria está em permanente debate. (BUTLER, 2016, p.41)

Berenice Bento (2006), em *A Reinvenção do Corpo*, destaca que um dos principais desdobramentos do olhar relacional sobre os gêneros, iniciado por volta da terceira onda, foi a

organização de outro campo de estudos, o das masculinidades. Os próprios homens passaram a se questionar sobre outras formas de “ser homem”, desconstruindo o ideal de homem universal, viril, competidor e violento. Esse campo consolidou a ideia de que os gêneros se constroem mutuamente, e que a opressão das normas tem efeitos negativos em ambos. Passou-se também a trabalhar o gênero masculino inter-relacionalmente: “o homem negro em relação ao favelado e ao grande empresário, o homem nordestino e o do sul, e muitas outras possibilidades de composição que surgem nas narrativas do sujeito.” (BENTO, 2006, p.75).

Desde seu nascimento, há quatro séculos, De Lauretis explica que o termo *queer* carrega “denotações e conotações negativas: estranho, esquisito, excêntrico, de caráter dúbio ou questionável, vulgar” (DE LAURETIS, 2019, p.397). A partir do julgamento e prisão de Oscar Wilde, escritor inglês condenado à máxima prisão na Inglaterra em 1895 por sodomia, *queer* é associada à homossexualidade, como estigma. “Foi somente com a liberação gay dos anos 1970 que a palavra se tornou motivo de orgulho e uma marca de resistência política.” (DE LAURETIS, 2019, p.398). Uma vez reapropriado pela própria comunidade, *queer* passa a escancarar “a violência simbólica presente nos processos de nomeação e hierarquização das identidades.” (BENTO, 2006, p.54). Então, em uma conferência em Santa Cruz, Estados Unidos, De Lauretis cunha a expressão “teoria *queer*” como “um projeto crítico que tinha o objetivo de resistir à homogeneização cultural dos ‘estudos de gays e lésbicas’ que estava pela academia, tomados como um campo de estudo singular e unificado.” (DE LAURETIS, 2019, p.398).

Nos anos 1990, a Teoria *Queer* torna-se então uma área de estudos, inicialmente americana, que afirma que as próprias identidades sexuais são instáveis, criticando, inclusive, o apego da comunidade LGBTQIAPN+ às orientações sexuais e à binaridade de gênero, assim como o silenciamento quanto a intersecções da sexualidade com suas relações com gênero e raça. Ainda que vinculado aos estudos feministas, os Estudos *Queer* adquirem um estatuto teórico próprio, pautado no múltiplo, na desnaturalização, na legitimidade das sexualidades divergentes e na exposição das histórias das tecnologias para a produção dos “sexos verdadeiros” (BENTO, 2006).

Apesar de serem muitas as pessoas autoras *queers*²³, destaca-se neste trabalho Judith Butler (2002), que no livro *Problemas de Gênero*, de 1990, é uma das primeiras a utilizar o termo *queer*.

²³ Além de Judith Butler (2002, 2016), Paul Preciado (2011, 2014, 2018^a, 2018b, 2020a, 2020b), Teresa de Lauretis (2019), Berenice Bento (2006), Sam Bourcier (2021) e Jaqueline Gomes de Jesus (2014a, 2014b), pessoas autoras citadas neste trabalho, existem muitas outras que inspiram esse trabalho de forma indireta, como Gayle Rubin (2017), Eve Kosofsky Sedgwick (2003), Guacira Lopes Louro (2013).

A fim de resumir a teoria de Butler (2002; 2016), pode-se dizer que a autora nega que o gênero seja uma continuação natural do sexo, ou melhor, que as diferentes experiências e relações de poder entre homens e mulheres sejam consequências do sexo com o qual nasceram. Tal hipótese naturaliza as desigualdades. “Ao se naturalizar o poder, oculta-se como seus mecanismos operam, bem como a possibilidade de contestação e transformação da estrutura social.” (FIRMINO; PORCHAT, 2017, p.55). Porém ela também questiona a afirmação de que o gênero seja socialmente construído, pois este leva a outro determinismo: o cultural. Se o gênero fosse simplesmente determinado pela cultura, um corpo recém-nascido não teria um gênero ainda. Mas nesse “ainda”, “não haveria um determinismo cultural que diz que quem nascer com vagina será uma mulher? Se a biologia não é destino, a cultura o seria?” (FIRMINO; PORCHAT, 2017, p.55).

A ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. (BUTLER, 2016, p.28)

Para Butler (2016) o corpo é em si, marcado por significados culturais desde o princípio, os gêneros são produções (efeitos) de poder. Questionando a separação da unidade “sujeito” em sexo e gênero, Butler (2016) irá dizer que ambos estão conectados de uma forma complexa: “o sexo é gênero desde o começo” (FIRMINO; PORCHAT, 2017, p.56) e ambos são produzidos discursivamente.

O ato discursivo da pessoa médica quando esta diz “é um menino” ou “é uma menina” não é uma descrição, mas uma invocação performativa, uma produção de verdade (BUTLER, 2016). Quando a criança nasce, ou até mesmo antes, já na ecografia, são produzidas possibilidades (de roupas, de nomes, de projetos futuros e de impedimentos e permissões) que, sem as normas sociais sob o corpo sexuado, não precisariam acontecer. A busca por antecipar aquilo que seria “natural”, a exemplo “a mãe maternal” ou “o homem viril”, acabam produzindo, o fenômeno que antecipam, “pois fazem que os sujeitos tentem, em suas práticas, reproduzir modelos que supõe como verdadeiros para o seu gênero ou para o gênero com o qual se identificam.” (BENTO, 2006, p.103). É por essa razão que Butler (2016) comenta com bom humor a frase de Beauvoir citada: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Para a Butler (2016) o dizer possui um paradoxo. Se ninguém nasce mulher, mas é construído por uma compulsão cultural, sexo e gênero estão desconectados sendo possível que esse sujeito assuma outros gêneros. Contudo, para que seja possível ser

culturalmente compelido a ser mulher, o corpo tem que ser interpretado em seu gênero já no nascimento (BUTLER, 2016).

A marca do gênero parece “qualificar” os corpos como corpos humanos; o bebê se humaniza no momento em que a pergunta “menino ou menina?” é respondida. [...] Se o gênero está sempre presente, delimitando previamente o que se qualifica como humano, como podemos falar de um ser humano que se torna de seu gênero, como se o gênero fosse um pós-escrito ou uma consideração cultural posterior? (BUTLER, 2016, p.193)

Mas, como visto, Beauvoir tinha outras preocupações que não entender se existe verdade no sexo. Naquele momento o feminismo “lutava por outras batalhas”. Como Butler (2016) reconhece,

Beauvoir, é claro, só queria sugerir que a categoria das mulheres é uma realização cultural variável, um conjunto de significados que são assumidos ou absorvidos dentro de um campo cultural, e que ninguém nasce com um gênero – o gênero é sempre adquirido. (BUTLER, 2016, p.194)

Um conceito cerne de Butler (2016) é a performance, a reiteração de atos a partir de um ideal de masculinidade ou feminilidade inexistente. Importante perceber que a palavra “performance” pode, erroneamente, levar o leitor para a ideia de teatralidade. Diferente de quando um ator “sai” do personagem ou tira a máscara, a performance de gênero é uma das suturas que mantém o sujeito estável com a estrutura social (HALL, 2019) e, portanto, não é uma escolha voluntária. Sua quebra tensiona essa costura e a própria estrutura de identificação das performances que rodeiam o sujeito (suas relações). Existe uma expectativa constante de que todos performem coerentemente. Um exemplo que ajuda a entender esse ponto é que, mesmo em uma brincadeira teatral infantil, um menino poderá ser repreendido se decidir “ser a mãe”, ou se esse decidir ser “dono de casa”, ou ainda se decidir ser o “esposo” de seu amiguinho. A paródia da paródia, ainda que “de brincadeira”, pode ser suficiente para tensionar a costura de forma desagradável para as famílias que assistem.

Para a autora, não existem cópias de um referente de gênero original, apenas cópias (BUTLER, 2016). “O original nada mais é do que uma paródia da ideia do natural e do original.” (BUTLER, 2016, p.67). É exatamente porque expõem a verdade por detrás das cópias, das paródias do gênero, que Butler (2016) irá estudar as performances *drag queens*, “personagem geralmente feminina e exagerada, criada para fins artísticos.” (CADERNO, 2017). “*Drag queen*” e “mulher”,

ou “*drag king*” e “homem”, são todas cópias sem original, “na qual as posições de gênero que acreditamos naturais (masculinas ou femininas) são o resultado de imitações submetidas a regulações, repetições e sanções constantes” (PRECIADO, 2014, p.92). Disto a autora deriva que as “masculinidades” e “feminilidades” nos universos gays, as performances das chamadas “convenções heterossexuais nos contextos homossexuais”, não podem ser explicadas como uma mimesis ou como uma insistência nociva de constructos heterossexistas (BUTLER, 2016). Para ela, “a replicação de constructos heterossexuais em estruturas não heterossexuais salienta o status cabalmente construído do assim chamado heterossexual original” (BUTLER, 2016, p.67). Sabe-se que a “passabilidade”, isto é, o grau de “credibilidade” visual que uma pessoa tem ao ser reconhecida em seu gênero, não é uma possibilidade, ou mesmo desejo, de todas as pessoas dissidentes de gênero (DE JESUS *et al*, 2014b, p.133). Por mais que algumas pessoas desejem “passar” enquanto homens ou mulheres, estas performances de identidades históricas de estilo sexual e de gênero partirão sempre de um espaço de questionamento e luta (BUTLER, 2016).

Nem todo feminismo, contudo, acompanhou esse caminhar. Muitas mulheres recusam-se ainda hoje a desfazerem-se da verdade da diferenciação sexual, afirmando que sua essência feminina reside no fato de que foram designadas mulheres ao nascer, de possuírem útero ou uma vagina (DE JESUS *et al*, 2014b).

Então, para propor a pensar um feminismo aberto à essa maleabilidade, ignorando padrões normativos do sujeito “mulher”, nasce o transfeminismo. Jaqueline Gomes de Jesus (2014b), organizadora do livro *Transfeminismo*, diz que essa corrente feminista, também chamada de feminismo transgênero, fundamenta-se no “processo de consciência política e de resistência das pessoas trans (travestis, transexuais, pessoas não binárias, *crossdressers*, entre outros humanos inominados)” (DE JESUS *et al*, 2014b, p.6). Nascido próximo à terceira onda do feminismo, hoje as ideias do transfeminismo espalham-se, especialmente, por meio da internet, seja em blogs, como o transfeminismo.com²⁴, ou nas redes sociais, como o Instagram (DE JESUS *et al*, 2014b).

Para Preciado (2018b), o projeto do transfeminismo é sobre criar “desidentificações” das imposições sociais.

Durante o século XX, o feminismo proliferou em um campo heterogêneo, com diversas teorias e estratégias: feminismo libertário, feminismo socialista, feminismo liberal,

²⁴ “Transfeminismo — Feminismo interseccional relacionado às questões trans”. Disponível em: <<http://transfeminismo.com/>>. Acesso em 08 ago. 2021.

feminismo cristão. Mas, se juntássemos todos na mesma sala, eles acabariam se matando uns aos outros. Eles têm um problema político em comum: todos operam sob a lógica de políticas identitárias. [...] Embora a luta pelo reconhecimento das mulheres seja ainda necessária, ela não pode ser feita sob a égide da política de identidade feminista. O projeto transfeminista: resgatar o “feminismo” de suas próprias amarras para que ele deixe de ser apenas uma tarefa de mulheres brancas heterossexuais colonizadoras boazinhas e humanistas. Deslocar-se do feminismo como política identitária para uma extensiva política de desidentificação. Para resistir às identificações normativas, em vez de brigar para produzir identidades. (PRECIADO, 2018b, p.10)

De acordo com De Jesus *et al* (2014b), uma das principais lutas transfeministas atuais é pela liberdade de uso do corpo. O artigo 13º do Código Civil Brasileiro diz que “salvo por exigência médica, é defeso o ato de disposição do próprio corpo, quando importar diminuição permanente da integridade física, ou contrariar os bons costumes.” (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2021). Isso significa que não é possível que as pessoas decidam sozinhas, sem a “caneta médica”, o que precisam e desejam para seu corpo. Como visto, “contrariar os bons costumes” é exatamente o que a terceira onda do transfeminismo propõe. Porém, as teorias não andam lado a lado com os instrumentos legais e burocráticos. A exemplo tem-se que até 2019 a transgeneridade era considerada um “transtorno mental” para o CID, a Classificação Internacional de Doenças da OMS. A partir da publicação do 11º CID, pessoas que não se identifiquem com o sexo-gênero designado ao nascer passam a ser consideradas como casos de “incongruência de gênero” (ICD-11 FOR MORTALITY AND MORBIDITY STATISTICS, 2021).

Seja para as feministas que ainda não compreendem o sujeito do feminismo de forma ampla, ou para as instituições governamentais, o questionamento dos gêneros e do sexo em sua naturalidade são exemplos da chamada “crise de identidade” sugerida por Stuart Hall (2019). A pós-modernidade, ou a modernidade tardia, é uma sociedade com caráter de mudanças constantes, rápidas e permanentes, “que produzem uma variedade de diferentes [...] identidades” (HALL, 2019, p.12). A identidade de gênero, a orientação sexual e a diferenciação sexual, não são mais, necessariamente, unificadas e permanentes, sendo possível inúmeras novas identificações ou desidentificações ao longo da vida. Algumas identidades podem ser inclusive aparentemente contraditórias, como o caso de homens transgêneros feministas, em oposição ao sujeito feminista “mulher” do início do movimento, ou ainda, como o caso das pessoas dissidentes de gênero autodeclaradas não binárias que, ignorando os investimentos das instituições psiquiátricas, médicas, biológicas e do Estado, se declaram nem “homem” nem “mulher”, mas sim, identidades para além do binário.

4.2 AS IDENTIDADES PARA ALÉM DO BINÁRIO

Enquanto este trabalho era escrito, os algoritmos do Google e das redes sociais tinham, felizmente, muitas conquistas não binárias para apresentar. Em setembro de 2020, no Rio de Janeiro, Aoi Berriel se torna a primeira pessoa do Brasil a conquistar o direito de retificar sua certidão de nascimento para “sexo não especificado” (LERAY, 2020). Em 2021, a Argentina se une a países como Canadá, Austrália e Nova Zelândia, ao permitir que pessoas que não se identificam com os gêneros masculino e feminino possam selecionar a opção “X” no documento (G1, 2021). No País de Gales, Owen Hurcum, de 23 anos, se torna a primeira pessoa prefeita não binária eleita do mundo (G1, 2021). E em Tóquio, nas Olimpíadas de 2021, Quinn ganha a primeira medalha de ouro conquistada por uma pessoa assumidamente não binária (G1, 2021). No entretenimento também houve conquistas. Em fevereiro de 2021, a DC Comics apresenta sua primeira personagem não binária, *Flash Kick Kid* (DC FANDOM, 2021). Em junho de 2021, a Disney apresenta Raine Whispers, personagem não binária da segunda temporada do desenho *The Owl City* (CHILTON, 2021). E em outubro foi a vez da Netflix, que lançou *Double Trouble*, personagem não binária do desenho *She-Ra e as Princesas do Poder*.

Seria incorreto dizer que a não binariedade é atual. De acordo com o Natural History Museum of Los Angeles County, numerosas sociedades indígenas ao redor do mundo não reconhecem gênero e sexo como algo conectado ou alinhado. Ao invés disso, reconhecem três ou mais gêneros em suas sociedades. “O sistema binário de gênero que existe em muitas sociedades ocidentais está longe de ser um conceito universal.” (NHMLAC, 2021, tradução nossa). Nessas tradições, nas quais ser de um terceiro gênero significava ter uma posição social mais visível e reconhecida ou ter uma conexão espiritual especial, acabaram sendo modificadas pelas ideologias da cultura ocidental durante as colonizações. Contudo, em algumas culturas, pessoas de um terceiro gênero representam a manutenção das tradições e dos aspectos de identidade cultural dentre suas comunidades (NHMLAC, 2021). O Natural History of Museum Los Angeles County destaca, contudo, que a identificação das pessoas de terceiro gênero como parte da comunidade LGBTQIAPN+, assim como o próprio agrupamento de pessoas dissidentes, é reflexo de uma cultura que historicamente reconhece apenas dois gêneros baseados na designação sexual no

nascimento. Mas “indivíduos que se identificam com um terceiro gênero cultural estão, na verdade, agindo de acordo com seu gênero e norma sexual.” (NHMLAC, 2021, tradução nossa).

De acordo com a revista National Geographic (2017), no sul da Ásia o terceiro gênero é chamado “*hijra*”, na Nigéria, “*yan daudu*”, no México, “*muxe*”, em Samoa “*fa’afafine*”, na Tailândia, “*kathoey*”, em Tonga, “*fakaleiti*”, no Havai, “*mahu*” e dos Estados Unidos, “*two spirits*”. Já no Brasil, é mais difícil encontrar registros sobre a relação dos povos originários com gênero. Em 1500, nos documentos enviados à Europa pelos colonizadores, os índios eram descritos como pecadores e depravados sexuais. A primeira vítima de homofobia no Brasil foi, de fato, uma pessoa indígena. Em 1614, Tibira do Maranhão, indígena tupinambá brasileiro, foi morto com um tiro de canhão por ordem de um frade capuchinho que integrou a expedição francesa ao Brasil Colônia (VEIGA, 2020). Uma vez que a colonização assassinou muitos índios de sexualidade dissidente, o trabalho de resgatar a possível relação indígena com categorias próprias de gêneros mostra-se um campo de pesquisa árduo e com pouco investimento, como descreve McCallum no texto *Nota sobre as categorias “gênero” e “sexualidade” e os povos indígenas* (MCCALLUM, 2013).

Em seu trabalho, McCallum (2013) destaca que o perspectivismo ameríndio experimenta a vida considerando que os corpos são múltiplos e a cultura única. Por exemplo, entre os Huni Kuin (Kaxinawá), com quem a autora conviveu nos anos 1980, a sexualidade é “o idioma preferido para pensar nas relações com aqueles estranhos tidos como aliados potenciais, que são tratados com piadas carregadas de insinuações sexuais” (MCCALLUM, 2013, p.54). A autora comenta ter ouvido descrições sobre “homens vestidos de mulheres” e que estas suscitavam riso e incredulidade. Importante salientar que o termo utilizado para se referir a esses personagens era “gente”. Tais pessoas eram consideradas humanas e não abjetos “do domínio do desumanizado” (BUTLER, 2016, p.194).

O que deve ser ressaltado é que as normas de gênero da forma como se solidificaram dizem respeito à cultura ocidental. Não é possível fazer pesquisa a partir de categorias universalizantes sob o risco de se cair em violências epistemológicas. Por outro lado, colocar dicotomicamente as categorias de gênero e de sexualidade indígenas em oposição às da modernidade, também resulta em violências epistemológicas. Entender como as culturas indígenas compreendem gênero precisa partir de um ponto de vista que considere o outro em seu estado de outro e não como “menor” ou “exótico”, mas sim de um ponto de vista afastado de categorias colonizadoras e também, como propõe o feminismo, fora de uma organização patriarcal ocidental (MCCALLUM, 2013).

Ainda que faltem informações e exista espaço para pesquisas acerca das categorias de gênero dos povos indígenas, especialmente sobre os povos brasileiros, esta breve recapitulação histórica mostra que identidades fora do binário existem em diversas culturas e os que experimentam suas identidades dessa forma, são tratados como “pessoas”. Atualmente, contudo, a autodeclaração de identidades que questionam o binário soa como algo inovador e jovem, quase como uma “moda passageira”. Em 2019, para uma entrevista à BBC News Brasil, Cup, uma pessoa não binária, relatou grande dificuldade em se fazer compreendida e respeitada.

Muitos negam por completo a minha identidade. Falam que tenho algum problema mental ou que invento isso para ser moderno. Por entender essa dificuldade de muitas pessoas em respeitar os trans não-binários, tenho receio em usar roupas que sejam totalmente fora do padrão em alguns lugares. Em vários momentos me sinto inibido e não me expesso do modo que quero. A sociedade nos trata como invisíveis. (BBC NEWS BRASIL, 2019)

De acordo com a terapeuta Jean Malpas (2017), a razão para mais pessoas estarem assumindo agora é porque mais termos como *genderqueer* e não binário estão aparecendo e facilitando que essas pessoas comuniquem como se sentem em suas identidades de gênero.

Durante os anos 1980 e 1990, quando o feminismo estava nas ruas tanto quanto na academia, quando o viver tornou-se tão importante quanto o teorizar, algumas pessoas já procuravam outras palavras que definissem identidades fluidas. Em 1987, a teórica Sandy Stone escreve o *The empire strikes back: a posttranssexual manifesto*, no qual dizia que a geração de um discurso contra-normativo verdadeiro, eficaz e representacional, viria “de fora das fronteiras do gênero, para além dos pontos de oposição que foram pré-definidos como as únicas posições a partir das quais o discurso é possível” (STONE, 1987, p.13, tradução nossa). Por “*posttranssexual*” (pós-transsexual, em inglês) a autora definiu pessoas que percebiam ser impossível falar de gênero a partir de termos textuais que são violentos e patologizantes.

Mais tarde, em 1992, Leslie Feinberg escreve um panfleto intitulado *Transgender Liberation: A Movement Whose Time Has Come*, no qual deixa claro que a palavra para definir as pessoas que desafiavam o gênero ainda não havia sido encontrada. Ela alertava inclusive que a linguagem daquele panfleto poderia “ficar rapidamente datada uma vez que a comunidade de gênero está constantemente se unindo e se reorganizando – um problema do tipo bom.” (FEINBERG, 1992, p.6, tradução nossa).

Em 1995, a ativista americana Riki Anne Wilchins escreve o zine *In Your Face*. Nele eram documentadas vigílias em prol de violências contra pessoas transgêneras, eram feitas chamadas

para manifestações e também eram expostos textos-manifestos. Usando pela primeira vez a palavra *genderqueer*, Wilchins (1995) fala para pessoas que se identificam com diversos outros termos reivindicados a partir de insultos, que podem ser traduzidos como “sapatões”, “caminhoneiras”, “viadinhos”, “travestis”, entre outros. Wilchins (1995) manifestava contra normas de gênero porque acreditava que elas faziam mal não só às pessoas cujas expressões de gênero “são tão complexas que elas ainda não foram nomeadas”, mas a todos (WILCHINS, 1995, p.4).

É sobre todos nós que somos *genderqueer*. (...) Mas mais do que isso, é sobre a opressão de gênero que afeta a todos: a patricinha da faculdade que desenvolveu uma anorexia nervosa com risco de vida tentando ficar “feminina”, o mauricinho morto aos 45 anos de cirrose do fígado porque “homens de verdade” bebem pesado. Mas talvez nós, *genderqueers*, sentimos isso mais intensamente, porque nos atinge a cada vez que saímos pela porta da frente de forma aberta e com orgulho. E é por causa disso que essas páginas só vão crescer. Não somos mais invisíveis. Não nos comportamos bem. E não vamos embora. O ativismo político veio para ficar. Então saia. Faça-se ativo. Chute a bunda transfóbica de alguém. Incomode alguém com fobia de gênero. E enquanto você estiver fazendo isso, passe a palavra para frente: o *gendeRevolution* começou, e nós vamos ganhar. (WILCHINS, 1995, p.4, tradução nossa)

4.3 AS NÃO DEFINIÇÕES

Segundo o *Genderqueer and Non-Binary Identities* (ROXIE, 2020), um repositório de materiais e estudos sobre gênero e identidades *queer* criado por Marilyn Roxie, não binário é um termo “guarda-chuva” que compreende identidades que escapam do binarismo de gênero. Enquanto o binário sugere que as únicas possibilidades são “homem” e “mulher”, pessoas não binárias “combinam, existem entre, ou estão fora do binário” (ROXIE, 2021, tradução nossa). Assim, a não binariedade não é um “*continuum*” de gêneros, pois isso seria dizer que essas identidades existem dentro de dois polos. “Ver homem em um lado e mulher no outro de tal *continuum* é problemático, já que implica que esses gêneros são, de alguma forma, opostos” (ROXIE, 2020, tradução nossa). O repositório sugere que as variações de gênero sejam vistas, então, como um espectro. Neilton Reis e Raquel Pinho (2015) complementam dizendo que pessoas não binárias transgridem à imposição social identitária designada ao nascer pois permeiam “em diferentes formas de neutralidade, ambiguidade, multiplicidade, parcialidade, ageneridade, outrogeneridade, fluidez em suas identificações.” (REIS; PINHO, 2015, p.31).

As identidades não binárias nunca estiveram distantes de movimentos políticos. Como pontua Isadora Belém (2020) em *Identidade de gênero não binária*, essas identidades sempre

fizeram parte da comunidade LGBT “pela luta por equidade de direitos civis e sociais por se enquadrarem socialmente enquanto transgêneros” (BALEM, 2020, p.32). A psicanalista Patrícia Knudsen (2021), em matéria para a revista *Cult*, complementa dizendo que pessoas não binárias podem se identificar com o termo trans ou transgênero, ou ainda, com o termo *genderqueer*, “que serve para identidades de gênero não binárias e cis-heteronormativas, englobando na identidade os aspectos ligados às práticas sexuais e à relação entre os gêneros.” (KNUDSEN, 2021).

Contudo, desdobra-se uma disputa dentro da comunidade LGBTQIAPN+ em relação ao termo “trans”. Em um *post* no Instagram, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), declarou que não considerava as pessoas não binárias como “trans”. A ANTRA (@antra.oficial) questionou a “falta de organização política” das pessoas não binárias e suas necessidades, que seriam “diferentes” das outras pessoas trans (GUIA GAY SÃO PAULO, 2021).

Ainda que “representar” seja essencial para criar visibilidade política de um grupo, a representação também é uma função normativa que revela ou distorce o que é tido como verdadeiro sobre uma categoria ou identidade (BUTLER, 2016). As noções jurídicas, para as quais a ANTRA sugere que as pessoas não binárias se organizem, não deveriam passar inquestionadas. Como Butler (2016) observou, assim como as instituições e tecnologias de gênero, os sistemas jurídicos também produzem os sujeitos que passam, subsequentemente, a representar.

A construção política dos sujeitos procede vinculada a certos objetivos de legitimação e de exclusão, e essas operações políticas são efetivamente ocultas e naturalizadas por uma análise política que toma as estruturas jurídicas como seu fundamento. (BUTLER, 2016, p.19)

O argumento da ANTRA também questiona as “necessidades” de uma pessoa não binária em comparação a uma pessoa transgênera ou transexual, sugerindo que existiria uma forma única de identidade trans da qual as pessoas não binárias compartilhassem “só um pouco”. Mas de qual identidade se fala aqui? O citado 11º CID ainda transfere a liberdade de viver a identidade de gênero das mãos do sujeito, para as médicas. Como diria Paulo Freire, de nada adianta se a educação não for libertadora, logo, será necessário muito mais que mudar o CID para apagar um passado histórico patologizante e libertar a própria população transgênera da ideia de que é necessário ter desejos, sintomas e sofrimentos psíquicos específicos e comuns para receber a “chancela trans”. A vivência transgênera ou transexual, assim como a identidade cisgênera “mulher” ou “homem”, não tem contornos iguais, sem que isso afete a identidade trans daquela

pessoa (KNUDSEN, 2021). Preciado (2020b) recorda que palavras como “gênero”, “transgênero” e “transexual” não foram inventadas por ativistas sexuais, mas sim por discursos médicos e psiquiátricos. Emancipar-se dessas linguagens médico-científicas ou ressignificá-las subversivamente enquanto identidades é, portanto, uma escolha pessoal.

A identidade não binária pode ser atrelada a outros termos que ajudam estas pessoas a “qualificar” melhor sua experiência de gênero. Por exemplo, “gênero fluido” é um termo utilizado para identificar a experiência de fluir entre gêneros. Priscilla Bertucci, que se identifica como não binário e gênero *queer* ou fluido, explica: “eu transito entre os gêneros feminino e masculino ou, até, estou além deles, em um lugar onde o binarismo não faz sentido.” (CARDERNO, 2017, p.114). Já “bigênero” se refere a pessoas que possuem dois gêneros. De acordo com o Orientando (2021), as pessoas bigênero podem ter ambos os gêneros ao mesmo tempo, sem fluidez ou mudança na intensidade, ter um gênero de cada vez, ou sentir mudanças na intensidade de gênero, entre outras combinações. “Mulher não binária” e “homem não binária” são dois termos utilizados por pessoas não binárias que acham o conceito de feminilidade e masculinidade, ou de ser mulher ou homem, respectivamente, útil para sua identidade (ORIENTANDO, 2021). Como é possível perceber, nem sempre é fácil distinguir a exata diferença entre essas experiências de gênero e, por isso, o Orientando (2021) explica que mesmo que as terminologias pareçam sem sentido para quem não passa por experiências parecidas, elas podem ser úteis para validar e ajudar a entender pessoas com suas experiências em relação a gênero (ORIENTANDO, 2021).

Da mesma forma que as terminologias, também são individuais as relações das pessoas não binárias com seus corpos, não existindo um “padrão” ou uma “forma” de se apresentar não binário, seja na expressão de gênero – a “forma como a pessoa expressa o seu gênero para a sociedade” por meio de roupas, acessórios ou linguagem corporal – ou na decisão de intervir ou não em relação à seus corpos (CARDERNO, 2017, p.111). Então, intervenções cirúrgicas ou administrações hormonais não são “portas” para a não binariedade. As pessoas não binárias podem se sentir inclinadas a encontrar maior “passabilidade” com o gênero masculino ou feminino, ou não, assim como podem buscar uma maior androginia em sua expressão de gênero, ou não (CARDERNO, 2017).

4.4 AS VOZES NÃO BINÁRIAS

Como previram Stone, Feinberg e Wilchins, atualmente, as pessoas de identidades não normativas estão em busca de novos termos para comunicar quem são e como preferem que as pessoas se referiam a elas. Neolinguagens, de acordo com o blog Orientando (2021), se refere às linguagens criadas para substituir o modelo que utiliza o masculino como neutro pois este não representa pessoas que não se identificam nem como mulher, nem como homem. Para resolver este problema, a linguagem neutra sugere substituir as vogais “a” e “o”, que marcam o gênero nos substantivos e adjetivos, “por ‘@’, ‘e’ e ‘x’”. Exemplos: ‘tod@s’, ‘amigues’, ‘alunxs’”. Ainda é possível substituir palavras com marcações de gênero por palavras neutras. Exemplos: substituir “bem-vindo” por “boas-vindas” ou “aluno” por “pessoa aluna” (CADERNO, 2017, p.112).

Em 2020, o colégio Liceu Franco-Brasileiro, do Rio de Janeiro, decidiu emitir um comunicado público oficializando que adotaria linguagem neutra em seu discurso institucional. No comunicado, a escola explicava o que era linguagem neutra e também que a estaria adotando porque esta era inclusiva com “pessoas não identificadas com o sistema binário de gênero” (CNN, 2020). O comunicado foi bastante mal recebido. Além das diversas reclamações das famílias dos alunos, dois deputados estaduais protocolaram, na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, um projeto de lei conservador sobre o tema. De acordo com a CNN (2020), os argumentos contrários sugeriam que a linguagem neutra iria alterar as normativas da língua portuguesa. Depois do ocorrido a escola voltou atrás declarando que não deixará de utilizar a “norma culta” e que apenas respeita a autonomia de professores e alunos que decidirem adotá-la.

A linguagem neutra, contudo, não é uma preocupação restrita ao Brasil. Mirian Berger (2019), em uma matéria para The Washington Post, escreve que alguns idiomas, como o chinês e o persa, “não atribuem um gênero aos substantivos ou já possuem uma forma neutra de gênero para as pessoas” (BERGER, 2019). Por outro lado, existem línguas como o português e o inglês, que possuem uma gramática tradicionalmente baseada em feminino e masculino. Para resolver esta questão, o dicionário americano Merriam-Webster adicionou, em 2019, “*they*”, sujeito que originalmente poderia significar um plural masculino ou feminino, como um pronome para uma “única pessoa cuja identidade é não binária” (BERGER, 2019). Assim como no Brasil, nos Estados Unidos também não faltaram críticas. Berger relata que as pessoas acharam confusa a possibilidade de utilizar “*they*” para singular e plural. Contudo, Shakespeare e Jane Austen, entre outros escritores ingleses, utilizavam “*they*” e “*their*” (“deles” ou “delas”, “dele” ou “dela”) no singular, um padrão em inglês, até que profissionais da gramática da era vitoriana mudaram a norma e

impuseram o masculino como “neutro”. Fica claro, assim, que o uso do masculino como plural não é natural, mas uma escolha arbitrária em diversas línguas.

A linguista Jana Viscardi (2021), em vídeo para seu canal no Youtube, corrobora dizendo que a língua é essencialmente histórica, social e, portanto, mutável. Isso significa que o português, assim como o inglês, não é o mesmo de alguns séculos atrás. A sensação de que a língua precisaria ser conservada ignora sua (trans)formação²⁵. Além disso, a língua não é a norma padrão, pois seus usos não se restringem à norma.

Existe ainda uma sensação quase conspiratória, destaca Viscardi (2021), de que a linguagem neutra iria, em algum momento, se tornar obrigatória e que aqueles que não aderissem a ela, seriam penalizados por lei. Essa crítica escancara a percepção de que a língua acompanha as transformações sociais, que a língua é, de fato, política. Para a linguista, por trás da reflexão de que “a língua não pode mudar” ou de que “vão destruir a língua”, existe uma tentativa de controlar existências que incomodam o olhar conservador. “Quando você tenta impedir a linguagem neutra, você está impedindo a plena manifestação e existência de pessoas em nossa sociedade.” (VISCARDI, 2021).

A ligação das neolinguagens com os textos de Wittig (2019; 2006) soa forte. Para Wittig (2006) a “mulher” estabiliza e consolida a relação binária, de oposição e heterossexual ao homem. “Mulher” é uma categoria política e não um fato natural, sendo o sexo um discurso produzido para o feminino, uma distinção do masculino (BUTLER, 2006). A lésbica, recusa a heterossexualidade e, por isso, desafia Wittig (2006) em *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*, não constituiria uma mulher. Em resumo, a tarefa das mulheres – e das lésbicas –, seria assumir uma posição de “sujeito falante autorizado”, destruir o sexo e a sexualidade e “reformatar” a linguagem que sedimenta os efeitos de realidade em “fatos” (BUTLER, 2016). O exercício linguístico de Wittig e as atuais neolinguagens geram interlocuções possíveis. Em *As Guerrilheiras*, ao colocar subversivamente lésbicas no papel de protagonistas e dar a elas o poder linguístico de escolherem elas mesmas a origem e a organização dessas palavras, as personagens buscavam, à sua forma, uma língua não violenta nem compulsoriamente cis-heterossexual.

²⁵ Faz-se aqui uma brincadeira linguística com o prefixo “trans” de transformação, que é o mesmo de transgênero, isto é, aquele que não é não cisgênero.

4.5 AS CONTRAFICÇÕES E AS IDENTIFICAÇÕES

Segundo Hall (2019), uma importante questão que influencia o indivíduo pós-moderno em seu descentramento identitário é a globalização, palavra que compreende processos atuantes em escala global, que atravessam fronteiras e tornam o mundo, em realidade e experiência, mais interconectado. Para o autor, o próprio capitalismo nunca permitiu que suas aspirações fossem contidas por barreiras físicas (HALL, 2019).

Desde os anos 1970, essa integração global aumentou enormemente. Nas décadas seguintes, a internet contribuiu para isso, já que conectou as pessoas para além de suas culturas originais, abrindo a oportunidade de se estar em muitos lugares ao mesmo tempo, e, principalmente, de se identificar com pessoas e ideias que, de outra forma, talvez não fosse possível. Hedilberto Junior (2014) acredita que a mudança social mais significativa da internet seja a autonomia do “sujeito comum” em sua liberdade de circular virtualmente e de se conectar de acordo com seus interesses. “Graças às novas experiências coletivas, é possível levantar discussões a nível global sem intervenção daqueles que antes dominavam a pauta cotidiana.” (JUNIOR, 2014, p.3248).

O psicanalista Christian Dunker, acrescenta que, diferente da “diagramação institucional do velho mundo” das universidades, dos bancos, e das empresas, constituída por autoridades verticais e com estruturas simbólicas dada por papéis, o “novo mundo” se organiza por identificações em comum.

As comunidades se definem por horizontalidade, não por verticalidade; as comunidades se organizam por livre adesão e não por coercitividade; as comunidades se organizam pelo engajamento por identificação, livre identificação: ‘Escolho essa plataforma, eu escolho participar dessa comunidade e não de outra’. Instituições você não escolhe, alguém escolheu por você. (DUNKER, 2021)²⁶

As comunidades das redes sociais são espaços de produção de conteúdo, e portanto, autorais, o que gera um pacto de “verdade” entre autor e leitor (SIBILA, 2008, p.37). Ainda que as pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ estejam conquistando espaços nas mídias tradicionais, com frequência, quando os jornais e a televisão contam suas histórias, em específico quando relatam casos de violências, as intersecções com classe e raça destes sujeitos modificam a forma como suas

²⁶ Fala do Prof. Christian Dunker na disciplina de Metapsicologia das Massas, Cultura Material & Consumo (perspectivas semio-psicanálticas) da ECA - USP, em 10 de março de 2021.

as histórias são narradas. Leandro Colling (2012) acredita que dependa de politização a transformação das histórias de pessoas abjetas em histórias de pessoas.

Quando um ou mais gays de classe média alta são espancados na Avenida Paulista, toda a imprensa cobre o assunto e se mostra sensibilizada com o aumento da violência. Quando travestis são assassinadas brutalmente não vemos a mesma sensibilização e espaço na mídia. Ou seja, algumas pessoas não podem ser violentadas e outras, abjetas, podem. (COLLING, 2012, p.126)

Paula Sibila (2008), em *O Show do Eu*, chama esse momento de produção autoral de “a hora dos amadores” porque as redes possibilitam que o usuário escreva o que e como quiser, desafiando a “norma culta” da língua. Assim, abre-se espaço de exploração linguística, como as linguagens neutras. Sibilia (2008, p.14) se pergunta sobre os diálogos digitais, “em que medida eles renovam, ressuscitam ou rematam as velhas artes da conversação?” e responde, mais a frente no livro:

É habitual o recurso da transcrição literal da fonética e um tom coloquial que evoca as conversas cotidianas. [...] Sua feitura não se apoia em parâmetros tipicamente literários ou letrados, nem de maneira explícita, nem tampouco implícita nas entrelinhas ou no sentido do gesto escritural. (SIBILIA, 2008, p.38)

Inspirado na “divisão social do trabalho²⁷” de Marx, Massimo Canevacci (2018), em *Culturas eXtremas*, acrescenta que a cultura digital modifica a “divisão comunicacional do trabalho” entre quem narra e quem é narrado, pois quebra a dicotomia entre quem representa, de um lado, e que é representado, de outro. “Trata-se do direito que cada pessoa tem de representar a si mesma política e esteticamente, e de representar também que a representa.” (CANEVACCI, 2018, p.8). A autorrepresentação oferece a possibilidade do *espec-ator*, isto é, o espectador que é também ator-nos-espacos, a contestar o direito de um terceiro de representá-lo (CANEVACCI, 2018). Nesse sentido, o autor conecta a ubiquidade transurbana e transmedial à autorrepresentação sugerindo que o “*carpe diem*” seja substituído por “*carpe codex*”, em alusão à possibilidade de se viver mais realidades e vidas no digital: “agarrar os códigos e transformá-los... Os códigos são

²⁷ Termo cunhado por Marx para designar a especialização das atividades de trabalho humano, a qual gera hierarquia social. “Numa sociedade de produtores de mercadorias, essa diferença qualitativa dos trabalhos úteis, executados separadamente uns dos outros como negócios privados de produtores independentes, [...] uma divisão social do trabalho” (MARX, 1996, p.102).

sempre mais móveis e sincréticos e parecem que esperam somente o sujeito multivíduo que exercita o prazer de experimentar o que ainda não foi comunicado.” (CANEVACCI, 2012, p.34).

Não se trata de categorizar as tecnologias contemporâneas, analógicas, digitais ou farmacopornográficas, como boas ou más, mas, reconhecendo que estas são resultados de estrutura de poder, perceber seu potencial de “bolsões de resistência a esse mesmo poder; de uma forma ou de outra, um espaço de reinvenção da natureza” da sexualidade, do gênero ou do sexo (PRECIADO, 2018). No livro *Um apartamento em Urano*, Preciado (2020b, p.104) chama de “assalto à sala de montagem” o processo de construção de “contraficções” por minorias político-visuais como as LGBTQIAPN+, negras e pobres, e em suas intersecções, que tem modificado o imaginário coletivo. Um dos canais utilizados para a produção dessas contraficções é o Instagram²⁸. Para De Jesus (2014a), espaços como esse têm servido a esse papel na medida em que se tornam “um instrumento pelo qual os marginalizados conseguem fabricar novas realidades sociais” e reconfiguram relações de gênero (DE JESUS, 2014a, p.254). Junior acrescenta que “as redes sociais [...] se tornaram ferramentas para propagar ideias, denunciar problemas, reivindicar direitos ou simplesmente relatar fatos cotidianos de relevância para uma pessoa ou grupos específicos.” (JUNIOR, 2014, p.3247).

Ainda que os regimes vistos, soberano, disciplinar, biopoder e farmacopornográfico, se sobreponham, confundindo, burocratizando e por vezes inviabilizando as possibilidades de suas experiências identitárias, as populações que se afastam da lógica binária cartesiana (não binárias, *genderqueer*, transgêneras, transexuais, entre outras), buscam e encontram formas alternativas de contarem suas histórias, questionando as categorias fixas e normativas e modificando o imaginário coletivo. Essas pessoas tensionam as decisões institucionais e buscam agência – indo de espectador à *espect-ator* – sobre suas identidades.

5. ENTREVISTAS E ANÁLISE

Este capítulo tem o objetivo de apresentar a pesquisa realizada entre maio e julho do ano de 2021, composta por dez entrevistas com pessoas que, de forma pública, se identificam como

²⁸ O Instagram é uma rede social de compartilhamento de fotos e vídeos criada em 2010 por Kevin Systrom e Mike Krieger, e adquirida pela Facebook em 2012. O Instagram possui 99 milhões de usuários no Brasil, a terceira maior população mundial de usuários (STATISTA, 2021).

não binárias no perfil da rede social Instagram²⁹. O relato das pessoas entrevistadas, seus perfis e o conteúdo postado por elas contribuíram para verificar a teoria exposta até aqui e para ampliar a compreensão do termo “não binário”, visto que não há um entendimento único sobre este.

Em *Ethnography for the Internet*, Christine Hine (2015) resume a etnografia como um método de pesquisa cujo objetivo é “chegar ao âmago do significado e nos permitir entender, em geral e em profundidade, como as pessoas dão sentido às suas vidas”. Dando uma pista já no título do livro, a autora afirma que este método pode acontecer, sem perdas, também no “campo” digital. Então, escolheu-se dar tratamento etnográfico à análise que compreendeu perfis na rede social, assim como dez entrevistas em profundidade³⁰ com perguntas abertas via videoconferência na plataforma Zoom. O Zoom permite a gravação de videochamada, o que foi de grande ajuda para que os relatos orais pudessem ser posteriormente transcritos e exibidos integralmente nos Anexos deste trabalho.

Nas entrevistas, durante uma hora, foram abordados cinco grupos de temas: 1) o primeiro contato com o termo não binário e as construções identitárias dadas a partir desse momento, 2) o que representa essa identidade em suas vidas hoje, 3) sua relação com seus corpos e mudanças corporais que realizaram ou que visualizavam para si no futuro, 4) a relação do ambiente digital e das redes sociais nesses processos identitários e 5) a receptividade do público e a relação dessa receptividade na construção de suas identidades. Como ponto de partida foi utilizado um roteiro semiestruturado com perguntas abertas sobre os grupos de temas citados sendo, contudo, respeitado o fluir da conversa e o surgimento de temas não previstos que pudessem contribuir para o foco da pesquisa. Ao contrário de pesquisas estruturadas, nas quais uma lista de tópicos pré-concebidos é respondida pelo participante, ou de pesquisas não-estruturadas, nas quais nenhum tópico ou questão pré-concebida é planejada, nas entrevistas semi-estruturadas, “a conversa oscila entre a introdução do tema sob investigação dada pelo pesquisador, o relato das experiências do participante e a sondagem do pesquisador dessas experiências para mais informações úteis para a análise.” (GIVEN, 2008, p.422, tradução nossa). Para as entrevistas, Given (2008) sugere que, em vez de

²⁹ Algumas pessoas entrevistadas também publicizavam suas identidades em outras redes sociais identificadas posteriormente, como o Twitch, o Twitter e o Youtube. O Instagram foi escolhido inicialmente por reunir em uma só plataforma a possibilidade de conexão com outros usuários, de criação de influência e de criação de conteúdo pessoal, como postagem de fotos e vídeos e para a transmissão de *lives* individuais ou com convidados.

³⁰ As chamadas entrevistas em profundidade são como “conversas guiadas” que encorajam os participantes a falarem “em profundidade sobre o assunto em investigação sem o uso de perguntas pré-determinadas, focadas ou resposta curta.” (GIVEN, 2008, p.422, tradução nossa).

preparar um roteiro fixo e longo, o pesquisador tenha ciência dos domínios dos entrevistados e do que é provável que seja discutido pela pessoa participante e que, assim, seja capaz de conectar o que é falado com o assunto da pesquisa.

Em *O Desafio da Proximidade*, Gilberto Velho (2003) recapitula que durante os anos 1970, à medida que se voltaram para as cidades, os pesquisadores também absorveram seus sistemas e as redes de relações urbanas em seus trabalhos, “e começaram a se aproximar cada vez mais, entre outros movimentos, de seus universos de origem” (VELHO, 2003, p.11).

Sendo o objeto de estudo deste trabalho parte desse universo urbano, é importante destacar que o pesquisador já possuía uma conta no Instagram (@xuspohr) antes da condução da pesquisa, na qual, similarmente às pessoas entrevistadas, publicizava sua identidade não binária. Como colocado por algumas pessoas entrevistadas, a escolha em dividir essa identidade foi a razão que possibilitou tais conexões. Como escreve Roberto DaMatta (1978), a etnografia se configura mediante o estabelecimento paciente e artesanal de uma ponte (mediação) entre dois universos de significação. “*Anthropological blues*” é um termo que DaMatta recupera e que se refere exatamente ao lado humano do exercício etnográfico, aquele que consegue distinguir “um piscar de olhos de uma piscadela marota” (DAMATTA, 1978, p.11). Isso significa dizer que um exercício com contornos etnográficos como este está repleto de subjetividade e interpretação, sendo a realidade, nesse caso mais familiar que exótica, constantemente filtrada pelo ponto de vista do pesquisador. Velho (1987), recomenda que, em vez de ignorar sua parcialidade, o pesquisador a admita.

Esse movimento de relativizar as noções de distância e objetividade, se de um lado nos torna mais modestos quanto à construção do nosso conhecimento em geral, por outro lado permite-nos observar o familiar e estudá-lo sem paranoias sobre a impossibilidade de resultados imparciais, neutros. (VELHO, 1987, p.129)

Além do estudo, este processo permitiu uma reflexão profunda sobre a identidade não binária do próprio pesquisador. É justo dizer que, em muitos momentos, pesquisador e entrevistados “falavam a mesma língua”, o que não se refere apenas ao português ou a termos em inglês que apareciam eventualmente. Existiam, nas entrevistas, “experiências mais ou menos comuns, partilháveis, que permitem um nível de interação específico” (VELHO, 1987, p.125) e que as tornavam fáceis e fluidas.

Contudo, embora as páginas a seguir estejam repletas de agrupamentos e citações em comum, não deixam de existir contrastes nas vivências. Enquanto algumas pessoas entrevistadas

foram designadas homens ao nascer, outras foram designadas mulheres. Enquanto algumas querem se afastar de qualquer ideia de gênero, algumas sentem que possuíam ambos os gêneros ao mesmo tempo, ou que fluem entre eles. Enquanto algumas possuem sentimentos dolorosos sobre seus corpos, outras se sentem indiferentes ou relatam estar cada vez mais em paz com suas características físicas. Aceitar que todo exercício etnográfico é subjetivo não é colocar de lado estruturas e ferramentas que permitam testar, revisar e confrontar interpretações. Como bem coloca Velho (1987), “O que sempre *vemos* e *encontramos* pode ser familiar mas não é necessariamente *conhecido* e o que não *vemos* e *encontramos* pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido.” (VELHO, 1987, p.126). Entre a não binariedade do pesquisador e a dos entrevistados, puderam ser constatadas descontinuidades que tornavam o familiar, exótico e lembravam, constantemente,

de tirar a capa de membro de uma classe e um grupo social específico para poder – como etnólogo – estranhar alguma regra social familiar e assim descobrir (ou recolocar, como fazer as crianças quando perguntam os ‘porquês’) o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação. (DAMATTA, 1978, p.5)

Em alguns casos, o estranhamento do familiar se acentuava quando a pessoa entrevistada adicionava camadas identitárias de sua preferência, como no caso do entrevistado que se identificava como “não binário transmasculino” ou “boyceta” ou a entrevistada que prefere se identificar como “trava não binária”. Em outros, existiam suficientes coisas em comum para que o estranho parecesse familiar. Assim, um ponto crítico foi a necessidade constante de relativizar um mapa mais ou menos cristalizado que o pesquisador já possuía sobre o que, para ele, era um ponto importante de sua vida cotidiana. Um exemplo desta relativização em prática foi a importante pergunta inicial da pesquisa: “Qual seu pronome de preferência?”, seguido da prática do pronome correto. Contudo, o pesquisador não tinha familiaridade com o pronome neutro, o que em diversos momentos demandou atenção ao falar. Para Hine (2015), colocar-se em situações em que o pesquisador aprenda com a experiência, e não só com o que é contado a ele de forma verbal, é importante: a “exploração prolongada faz o etnógrafo publicamente responsável perante os participantes por suas ações: ‘entender errado’ torna-se um evento público e o etnográfico aprende com a experiência de se encaixar ou não, conforme os eventos se desdobram.” (HINE, 2015, p.55, tradução nossa). Em resumo, é possível dizer que ainda que existisse uma identidade comum, a não binariedade, esta não era uma identidade “mestra” (HALL, 2021). Para Hall (2019), as identidades pós-modernas são compostas por camadas “pertencentes à nova base política definida pelos novos

movimentos sociais” (HALL, 2019, p.16) como os feminismos, as masculinidades, as lutas negras e as lutas dos grupos LGBTQIAPN+. A identidade é uma experiência individual composta por múltiplas camadas, isto é, multipertencimentos, e torna possível ao pesquisador

pesquisar sua própria sociedade e, dentro dela, situações com as quais ele tem algum tipo de envolvimento e das quais participa. O fato de não ser englobado por nenhum grupo exclusivo – somado às próprias características e à formação do antropólogo, que, em princípio, produz e valoriza uma certa distância, permite o movimento de estranhamento crítico diante do próximo. (VELHO, 1987, p.18)

5.1 A INTERNET “EM CAMPO”

Acontecida durante o desdobramento da pandemia de Covid19, esta pesquisa teve como “campo”, a internet, com todas as suas limitações (impossibilidade de visita a locais físicos, se necessário), e suas virtudes (conexão à entrevistados de todo o Brasil). Hine (2015) afirma que é possível adaptar estratégias para alcançar os princípios fundamentais do processo de geração de conhecimento etnográfico na internet.

Um princípio etnográfico destacado por ela e importante para este trabalho foi o conceito de “campo”. A autora observa que, “embora falemos rotineiramente de ‘o local de campo’ no singular, o objeto de estudo na tradição etnográfica tem, na prática, raramente sido estreitamente limitado à um espaço geográfico ou unidade cultural.” (HINE, 2015, p.58, tradução nossa). Dessa forma, à medida que o pesquisador interpretava os relatos das pessoas entrevistadas, foi necessário que ele se adaptasse a novos locais digitais e que fizesse conexões com outros grupos que se mostravam importantes para entender o foco original de investigação. Por exemplo, em uma entrevista, o entrevistado demandou que o pesquisador lesse Amara Moira (@amoiramara), autora que, de fato, foi extremamente inspiradora para a pesquisa. Tal movimento que o pesquisador faria em um campo geográfico foi realizado também no mundo digital: no caminho de um site ou rede social a outro e na conexão entre os hyperlinks, por exemplo. Assim, o “campo” mostrou-se mais como uma construção do que algo dado.

Buscando o movimento digital, as entrevistas foram precedidas por uma participação em uma *live* sobre o tema da não binariedade no canal Ma&Prosa do entrevistado Ma (@macuryreis), da presença no Brilhe Circo Drag (@brilhecircodrag), evento internacional de circo drag, organizado pela entrevistada Be (@zil.be) e pela mediação de uma mesa no evento Estudos Contranormativos da FFLCH da USP, na qual a entrevistada Kael (@vitorelo.art) apresentou um

trabalho³¹. O pesquisador também acessou previamente as redes de Instagram das pessoas entrevistadas a fim de analisar suas presenças online e suas declarações públicas enquanto não binárias.

A fim de que se conheça um pouco mais sobre as pessoas entrevistadas, serão dispostas as informações por ordem de abordagem. Be (@zil.be) é uma pessoa não binária, utiliza os pronomes “ile/dile” e mora em São Paulo/SP. Ile tem 29 anos, trabalha com produção de filmes, espetáculos e eventos LGBTQIA+, faz circo e drag queer. Ma (@macuryreis) é uma pessoa trans não binária, utiliza os pronomes “ele/dele” e mora em São Paulo. Ele tem 33 anos, é tradutor, dublador e ator e tem um canal de *lives* chamado Má&Prosa (twitch.tv/macuryreis). Jupi77er é uma pessoa não binária transmasculina ou boyceta, utiliza os pronomes “ele/dele” e mora em São Paulo/SP. Ele tem 28 anos, é rapper, compositor, criador de conteúdo e empreendedor e tem uma loja de acessórios LGBTQIAP+ chamada Orgulhe-se (@lojaorgulhese). Mar (@mardemar.nb) é uma pessoa transvestigenero não binário, usa os pronomes “elu/delu” e mora em São Caetano do Sul/SP. Elu tem 21 anos, é estudante de psicologia, dá aulas de inglês e coordena o Projeto Sobreviver (@projetosobreviverabc) que oferta psicoterapia a valores reduzidos para a população LGBTQIAP+. Jamil (@jamilgr4u) é uma pessoa não binária transmasculina e agênero, utiliza os pronomes “ele/dele” e mora em Teresina/PI. Ele tem 24 anos, é estudante de psicologia e influenciador digital. Kael (@vitorelo.art) é uma pessoa não binária sem preferência de pronomes e mora em São Paulo/SP. Tem 26 anos, é designer, faz quadrinhos de forma independente, estuda e pesquisa sobre gênero e escreve para a revista Mina de HQ (@minadehq). Guttermil (@guttermil) é uma pessoa agênero não binário, utiliza os pronomes “ele/dele” ou neutros e mora em São Paulo/SP. Ele tem 42 anos, é produtor, artista e empreendedor e é sócio da loja Translúdica (@transludica). Rodrigo (@astrophagos) é uma pessoa não binária agênero, utiliza os pronomes “ele/dele” ou “elu/delu” e mora em São Bernardo do Campo/SP. Ele tem 18 anos, é menor aprendiz em uma empresa, artista e estuda Terapia Ocupacional. Yuri (@yuamaral) é uma pessoa não binária sem preferência de pronomes e mora em Foz do Iguaçu/PR. Tem 33 anos, faz quadrinhos, ilustração, artes gráficas, comunicação, publicidade e drag queen. Mun Há (@_mun.ha) é uma pessoa trava não binarie, utiliza os pronomes “ela/dela” e “elu/delu” e mora em Recife/PE. Ela tem 25 anos, é cantora de brega funk, atriz, performer visual e estudante de teatro. Como disposto por

³¹ Jornada de Estudos Contra-normativos 2021 - FFLCH - USP - Mesas 08 e 09 - 27/05. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=grCXB1bD8Sc&t=307s>>. Acesso em: 29 jul 2021.

Velho (2003), à medida que os olhos dos pesquisadores voltaram-se para a cidade houveram significativas mudanças em seus objetos de estudo. Esse processo levou “ao uso crescente de histórias de vida, biografias e trajetórias individuais.” (VELHO, 2003, p.16). O próprio sujeito, em sua singularidade, se tornou matéria da antropologia. Hine (2017) reforça esse entendimento ao colocar que é possível considerar um grupo de pessoas o próprio objeto da etnografia, considerando este grupo uma entidade interconectada e, portanto, livre de um local particular ou de uma quantidade de pessoas limitada ou predefinida pelo etnógrafo. As pessoas entrevistadas, ainda que estejam em locais geográficos diferentes, podem, assim, ser entendidos como foco de um estudo etnográfico.

Além disso, as conexões entre as pessoas entrevistadas com outras não binárias, destacadas como extremamente importantes em seu processo identitário, tinham ainda mais capilaridade, estendendo-se inclusive para fora do país. Isso fica claro no tema 1, “o primeiro contato com o termo não binário e as construções identitárias dadas a partir desse momento”, quando é possível observar que o momento de descobrimento do termo “não binário” não se dava só, mas com outras pessoas que incitavam o ponta-pé inicial para uma reflexão. Também no tema 5 “a receptividade do público à afirmação e construção de suas identidades no ambiente digital”, as pessoas entrevistadas relataram a importância dos grupos, verdadeiros exércitos de proteção, que respondiam comentários de ódio e de transfobia, permitindo que elas se mantivessem firmes em suas experimentações identitárias. A conexão com esses amigos, muitas vezes iniciada pela internet, se estendia posteriormente para o mundo físico.

Percebendo o “campo” digital deste trabalho mais como a experimentação identitária de pessoas abertas a novas conexões constantes, e ao invés de solidificar conhecimentos, essa pesquisa parece ter como resultado uma contribuição teórica e não uma descrição definitiva ou abrangente. Como destaca Hine (2015), mais do que “acertar em cheio”, o interessante de qualquer exercício com inspirações etnográficas é fazer conexões a outras descobertas do pesquisador em outras oportunidades ou, ainda, de outros pesquisadores.

5.2 AGRUPAMENTOS POSSÍVEIS

5.2.1 Gênero

Ainda que todas as pessoas abordadas se considerassem não binárias, algumas também utilizaram outras palavras antes ou depois do termo, como genderequeer, agênero, tranvestigenero,

transmasculino, boyceta ou trava. Como visto, tais palavras ajudam a qualificar a vivência dessas pessoas. Para as pessoas entrevistadas, tais termos não só ajudavam a explicar seu gênero, como também faziam as pessoas para quem se apresentavam refletirem sobre características com pesos profundos em suas experiências pessoais, ligadas a relações de poder e sistemas de dominação mais amplos (ZAMBONI, 2014).

Para esclarecer os termos utilizados pelas pessoas entrevistadas, o termo “agênero” descreve pessoas que não se identifiquem “com uma identidade que pode ser categorizada como homem ou mulher ou que assume não ter identidade de gênero” (CADERNO, 2017, p.90). Já “transvestigênera”, como observado na entrevista de Mar, é um termo de autoria de Indianarae Siqueira e Erika Hilton e que representa a junção de alguns termos como travesti, transgênero e não binário, com o objetivo de designar pessoas que “podem transitar a todo momento como quiser, sem definições, mas, ao mesmo tempo, escolher a definição que mais lhe aprouver” (SIQUEIRA, 2015). “Trava” é uma contração de “travesti” que, segundo o *Manual de Comunicação LGBT+* (2018), é um termo que identifica pessoas que nasceram “com determinado sexo, ao qual foi atribuído culturalmente o gênero considerado correspondente pela sociedade, mas que passa a se identificar e construir nela mesma o gênero oposto” (MANUAL DE COMUNICAÇÃO LGBTI+, 2018, p.31). Hoje o termo possui “teor político de resignificação de termo historicamente tido como pejorativo.” (ibid.). Sobre “boycetas”, Guilherme Vicente (2020) acrescenta a percepção de que existe em São Paulo cada vez mais o uso do termo por pessoas que antes se identificavam como “transmaculinas”. A diferença entre homens trans e boycetas seria a reivindicação por uma masculinidade que não evoque “a ideia de homem, muitas vezes passando pelo lugar do transviado, da anúncio de uma masculinidade que além de não ser falocêntrica se propõe a não ser tóxica e frágil tal qual é a masculinidade cis-hétero-patriarcal” (VICENTE, 2020, p.20).

Também aparece nas entrevistas a disputa entre pessoas transgêneras e transexuais e não binárias. Algumas pessoas entrevistadas relatam ouvirem, dentro do próprio movimento LGBTQIAPN+, que pessoas não binárias não seriam “verdadeiramente” trans.

"Sou uma pessoa trans não-binária, transmasculino, como eu gosto de falar, ou boyceta, que resume tudo." - (Jupi77er, entrevista em 10 de maio de 2021).

"Eu gosto [do termo trava] porque vem muito desse lugar social, do que a gente passa nas ruas e porque esse corpo travesti também não precisa se enquadrar nas lógicas binárias cis[gêneras]."

- (Mun Há, entrevista em 15 de julho de 2021).

"...as pessoas ainda confundem o que é um e o que é outro. O [gênero-]neutro, ele tá neutralizado em alguma questão. O agênero é não ter gênero, ele veio para quebrar essa questão do gênero."

- (Guttermil, entrevista em 7 de julho de 2021).

chrsit

"As lésbicas não entendem quem você é, e os corpos trans masculinos eles não te aceitam, porque eles acham que não existe corpos trans[gêneros] não-binários, eles acham que ou é homem trans[gênero] ou é mulher trans[gênera]." - (Guttermil, entrevista em 7 de julho de 2021).

5.2.2 Pronomes

Pessoas não binárias podem escolher ser tratadas por um pronome diferente daquele designado ao nascer, "pode ser ele, ela ou 'ile', que é um pronome de gênero neutro, usado para os de gênero queer, neutro." (CADERNO, 2017). Existe também o sistema "elu", cuja utilização foi mais numerosa entre as pessoas entrevistadas.

De acordo com Butler (2016), "a hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito." (BUTLER, 2016, p.26). Parece ser a partir dessa crença, sustentada pela crença ainda mais forte da existência de apenas dois sexos "naturais" e do complemento da expressão de gênero, que as pessoas são categorizadas e têm seus pronomes previstos.

Três décadas antes de Butler, o planejador urbano William Whyte foi contratado para entender como revitalizar uma área subutilizada da cidade de Nova Iorque. Para encontrar respostas, Whyte decidiu documentar os hábitos dos moradores da cidade durante horas e produziu um artigo para o New York Times chamado "*New York is a tough town to sit in.*" (WHYTE, 1972). Como resultado, ele descobriu que a cidade não tinha lugares de qualidade para que as pessoas se sentassem, o que de certa forma já explicava porque as áreas não eram utilizadas. Mas ele foi além

e experimentou deixar cadeiras móveis nos espaços para as pessoas. A descoberta é ainda mais simples: quando as pessoas têm opções, elas escolhem fazê-las. A suposição do pronome define, já a pergunta cria proximidade e escolha.

Ao serem questionadas, as pessoas entrevistadas diferem em opinião. Enquanto algumas preferem pronomes opostos àqueles correspondentes ao gênero que foram designadas ao nascer, algumas se sentem bem com o pronome neutro. Aparece também certa dificuldade em exigir o pronome de preferência das pessoas de seu convívio ou a dificuldade da família e amigos em respeitar o pronome escolhido. Um ponto de semelhança é, contudo, a disposição para experimentar diferentes pronomes, seja na internet ou no mundo físico.

"Ele chegou em mim e falou assim: "Qual o pronome você gosta?". Eu falei: "Pode me chamar do pronome que você quiser, não tem problema." e ele falou: "Eu sei que não tem problema. Mas qual você gosta? Ele foi a primeira pessoa a me chamar no masculino, e eu gostei. Eu gostei muito. Aquilo me deu uma sensação de existência." - (Ma, entrevista em 9 de maio de 2021).

"Eu não me importo com pronomes. Tem pessoas que me chamam no masculino, tem pessoas que me chamam no feminino. Eu não gosto quando é o feminino compulsório, quando é feminino porque as pessoas me entendem de uma forma feminina, mas eu realmente não me importo tanto." - (Be, entrevista em 1 de maio de 2021).

"[Ser chamado no pronome neutro] É a coisa mais maravilhosa do mundo, me deixa feliz, mas é uma coisa que eu não me sinto no direito de cobrar de todo mundo" - (Rodrigo, entrevista em 6 de julho de 2021).

"Eu ainda vou me impor mais: "Olha a gente vai no dentista e só vocês me chamam de "ela". Bora começar? Por favor, me chame de Jamil". Nossa, acontece muito. No supermercado eles me chamam: "Jamile, vem cá pega aqui". Aí o atendente fala assim: "Entrego para quem?". E eles: "Para ela". Eles ficam procurando, e eu falo: "Obrigado". O atendente buga. Eu fico morrendo de pena do coitado." - (Jamil, entrevista em 20 de maio de 2021).

“Tem gente que me vê de barba, um homem cis[gênero], mas me chama pelo feminino. Então é uma experiência muito legal e quando alguém me chama pelo feminino eu falo: “Ah, to bem garota, tá ótimo”, hahaha.” - (Yuri, entrevista em 8 de julho de 2021).

5.2.3 Nome

Assim como comentaram experimentar com pronomes, algumas pessoas abordadas também buscaram novos nomes que traduzissem melhor sua identidade. Alguns nomes novos se assemelham em sonoridade e grafia aos antigos. Existe um processo de “vestir” o novo nome que se estende em alguns casos e em outros, é rápido e definitivo.

“...eu vejo uma relação muito forte entre o Rodrigo, que é o Rodrigo e ponto, e o Chico Toicinho que foi uma identidade construída, foi mantida por carinho, por afeto.” - (Rodrigo, entrevista em 6 de julho de 2021).

“...quem me ajudou a escolher esse nome foi minha mãe, né? Porque a gente sempre tem uma mãe e um pai dentro do mundo LGBT. Aí ela falou assim: “Por que não Gutteville?”. Aí eu falei: “Bora, vamos nessa.” - (Gutteville, entrevista em 7 de julho de 2021).

“...meu nome, até hoje eu me acostumo com ele. Eu gostava do meu nome, eu gostava muito do meu nome, bastante mesmo. [...] era uma coisa que eu estava esperando, vendo se vestia, né? Ver as trocas sociais. E vi que me vestiu bem. [...] Eu tô retificando agora ele. Aí quando você tá retificando que você vê, né? Vou assinar meu nome, não dá mais para errar, hahaha.” - (Jamil, entrevista em 20 de maio de 2021).

“Eu me chamo Cris, mas há algum tempo eu uso Mun Há tanto como o nome social, como como nome artístico também. Ele vem a partir do meu pai, era o apelido do meu pai que já faleceu. Aí eu uso esse nome tentando criar uma nova história para esse nome, fazer coisas que meu pai não podia fazer e quebrar preconceito no que meu pai tinha também.” - (Mun Há, entrevista em 15 de julho de 2021).

"O meu nome de registro é Raquel, e durante muito tempo sempre fui conhecida como Quel dentro da família. [...] Então procurei nomes que fossem um pouco parecidos com o apelido que eu sempre me identifiquei. [...] Kael é um nome irlandês, e na verdade nem é muito neutro, mas eu acho que é neutro o suficiente. Eu gostei de ter uma sonoridade parecida e uma grafia parecida."
- (Kael, entrevista em 29 de junho de 2021).

5.2.4 Retificação do nome social

O *Manual de Comunicação LGBTQ+* (2018) retoma que, em 2018, houve uma aprovação do Supremo Tribunal Federal determinando que a retificação de registro civil, isto é, a inclusão do nome social nos documentos, se dê de forma desburocratizada, “sendo desnecessária tanto a apresentação de laudos psicológicos e psiquiátricos quanto a cirurgia de readequação sexual” (2018, p.27).

Nem todas as pessoas abordadas têm interesse na retificação, mas entre as que tinham, também foram relatadas experiências nas quais esse direito foi ignorado. Duas pessoas universitárias relataram que os nomes não foram respeitados no sistema estudantil. O desconforto causado as levou a trancar o curso ou mudar de universidade. Entre famílias e amigos a mudança do nome, assim como do pronome, também encontra desafios.

"...eu tô nesse processo aí, isso realmente eu quero [a retificação de gênero neutro], porque é muito complicado você chegar em médicos, ou em outro lugar que não respeita seu nome social e te chama pelo nome civil. É muito constrangedor, é absurdamente constrangedor" - (Gutierrez, entrevista em 7 de julho de 2021).

"Eles puseram meu nome de registro no sistema da universidade mesmo depois de mais de um ano usando nome social. E quando eu conversei com o reitor sobre sair da faculdade se eles não arrumassem, eles disseram que não fariam nada sobre isso. E aí eu saí da faculdade." - (Mar, entrevista em 12 de maio de 2021).

"...estou com o curso trancado... Sim, por causa do Covid, mas também porque não colocaram o meu nome social lá, muito doido" - (Jamil, entrevista em 20 de maio de 2021).

5.2.5 Primeiro contato com a dissidência de gênero

Quando perguntadas sobre seu primeiro contato com termos como não binário, trouxeram questões semelhantes. Foi comum curiosidade ou estranhamento inicial bem como uma posterior consulta mais aprofundada na internet ou com amigos. Quatro pessoas sentiram uma conexão inicial com o termo e outras duas pessoas citaram que foram transfóbicas no primeiro momento que ouviram o termo, rindo e achando que era “besteira”. Também houve relatos de recusa do termo transgênero em um primeiro momento. As pessoas entrevistadas disseram que não desejavam transição hormonal ou cirúrgica, não sentiam repulsa ao próprio corpo e desejo por passabilidade (capacidade de “passar” pelo gênero oposto, em uma lógica binária), desejos e sofrimentos que pensavam ser mandatórios para serem transgêneros. Como observado no tópico “Gênero”, existia a impressão de que pessoas transgêneras passavam por questões comuns e que estas eram essenciais para a identificação com o termo.

"Antes da não-binariedade eu entrei em contato com gênero fluído. Eu estava fazendo um programa, estava traduzindo, e aí eu tive que pesquisar, apareceu genderfluid. Eu já tinha ouvido falar, mas o que era isso eu não fazia a menor ideia... Eu não tinha nunca parado para pesquisar. Então naquele momento eu precisei pesquisar e a hora que eu pesquisei o que era, bateu, sabe?"
- (Ma, entrevista em 9 de maio de 2021).

"Acho que o primeiro momento eu entrei em contato com o termo, foi genderqueer, no colégio. Então deve ter sido lá por 2009 ou 2010, não sei. Eu lembro de pensar tipo: "Ah, então existe um nome para isso que eu sou."" - (Kael, entrevista em 29 de junho de 2021).

"Eu estava com uma mana numa festa de rua. Ela falou: "corpos não-binários". Eu olhei e pensei assim: "Mas que que é isso? O que isso quer dizer, o quê que isso quer falar?". Mas eu não falei nada, eu não perguntei, porque eu sou meio tímido, eu não eu não converso. Mas aí eu fui atrás para saber eu que eram "corpos não-binários". E falei: "Caramba!" - (Gutierrez, entrevista em 7 de julho de 2021).

"...eu falei: "Amiga, eu não sei...". Eu tinha altas noias, eu vi as meninas trans e os boys trans, a questão de não se sentir bem, de ter que se adequar ao padrão, de cada vez mais aquele rolê das faixas [também chamado de binders, para esconder o peito], as meninas trans[gêneras] com as hormonizações, todo um processo que, para nós, não-binários, isso pode acontecer, mas que, para mim, eu não tinha esse desejo." - (Mun Há, entrevista em 15 de julho de 2021).

"...eu falava assim: "Eu não sou trans[gênero] [...] Meus amigos são trans[gênero], ó aqui eles de barba, eu não sou isso. [...] Eu gosto do meu nome, eu não me odeio, como que eu sou trans[gênero]?" - (Jamil, entrevista em 20 de maio de 2021).

"Então assim, nessa época, uns cinco anos atrás, eu não ia saber o que era. E quando eu fiquei sabendo eu dei risada, eu falei: "Hahaha, tá de tiração, né? Esse bagulho não existe [...] eu fiquei com aquilo na cabeça por um tempo, pensando sobre, sabe? Tipo: "Curioso, gênero fluido... Para mim faz sentido que o gênero seja fluido". E eu me sentia assim..." - (Jupi77er, entrevista em 10 de maio de 2021).

"...aí eu chamei: "Ah, Julia!", e aí na minha frente ela fez: "Eu não gosto que me chame assim. [...] E eu: "Mas por que?". E essa pessoa falou: "Porque eu sou não-binário, então não gosto. [...]. E aí eu falei: "Tá bom.". Mas aí eu cheguei para conversar com outro amigo e disse: "Nossa, ela falou que era não-binário e eu não sabia. Tu conhece alguma pessoa não-binária?" E aí a pessoa fez: "Ai cara me poupe, a pessoa gosta de falar que é... Vem falar que é não-binária? Nada a ver..." - (Jamil, entrevista em 20 de maio de 2021).

5.2.6 Segundos contatos e o que aconteceu depois

Existem desdobramentos também comuns depois do primeiro contato com a dissidência de gênero, como, por exemplo, a sensação de liberdade. Para as pessoas designadas mulheres ao nascer, ainda que as ideias feministas tenham feito parte de suas vidas, a não binariedade provocou uma expansão da liberdade em relação a seus corpos.

Butler (2016) escreve que, desde 1990, o sujeito "mulheres" não era mais "compreendido em termos estáveis ou permanentes" (BUTLER, 2016, p.18). Contudo, o termo foi, por muito

tempo, cristalizado pelo feminismo como “estável” em sua representação e opressão. Ao invés de uma coalizão aberta, tinha-se um sujeito presumido. Então eis que surge, nos últimos anos, um tipo de feminismo em construção, uma literatura de fronteira, o transfeminismo. De acordo com Jaqueline de Jesus (2015), o transfeminismo é

uma linha de pensamento e de prática feminista que rediscute a subordinação morfológica do gênero (como construção psicossocial) ao sexo (como biologia), condicionada por processos históricos, criticando-a como uma prática social que tem servido como justificativa para a opressão sobre quaisquer pessoas cujos corpos não estão conformes à norma binária homem/pênis e mulher/vagina. (DE JESUS *et al.*, 2015, p.5).

Dessa forma, o transfeminismo compreende, por definição, também os corpos não-binários e poderia ser uma saída para o feminismo que, ainda que bem intencionado, tem sua representação ligada à uma identidade binária.

Já entre as pessoas designadas homens ao nascer a não binariedade representou o momento de negação de “tudo aquilo” que é esperado de um homem. Como escreve Virgine Despentes (2016), “se os corpos das mulheres pertenciam aos homens, os corpos dos homens, em contrapartida, pertenciam, em tempos de paz, à produção ou, em termos de guerra, ao Estado.” (DESPENTES, 2016, p.22). Sem esquecer a opressão feminina, o que a autora traz é o contraponto, a perda masculina. A virilidade, inatingível, seria também mutiladora. Despentes (2016) acredita que exista lógica em manter homens e mulheres em oposição e em vigia, preocupados com sua virilidade e feminilidade a tal ponto que não é possível que percebam que a revolução dos gêneros traria benefícios à ambos: “Compreender os mecanismos de nossa inferiorização e as maneiras através das quais nós temos nos convertido em nossos maiores vigias é compreender os mecanismos de controle de toda a população” (DESPENTES, 2016, p.24).

"A não-binariedade me deu essa oportunidade de estar em um lado, de estar em outro, de ser uma, de ser um." - (Mun Há, entrevista em 15 de julho de 2021).

"...eu nunca fui uma pessoa muito masculina. Eu sempre fui uma pessoa muito reservada, então sempre muito quietinho, mas quando pego intimidade, logo eu tô saracoteando, bem bixa, bem feliz, porque eu me sinto bem à vontade." - (Yuri, entrevista em 8 de julho de 2021).

"Tem uma pressão muito grande em cima [da masculinidade] porque já é da nossa sociedade esperar que homem seja 100% homem e pronto. A expressão emocional, a expressão psicossocial do homem, é muito diferente, é muito mais regradada. [...] um dos fatores que me levaram a não-binariedade foi sempre essa cobrança de: "Ah, o que você tá fazendo muito é feminino, o que você tá fazendo não é coisa de homem.". Mas se eu não quiser ser homem, qual o problema?" - (Rodrigo, entrevista em 6 de julho de 2021).

"E é interessante porque eu sempre fui feminista, sabe? Eu sempre entendi que as mulheres deveriam fazer o que elas quisessem de fato, e viver a vida delas como elas quisessem. Mas só depois que eu me entendi dessa maneira que eu me permiti algumas coisas que antes eu não me permitia, sabe? E isso até me incomoda um pouco... A questão de depilação, a questão de... Sei lá... Mil coisas que são impostas, e que eu já era contra essa imposição, mas não conseguia não seguir... Hoje, para mim, [a não-binariedade] é um sinônimo de liberdade, mais do que qualquer outra coisa." - (Ma, entrevista em 9 de maio de 2021).

"Ao mesmo tempo está sendo muita liberdade. Tipo não vou usar sutiã, que era uma coisa que eu tinha muita dificuldade, mesmo com o feminismo, porque eu tenho muito pouco peito, aí se eu não uso eu fico, tipo, com nenhum peito. E aí para performar uma feminilidade eu achava muito estranho... Então eu ficava usando bojo e tudo mais. E agora me entendendo como não-binário eu falei tipo: 'Suave, é exatamente isso, eu não preciso ter peitos'. "Eu não me entendia enquanto mulher. Não bastava ser uma mulher livre. Me entender enquanto uma pessoa não binária fez mais sentido para mim, e a partir daí, eu consegui entender meu corpo." - (Be, entrevista em 1 de maio de 2021).

5.2.7 Não binariedade enquanto afirmação política

Afirmar-se não binário nos espaços que frequentam ou no próprio trabalho foi percebido como uma afirmação política impossível de ficar alheia. A necessidade de se colocar-se em alto e bom som aparece em vários relatos. Uma vez que a não binariedade procura resistir aos modelos normativos de gênero e sexualidade ao questionar os mecanismos que os constituem (a cisheteronormatividade), incluindo a binariedade trans, a própria não binariedade é um ato de

(re)existência política. A não binariedade não só afirma teoricamente que os gêneros são construídos, mas demonstra "que essas construções não são tão rígidas e infalíveis assim". (BOUNCER, 2021, p.27). Como é possível perceber, a necessidade de colocar-se em alto e bom som é algo que aparece em vários relatos.

"...[gênero] é algo que inclusive comecei a colocar mais nas minhas obras depois que eu entendi a importância de declarar essas questões em voz alta, os espaços que a gente ocupa e a nossa decisão. Porque essa decisão é política." - (Yuri, entrevista em 8 de julho de 2021).

"Então estou nesse processo de desconstrução, sendo essa pessoa não-binária nesse espaço [do brega funk]. Eu também falo sobre sexo, sobre paixão, sobre amor, mas trazendo essa problemática: "Olha quem tá cantando, quem tá cantando sou. E eu sou não-binário. Muda essa ideia aí porque os nossos corpos também se amam, também transam, também fazem tudo isso aí." Eu amo dançar, eu amo escutar as músicas, mas eu não tinha ninguém que eu dissesse assim; "Nossa essa pessoa aí, eu poderia ser ela e ela poderia ser eu.". Então na falta de representatividade eu ocupei esse lugar, tô tentando ocupar e tô conseguindo." - (Mun Há, entrevista em 15 de julho de 2021).

"Conforme o momento político no país foi ficando cada vez mais esquisito, eu lembro de estar conversando com a minha mãe sobre qualquer coisa política que tem acontecido, e ela falar que a gente não conseguia mais se dar o luxo de não falar o que a gente pensava. [...] Tem a ver com duas coisas: a necessidade de ser eu e a necessidade de me expressar politicamente. Eu vejo como uma identidade política." - (Kael, entrevista em 29 de junho de 2021).

5.2.8 Querer "voltar atrás"

Contudo, questionar constantemente uma lógica tão naturalizada quanto o gênero também é desgastante. Segundo De Jesus e Moreira (2014), a sociedade tem dificuldade em entender "pessoas trans que não reivindicam nenhum gênero para si ou ressignificam um ou outro através de uma aparência e práticas vistas como contraditórias ao gênero escolhido." (DE JESUS, 2014b, p.129). Nas entrevistas fica claro que, o questionamento das normas de gênero e do próprio gênero,

tanto faz sentido e dá esperanças de um futuro mais livre quanto parece algo absurdo. A internet, espaço onde recebem críticas e questionamentos sobre a existência da não binariedade, também é o meio pelo qual conhecem amigos e formam redes de apoio. Em alguns momentos a transfobia pesa e se questionam se seria tarde “para voltar atrás”.

"Às vezes eu penso que eu deveria largar tudo que eu falo sobre não-binariedade e só voltar a ser a pessoa que eu acho que eu era uns anos atrás. Mas aí, quando ouço música, leio poesia, histórias de pessoas trans, eu sinto uma coisa meio transcendental, uma coisa que me dá uma certeza de que tem algum sentido aí. Eu não sei que sentido é esse, mas eu acho que alguma coisa de liberdade, eu não sei. [...] Uma coisa é você querer ser uma pessoa confiante e segura de si, que já é bem difícil na minha opinião, outra coisa é você querer ser uma pessoa segura e confiante enquanto você diz que a sua forma de experimentar gênero nessa sociedade é completamente revolucionária e que todos agora vão te chamar pelo nome que você inventou." - (Kael, entrevista em 29 de junho de 2021).

"Às vezes eu pensava: “Agora é tarde demais para voltar atrás?”. Eu já me perguntei isso: “Vou voltar atrás, vou mudar meu nome só quando eu estiver preparado”. Eu não estava preparado para fazer isso na internet porque foi chuva de coisas, mas a rede de apoio é muito doida, sabe?” - (Jamil, entrevista em 20 de maio de 2021).

5.2.9 O tempo da identificação não binária

Entre as pessoas entrevistadas, duas relataram que levaram mais tempo do que gostariam para entender e viver sua identidade não binária.

"...às vezes eu penso: “Poxa, eu demorei demais para fazer isso.”. Mas eu penso: “Não, não demorei. Eu tenho meu tempo, a minha jornada, a minha identidade.” - (Yuri, entrevista em 8 de julho de 2021).

"Então nessa questão de me conhecer, eu tenho 42 anos, foi essa transição tardia... Ao mesmo tempo que ela é maravilhosa, porque você traz toda sua bagagem, né? De tantos anos aí na vida...

Você começa a perceber o mundo de outra forma, as coisas de outra forma, mas ao mesmo tempo você fala: “Poxa, por que eu não tinha essas informações antes, né?”. “Por que isso tudo não chegou para mim antes, seria mais um longo tempo incrível e maravilhoso para me colocar no mundo com uma pessoa que eu sou realmente.” - (Gutierrez, entrevista em 7 de julho de 2021).

5.2.10 Corpo

Houve concordância sobre a opinião de que não é necessário passar por sentimentos de inadequação ou desconforto com o corpo, nem iniciar terapia hormonal ou fazer alguma cirurgia, para se considerar transgênero, não binário, ou os dois. Convivem com essa opinião eventuais episódios onde as pessoas abordadas relatam se sentirem disfóricas. Algumas disseram que experimentaram utilizar hormônios por algum tempo, ou ainda apenas uma vez, e outras sugerem que no futuro esta pode ser uma opção. As pessoas designadas homens ao nascer relatam sentir disforia com pelos. Já as pessoas designadas mulher ao nascer relataram disforia sobre os seios.

“Às vezes rola uma disforia com pelos, aí eu penso: “Tá, mas pelo...”. Eu entendo que é uma imposição, né?” - (Yuri, entrevista em 8 de julho de 2021).

“Eu tinha muita disforia em relação aos meus pelos. Não era nem por estar mais relacionado socialmente ao gênero masculino, mas porque eu não me acho tão interessante com pelos. Mas depois de um tempo eu fui desconstruindo, pensando: “É o meu corpo, [os pelos] não vão sair daqui. Vai ter um momento que vou tirar, outros que eu vou deixar. Eu não quero me machucar mais.” - (Mun Há, entrevista em 15 de julho de 2021).

“Eu tenho uma visão completamente distorcida de mim, eu vejo uma coisa exagerada, caricata, eu me vejo como uma caricatura masculina que não existe.” - (Rodrigo, entrevista em 6 de julho de 2021).

“Eu tomei uma dose de testosterona pelo SUS, mas é uma coisa que eu não tenho pressa de experimentar, mas foi bem legal. Não sei se eu continuaria a tomar... Pelo SUS só dá para você ter acesso a testosterona injetável, né? E não dá para controlar muito bem as mudanças que você

vai tendo tão bem quanto com o gel [testosterona em apresentação em gel], por exemplo." - (Kael, entrevista em 29 de junho de 2021).

"Acho que todo mundo tem a ideia que você começa a hormonização e vai fazer para vida toda e nunca foi a minha ideia. [...] Assim como assim como meu nome, eu me entendo como as ondas do mar, entendeu? [...] tem momentos que eu quero uma coisa e tem momentos que eu não quero mais. E eu entendo que é super natural, faz parte da vida. Nada na vida é fixo." - (Mar, entrevista em 12 de maio de 2021).

"Às vezes dá uma disforiazinha no peito, mas não a ponto de chegar e falar: "Vou tirar ele daqui, ele não me pertence." - (Gutternil, entrevista em 7 de julho de 2021).

"Por muito tempo, qual que era o meu maior sonho? Real? Uma bobagem. É ir à praia sem camisa, tá ligado? Então assim, vou numa praia sem camisa. É o meu corpo, que tem peito, ou é o fato de não aceitarem que eu possa ir numa praia sem camisa? Então eu tô nesse meio do caminho... Tenho alguns dias..." - (Ma, entrevista em 9 de maio de 2021).

5.2.11 Expressão artística

Foi comum o relato de uma grande profusão de expressões artísticas, identificada como importante para lidar com o entendimento sobre a identidade e com o corpo, como o teatro, o circo, ilustrações digitais, quadrinhos e arte *drag*.

"No começo eu tinha vontade de desenhar sempre corpos perfeitos, corpos malhados, de modelos que encontrava na internet. E esses dias eu fiz o meu primeiro desenho com uma pessoa gorda e refleti muito mais em como eu enxergo no meu corpo. [...] Minha arte reflete esse desejo de não ser o que eu sou. Ou melhor, de não ser o que eu não sou, o que me obrigaram a ser." - (Rodrigo, entrevista em 6 de julho de 2021).

"A drag, por exemplo, leva muitas pessoas a se descobrirem trans[sexuais], porque você brinca com o gênero... Não quer dizer que todo mundo que faz drag tem uma questão trans[sexual] e não

é que toda pessoa trans[sexual] que passa pela drag, mas eu acho que ajuda muito." - (Be, entrevista em 1 de maio de 2021).

"O meu primeiro zine, Tomboy, foi feito na época que eu comecei querer tentar coisas diferentes com a minha relação com meu gênero. Eu tentei fazer uma coisa o mais genuína possível, porque qualquer outra coisa me parecia meio falso, não sei. Então eu fiz meio que eu falando comigo mesma." - (Kael, entrevista em 29 de junho de 2021).

"Em 2017/18 fui chamado para fazer o espetáculo chamado "Pink Star", que falava sobre a questão de um ser não-binário, uma criança que nascia sem gênero, e ela queria descobrir o gênero dela. E aí eu falei: "É isso, é aí que eu me encaixo. Eu não me vejo nem como homem nem como mulher." - (Gutervil, entrevista em 7 de julho de 2021).

"...[a drag] foi uma válvula de escape que me permitiu entender melhor o meu gênero, sabe? "Olha eu posso usar isso e usar aquilo", sabe? "Eu posso usar certas roupas, eu posso agir de determinadas maneiras...". Então a drag foi um espaço de experimentação" - (Yuri, entrevista em 8 de julho de 2021).

5.2.12 Sexualidade

Ainda que não entendam que a sexualidade esteja estritamente ligada ao gênero, existe a percepção de que a não binariedade levou a questionamentos sobre a sexualidade e seu desejo. Foi relatado que os termos "pansexualidade" ou "bissexualidade" passaram a fazer mais sentido depois da identificação enquanto não binário, pois se perceberam interessados em pessoas independente de seu gênero ou genitália³².

³² Ainda que exista uma preferência pessoal por uma ou outra palavra, a pansexualidade, cujo prefixo pan vem do grego e significa 'tudo', e a bissexualidade tem definições parecidas. (CADERNO, 2017). O Manifesto Bissexual, escrito em 1990, pede que o leitor "não presuma que bissexualidade seja binária ou duogâmica por natureza: que temos 'dois' lados ou que devemos nos envolver simultaneamente com ambos os gêneros para sermos seres humanos completos. De fato, não presuma que só existem dois gêneros." (The Bay Area Bisexual Network, 2021)

"Eu sou sempre perguntado: "Ah, mas como que você fala que você é gay se você é não-binário? Você não é homem para você dizer que você é gay.". E eu fico tipo... Eu não sei responder ainda, não sei o que dizer." - (Rodrigo, entrevista em 6 de julho de 2021).

"Eu passei a me declarar bissexual pensando que: "Ok, eu sou uma pessoa não-binária e eu percebi que eu sinto atração por pessoas de acordo com a performatividade delas. [...] Então não necessariamente tem a ver com genital. Não faz sentido eu ser gay. E aí isso virou meio que ligou um motorzinho na cabeça aí eu pensei: "Não, eu tô bem sendo uma pessoa trans[gênera] não-binária. Bi[sssexual] tá ótimo!" - (Yuri, entrevista em 8 de julho de 2021).

"Antes eu tinha muitas ideias fechadas, eu achava que eu gostava só de homem cis[gênero], achava que eu era uma pessoa homossexual. E acabava reproduzindo muita misoginia em relação a corpos com buceta. [...] Eu tinha muito preconceito e reproduzia muito, muito mesmo. Até me descobrir sexualmente ficando com outras corpos e gostando também. É uma forma de contato, de amor, uma forma de me envolver, então desde o terceiro ano do ensino médio eu me entendi como pansexual" - (Mun Há, entrevista em 15 de julho de 2021).

"Eu me considero como pansexual, eu não me apaixono ou me interesso pela genitália. Eu me interesso e me apaixono pela pessoa. [...] eu gosto mais do papo da pessoa, do que ela é, do que ela representa. Para mim é mais importante." - (Guttermil, entrevista em 7 de julho de 2021).

5.2.13 Rede sociais

Foi na internet onde as pessoas entrevistadas se declararam como não binárias pela primeira vez, através de *posts* ou vídeos. As redes sociais, em especial o Instagram, o Twitter e o Twitch, foram citadas como espaços de expressão e como facilitadoras de conexão e identificação com outros dissidentes, isto é, pessoas cuja identidade de gênero está fora do binômio homem e mulher, e também cisgêneros, pessoas "cuja identidade de gênero coincide com o sexo biológico que lhe foi atribuído ao nascer." (CADERNO, 2017, p.90). Segundo Massimo Canevacci (2018), a rede social permite a autorepresentação, pois quebra a dicotomia entre quem representa, de um lado, e quem é representado, de outro: "trata-se do direito que cada pessoa tem de representar a si mesma

política e esteticamente, e de representar também que a representa.” (2018, p.8). A autorrepresentação oferece a possibilidade do *espec-ator*, isto é, o espectador que é também ator-nos-espaços, a contestar o direito de um terceiro de representá-lo. Para a maior parte das pessoas abordadas a receptividade foi boa, com mensagens por *direct* e comentários de afeto de seguidores desconhecidos e de amigos.

"...falar de não-binaridade [na internet] tem sido uma parada que tem me ajudado, né? A me validar, validar meu gênero..." - (Jupi77er, entrevista em 10 de maio de 2021).

"Foi só pela internet mesmo que eu consegui ter o impulso de não me fechar [depois que se assumiu não-binário], que a gente é cagão, né? O positivo [da internet] é a rede de apoio que aumentou. São pessoas que eu posso falar uma vez no mês, mas eu tenho um amigo trans[gêneros] em Florianópolis, em Natal. Se eu tivesse passando por qualquer problema [...] eu posso ligar para eles, eu posso, entendeu?" - (Jamil, entrevista em 20 de maio de 2021).

"Quando eu me coloquei foi pelo Instagram, eu fiz uns stories que inclusive está nos meus destaques ainda... Foi a primeira vez e eu também fiz um vídeo que eu declarei que eu sou [transgênero não-binário]. [...] foi uma recepção muito boa quando eu comecei a falar para as pessoas" - (Yuri, entrevista em 8 de julho de 2021).

"...eu decidi postar um Tweet e jogar pro mundo, falar: "To me descobrindo não-binário, não gostou se fode aí. [...] O Twitter é um diário pessoal pra mim. [...] [Um lugar de] principalmente pensamentos que você não conta para ninguém, você só joga lá e finge que é ironia." - (Rodrigo, entrevista em 6 de julho de 2021).

"...eu fiz uma postagem falando sobre o nome que eu queria passar a usar e junto disso veio uma arte que eu tinha feito. E, bom, foi um tipo bastante particular de recepção, porque as pessoas sentiam necessidade de me falar e ela apoiavam, né? Uma coisa super legal." - (Kael, entrevista em 29 de junho de 2021).

5.2.14 Continuando a conversa

Uma vez declarada a identidade, contam que sentiram a necessidade de continuar o diálogo, produzindo materiais explicativos sobre identidades não binárias, transgêneras e sobre linguagem neutra. Foi citado que o público-alvo deste trabalho são as pessoas cisgêneras, com baixo conhecimento sobre diversidade, mas que estão dispostas a aprenderem.

"Agora eu vejo que eu tô até um pouco calado porque eu falei muito, eu falei muito, hahaha... Nossa senhora, era muito!" - (Jamil, entrevista em 20 de maio de 2021).

"Eu acho importante a gente devolver para a sociedade o que a gente aprende na academia, senão não faz sentido. [...] eu decidi levar o conteúdo acadêmico que eu estudava para pessoas que não estão na academia. Então todo o conteúdo que eu faço, eu tento ser o mais simples possível. [...] O foco sempre foi levar informação para pessoas que não têm acesso." - (Mar, entrevista em 12 de maio de 2021).

"Eu falo de uma forma bem simples, eu penso nas pessoas cis[gêneras]. Quando eu vou fazer [posts para o Instagram] eu não penso nos corpos trans[gêneros], mas para pessoas cis[gêneras]." - (Guttermil, entrevista em 7 de julho de 2021).

"...quem mais me aborda para falar do assunto são pessoas cis[gêneras]. São pessoas que querem entender o que é. [...] eu gosto de transformar o meu espaço num espaço que seja seguro não só para mim, mas para todo mundo. Eu acho que as pessoas sentem isso. Por isso que se aproxima. E os cis[gêneros] também." - (Ma, entrevista em 9 de maio de 2021).

5.2.15 Receptividade e identificação

A produção das entrevistadas nas redes sociais desperta questionamentos sobre identidade em outras pessoas e a identificação daqueles que buscam termos que melhor expliquem suas identidades de gênero. Relatam se sentirem felizes com este retorno, porém preocupados com a responsabilidade de influenciar seguidores através de suas opiniões ou jornadas pessoais. Por isso, têm cuidado com a informação que postam nas redes. Contam que estudam os temas dos conteúdos

que produzem antes de postarem e incluem as fontes das informações consultadas. As pessoas abordadas buscam deixar claro que cada vivência é única e que estão conscientes dos privilégios que carregam (como aceitação familiar e acesso à universidade, por exemplo).

"...quando é alguém que eu realmente vejo que a pessoa quer entender mais, que é alguém que quer se descobrir, ou que tá se descobrindo, que essa pessoa quer encontrar novas possibilidades, eu digo: "Nossa eu preciso conversar!" [...] é sobre referência. Uma outra pessoa que te diga que você pode sim, que você pode construir a sua existência." - (Mun Há, entrevista em 15 de julho de 2021).

"As pessoas não binárias se aproximaram de mim porque eu saí do armário primeiro no círculo, sabe? "Às vezes uma pessoa do nada começa a falar: "Nossa, eu acho que sou uma pessoa trans[gênera] não-binária." E aí a gente conversa, conversa, conversa... E a pessoa fala: "Nossa, eu vou levar para terapia." (Yuri, entrevista em 8 de julho de 2021).

"...o que para mim às vezes é um pouco difícil, porque eu me sinto um pouco responsável. As pessoas vêm buscar ajuda, querem conversar: "O que eu faço? O que eu falo?". Nossa, está ligado a identidade da pessoa." - (Yuri, entrevista em 8 de julho de 2021).

"Algumas pessoas vieram falar comigo: "Olha, através dos seus conteúdos eu me identifiquei como agênero, como um corpo não-binário, agora eu entendi por que isso, porque aquilo...". É muito gratificante, é muito gostoso, eu tenho um bom resultado." - (Guttermil, entrevista em 7 de julho de 2021).

"Eu tive que estudar para fazer meus posts. Eu tinha que estudar, né? Eu tinha que ir atrás, fazer pesquisa. Eu não posso colocar qualquer coisa [na internet]." - (Guttermil, entrevista em 7 de julho de 2021).

"Eu também tive esse processo, né? De ver pessoas trans e através da simples existência delas, me entender. Então é muito mágico e maravilhoso ver que eu estou suscitando isso nas outras pessoas. [...] É muito legal ver que eu estou me colocando de uma forma muito segura. Quer dizer, não só

sou como estou fazendo outras pessoas se questionarem também." - (Be, entrevista em 1 de maio de 2021).

"Eu tenho uma alta cobrança muito forte com o tipo de conteúdo que eu trago. Eu gosto de trazer conteúdos com base teórica, com referenciais bibliográficos. Se for postar sobre achismos, eu faço stories..." - (Mar, entrevista em 12 de maio de 2021).

5.2.16 Repetição do tema

Aparece a sensação de cansaço frente ao tema da não binariedade. Contam que são consultadas por amigos ou seguidores cisgêneros que desconhecem o tema de forma recorrente. Essa sensação de obrigação em produzir conteúdos sobre o tema torna-se pesada. Além disso, desejam ampliar os assuntos ou produzir conteúdos não necessariamente conectados à transgeneridade ou à não binariedade. Foi comum também o relato da cobrança dos seguidores por materiais sobre o assunto e uma autocobrança pela produção frequente e de boa qualidade.

Soma-se a essa sensação, reflexões sobre a forma como as redes sociais são consumidas e como a validação do que é postado está atrelada aos likes, ao número de visualizações e de comentários. No documentário crítico *O Dilema das Redes*, Anna Lembke, diretora da divisão de medicina adictiva de Stanford, compara-as à uma droga: "temos uma necessidade biológica básica de nos conectar com outras pessoas. (...) não há dúvida de que um sistema como o das mídias sociais, que otimiza essa conexão entre as pessoas, tenha potencial viciante. (Anna Lembke, 2020). *"...eu sou meio cansada para ser professora. Eu admiro muito que traz esse conteúdo didático-pedagógico para as pessoas, mas eu não tenho muita paciência não. Eu gosto de mostrar: se entendeu, entendeu, se não entendeu, infelizmente é isso. Eu sou problemática, hahaha."* - (Mun Há, entrevista em 15 de julho de 2021).

"...não gosto de exigir de mim uma frequência porque eu acho que é impossível eu fazer isso sob demanda. [...] porque às vezes acaba sendo uma fonte de muita angústia para muita gente, né? O jeito que a gente usa e o jeito que a gente se sente obrigado a usar [as redes sociais]. Então eu tô tentando parar de pensar no que vai gerar mais comentário, ou curtida" - (Kael, entrevista em 29 de junho de 2021).

"...a ideia é que, como as lives no Twitch [canal Ma&Prosa] ficam só dois meses, a ideia é que eu tire de lá e ponha no YouTube, mas acabo não alimentando o YouTube, não. Eu precisaria dedicar um tempo a isso que eu não tenho. E que eu não vou dedicar, sabe? [...] Eu literalmente tenho mais coisas para fazer da minha vida, então parou de ser uma pressão, sabe? Aí ficou mais divertido, inclusive, falar sobre isso." - (Ma, entrevista em 9 de maio de 2021).

"Antes eu me cobrava muito para produzir conteúdo, para ter visibilidade... Hoje em dia eu... me respeito mais. [...] Eu tenho conteúdos que eu quero produzir, mas ao mesmo tempo, eu me sinto cansado de falar sobre a mesma coisa, por mais que eu entenda que sejam conteúdos importantes. Por mais que seja algo que eu não quero sempre bater sempre na tecla, as pessoas me pedem muito para falar sobre isso. Então eu acabei cedendo e trouxe alguns posts sobre hormonização com testosterona principalmente." - (Mar, entrevista em 12 de maio de 2021).

"Eu crio conteúdo sobre não-binariedade basicamente. Acabo falando sobre outras coisas, sobre transgeneridade, sobre bissexualidade, sobre coisas que envolvem quem eu sou, e coisas da causa, né? [...] Eu até gostaria de criar conteúdo sobre outras paradas..." - (Jupi77er, entrevista em 10 de maio de 2021).

5.2.17 Comentários de ódio

Sentem que comentários desrespeitosos partem de dois tipos de pessoas: daquelas que são preconceituosas e não estão abertas ao diálogo e daquelas que ainda não possuem informação. Quando sentem que a pessoa está buscando aprender, mostram-se abertos a ensinar, mas não toleram comportamentos transfóbicos, comentários de ódio ou desrespeito com seus amigos ou seguidores. Relatam que são defendidos na internet por seus amigos. Também foi comentado que *posts* sobre linguagem neutra, isto é, a substituição das vogais “a” e “o” na linguagem neutra e escrita nos substantivos e adjetivos por “e” ou “u”, são os que mais encontraram comentários de ódio. (CADERNO, 2017).

"Tem gente que não sabe fazer a pergunta, que faz a pergunta de uma forma extremamente transfóbica, mas você vê que a pessoa não sabe o que ela tá perguntando de fato." - (Ma, entrevista em 9 de maio de 2021).

"Eu entendo que existem dois tipos majoritários de pessoas preconceituosas: as que são preconceituosas com orgulho e que não querem mudar a forma de pensar e de agir, e as pessoas que reproduzem a opressão do sistema e que não tem informação sobre isso ainda." - (Mar, entrevista em 12 de maio de 2021).

"Ah, eu já recebi alguns comentários de ódio: "Ah, isso não existe.", que eu dou block na hora, porque eu não sou obrigado." - (Rodrigo, entrevista em 6 de julho de 2021).

"...as vezes que não preciso fazer nada, eles me defendem. Eu fico só olhando, hahaha. Tem esse esquadrão. [...] Ao mesmo tempo que tem quem machuque [na internet], tem quem protege. Tem um mini exército para ajudar." - (Mun Há, entrevista em 15 de julho de 2021).

"Mas quando eu me atrevo a falar alguma coisa sobre linguagem neutra sempre surge uma pessoa ou outra que fala assim: "Eu não gosto, eu sou contra...". E você fica tipo: "Não vai mudar nada na sua vida, a única coisa que vai acontecer é que ao invés de você falar "ela" ou "ele" que você vai falar "elu", nossa meu Deus, acabou sua vida...!". - (Yuri, entrevista em 8 de julho de 2021).

"Tem uns prints por aí de uma live que eu fiz com um pessoal do Nordeste, falando que eu era uma pessoa bizarra. Eu tava falando gênero neutro." - (Guttermil, entrevista em 7 de julho de 2021).

"E tem também o lado dos haters, né? A transfobia que rola solta, a galera puta, e várias coisas... As pessoas me xingando, me ofendendo. Tem post que eu tive que restringir comentário. Principalmente quando eu falo de linguagem neutra, né?" - (Jupi77er, entrevista em 10 de maio de 2021).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para entender como as identidades são percebidas como descentralizadas hoje, nesta monografia foi desenvolvida uma análise bibliográfica a partir da origem do indivíduo unificado. Após a exposição sobre a influência do pensamento cartesiano à ideia de um Eu único, separado de Deus, o apanhado histórico evoluiu para a história da caça às bruxas, quando muitas mulheres foram torturadas e mortas nas fogueiras, condenadas por terem relações sexuais e de serventia ao diabo. Federici (2017) mostra como o trabalho não remunerado das mulheres no cuidado dos filhos e da casa, além da reprodução, garantiram a manutenção da mão de obra assalariada dos homens. A silencialização das mulheres, é destacada como uma das estratégias para tornar as mulheres menos articuladas socialmente e confiná-las ao lar.

Depois, a pesquisa passa pela observação dos regimes de poder de Foucault (1999): soberano, disciplinar e biopoder, para então apresentar a atual leitura do regime farmacopornográfico a partir de Preciado (2011; 2014; 2018a, 2018b; 2020a, 2020b). Os regimes expõem como o sexo se tornou discurso — ao invés de ser proibido, foi incitado, disciplinado e posteriormente, consumido. No pós-Segunda Guerra Mundial, o gênero tornou-se categoria (expondo a “patologia” dos transexuais) e produto, com o silicone, o Viagra, a pílula, os hormônios e as cirurgias de redesignação sexual.

Pode-se dizer que as palavras de nossa língua contêm, como se enroladas sobre si mesmas, bobinas de tempo feitas com os fios de milhares de operações históricas (PRECIADO, 2020b, p.118). Ao resgatar essa história, a monografia revela como as palavras “heterossexual” e “homossexual”, “intersexual” e “transgênero”, foram inventadas, e assim como quaisquer inovações, concebidas com um objetivo. Com respaldo em diferentes vertentes da teoria feminista e da teoria *queer*, ou transviada, como sugere Bento (2014), é recapitulado o processo de adoção, pela comunidade LGBTQIAPN+, destas e de outras palavras de forma (trans)formadora, escancarando seu significado original e subvertendo-o. *Queer*, que de início significava “estranho”, é reclamado por *queers* como palavra sua por direito e utilizada para mostrar que a margem reverte a mirada e contesta o lugar e a autoridade da posição dominante (BUTLER, 2016, p.8). Nesse momento de contestação e exploração dos limites do gênero, encontram-se as identidades descentralizadas (HALL, 2019).

Não foi possível prever a diversidade de interpretações de identidades não binárias encontradas nas entrevistas. As formas de viver a subjetividade e subverter as normas de gênero e sexualidade eram outras, assim como os conflitos consigo mesmo e as formas de endereçá-los. O

pesquisador, enquanto pessoa não binária, percebeu que além de provocar estranhamento ante o familiar, precisaria por vezes tornar familiar o estranho. Nesse diálogo entre entrevistado e pesquisador foi possível questionar as certezas e acolher as incertezas da própria subjetividade do autor.

Nas entrevistas com Be e Yuri, aparece na *drag* a possibilidade de expressão de subversão de gênero, oportunidade ignorada quando não existe uma compreensão expandida desta arte, restringindo-a a uma simples “imitação” de gênero. Ao mergulhar em Butler (2016) e perceber que não existe um gênero original, mas apenas cópias de cópias, foi possível compreender o potencial de questionar a verdade por trás do gênero no fazer *drag*.

Mar e Jupi77er trazem cada um à sua forma, como as autodeclarações identitárias não estão a serviço de lógicas de representatividade, mas sim de comunicarem a forma como estas pessoas experimentam a realidade e o senso de si mesmas. Assim, se declarar uma pessoa não binária transgênera ou não transgênera, perceber sua sexualidade enquanto monossexual, lésbica ou gay, ou não, pansexual ou bissexual, são todas formas de existência válidas e que precisam ser respeitadas, independente se contribuem para uma coerência maior ou menor de discurso. Nestas entrevistas é possível entender que a não binariedade, na forma como Mar e Jupi77er a interpretam, não busca uma conclusão, mas uma construção ou desconstrução constante.

Talvez, uma das maiores surpresas tenha sido o esforço que todas as pessoas entrevistadas relatam em comunicar suas identidades ao mundo, mesmo enfrentando situações de desrespeito ou invalidação. Seja através de vídeos que explicam aos seguidores como se comunicar com linguagem neutra, ou de conversa com pessoas que se aproximam porque também estão questionando a própria identidade, as pessoas entrevistadas provam que é possível utilizar a internet para construir um conhecimento embasado em suas experiências, para além de discussões rasas sobre o tema. Uma vez que verdades são frutos de relações de poder, retomar a caneta e expor, a partir de um olhar também não binário, múltiplas histórias de gêneros dissidentes, também é uma forma de retomar o poder (PRECIADO, 2020b, p.118).

No planejamento deste trabalho foi proposto como objetivo entender como as pessoas não binárias se auto representavam nas redes sociais como o Instagram. Contudo, o resultado mostrou mais do que os formatos, os canais ou os assuntos que elas abordam em suas redes. As entrevistas individuais proporcionaram os “por quês”. Na pesquisa com contornos etnográficos que aconteceu por meio da internet – considerando o campo, o ambiente online, e os hyperlinks, o caminho do

pesquisador no campo –, descobriu-se que as pessoas entrevistadas dedicam-se não só a “explodir” a “caixa de gênero” e encarar o questionamento de suas identidades, mas também a produzir conteúdo para a identificação de pessoas que estejam passando pelo mesmo processo e para a sensibilização de pessoas cisgêneras que estejam abertas ao diálogo. Dessa forma, as pessoas entrevistadas, além de proporcionar uma representatividade, também atuam na luta pela diminuição da ignorância sobre a diversidade da vida: de gênero, de sexo e de desejo.

A escolha dos autores que respaldam este trabalho reflete o início dos estudos de gênero e de consumo imaterial realizados pelo autor, uma experiência intelectual pessoal e que corresponde a apenas uma das trajetórias possíveis. Como explica Heloisa Buarque de Hollanda (2019, p.20), um apanhado teórico não é, senão, “um compartilhar de leituras e descobertas”, um rascunho de um mapa. Como qualquer mapa, este trabalho é um esforço que pode ser melhorado, tornando-se mais bem detalhado, representado e questionado, inclusive a partir de diferentes escolhas teóricas. Um exemplo de espaço de pesquisa é a relação dos povos originários com o conceito de gênero. Partindo do respeito do entendimento de outro, talvez seja possível encontrar ou reinterpretar documentações anteriores à imposição da binariedade europeia, reconstruindo uma história que pode inspirar outras formas de fazer subjetividade. Independente do enfoque escolhido, sugere-se que mais vozes não binárias façam pesquisas sobre *nós* mesmos e tragam ainda mais *nossas* complexidades para a academia, tornando este mapa cada vez mais plural e, portanto, mais fidedigno à vida.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda N. **O perigo de uma única história**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- 1º PREFEITO NÃO BINÁRIO do Reino Unido é eleito no País de Gales. **G1**, 18 mai. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/05/18/1o-prefeito-nao-binario-do-reino-unido-e-eleito-no-pais-de-gales.ghtml/>>. Acesso em: 03 ago 2021.
- ALY, Götz; SONTHEIMER, Michael. **Fromms: How Julius Fromm's Condom Empire Fell to the Nazis**. Nova Iorque: Other Press, 2009.
- AS SUFRAGISTAS. Direção de Sarah Grovan; produção de Allison Owen e Faye Ward. [S.l.: s.n.], 2015, 1 vídeo 1h46 min 54s.
- BAKKER, Thais. We can do it: As mulheres na força de trabalho. **Revista Capitolina**, n.8, 6 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.revistacapitolina.com.br/we-can-do-it-mulheres-na-forca-de-trabalho/>>. Acesso em: 03 ago 2021.
- BASSETS, Marc. 50 anos depois do Maio de 68: essa data nunca se extinguirá. *El País*, 04 mai 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/23/cultura/1524504798_329892.html/>. Acesso em: 03 ago 2021.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- BELL, Bethan. Forbidden love: The WW2 letters between two men. **BBC News**, 17 fev. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-54640170>>. Acesso em: 03 ago 2021.
- BENTO, Berenice. **A Reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BERGER, Miriam. A guide to how gender-neutral language is developing around the world. **The Washington Post**, 15 dez. 2019. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/world/2019/12/15/guide-how-gender-neutral-language-is-developing-around-world/>>. Acesso em: 03 ago 2021.
- BERTO JUNIOR, H. P. O queer em rede: subversão e (des)construção do gênero na página do Facebook Travesti Reflexiva. **Revista Periódicos**, [S. l.], v. 1, n. 2, p.244–262, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/12893>>. Acesso em: 4 set. 2021.

BEYOND GENDER: Indigenous Perspectives, Muxe. **Natural History Museum Los Angeles County**. Disponível em: <<https://nhm.org/stories/beyond-gender-indigenous-perspectives-muxe/>>. Acesso em: 03 ago 2021.

SARAH GRIMKÉ, feminista anti-escavidão (Biografia). **História e Cultura**, 26 jul. 2019. Disponível em: <<https://www.greelane.com/pt/humanidades/hist%C3%B3ria--cultura/sarah-grimka-biography-3530211/>>. Acesso em: 03 ago 2021.

BOCCACCIO, Giovanni. **O Decamerão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BOURCIER, Sam. **Compreender o feminismo**. Salvador: Editora Devires, 2021.

BOSWELL, John. **Same-Sex Unions in Premodern Europe**. Nova Iorque: Vintage Books, 1994.

BOWES, Claire; HEBBLETHWAITE, Cordelia. A brief history of breast enlargements. **BBC News**, 29 mar. 2012. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/magazine-17511491/>>. Acesso em: 03 ago 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael (ed.). **Sexualidades transgresoras: Uma antologia de estudos queer**. 1. Ed. Barcelona: Icaria editorial, 2002.

CADERNO Globo 12. Corpo: artigo indefinido. São Paulo: **Globo Comunicação e Participantes S.A.**, 2017.

CALLIGARIS, Contardo. A masturbação está fora de moda. **Folha de São Paulo**, 24 abr. 2003. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2404200327.htm>>. Acesso em 03 ago. 2021.

CANADENSE SE TORNA a 1ª pessoa trans e não binária a conquistar uma medalha olímpica. **G1**, 06 ago. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/06/canadense-se-torna-a-1a-pessoa-trans-e-nao-binaria-a-conquistar-uma-medalha-olimpica.ghtml/>>. Acesso em: 03 ago 2021.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas eXtremas: Mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

CHILTON, Louis. Disney introduces first non-binary character in The Owl House TV series. **Independent**, 25 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/tv/news/disney-owl-house-non-binary-b1890140.html/>>. Acesso em: 03 ago 2021.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (org). **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados: Editora Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

COLLING, Leandro. Como pode a mídia ajudar na luta pelo respeito à diversidade sexual e de gênero?. *In*: PELÚCIO, Larissa *et al*, (org.). **Olhares plurais para o cotidiano**: gênero, sexualidade e mídia. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p.109-129. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/ebook-olhares-plurais.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2021.

CORRÊA, Mariza. Não se nasce homem. *In*: JOAQUIM, Teresa (org.) **Encontros arrábida. Masculino/Feminino**. Lisboa: Afrontamento, 2008.

DAMATTA, Roberto. “O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues”. **Boletim do Museu Nacional**, n. 27, 1-12, maio 1978. Disponível em: <http://www.ppgasmn-ufrj.com/uploads/2/7/2/8/27281669/boletim_do_museu_nacional_27.pdf>. Acesso em 25 jul 2021.

DE CASTRO, Susana. O compromisso feminista com a luta decolonial antirracista. **Ekstasis**: revista de hermenêutica e fenomenologia, v. 8, n. 2, p.63-71, 2019.

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. *In*: HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.121-155.

DE LAURETIS, Teresa. Teoria Queer, 20 anos depois: identidade, sexualidade e política. *Revista MORA*, vol. 21, N°2, Buenos Aires, 2015, p.107-118.

DE JESUS, Jaqueline G. *et al*. **Transfeminismo**: Teorias e práticas. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014a.

DE JESUS, Jaqueline G. Gênero sem essencialismo: feminismo transgênero como crítica do sexo. **Universitas Humanistica**, Brasília, v. 78, ed 78, p.241-258, dez 2014b. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/791/79131632011.pdf>>. Acesso em 03 ago. 2021.

DESCARTES, René. **Meditações**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

DESCARTES, René. **Tratado del hombre**. Trad. Guillermo Quintás. Madrid: Editora Nacional. 1980.

DESPENTES, Virgine. **Teoria King Kong**. São Paulo: N-1 Edições, 2016.

DINIZ, Francisco R. A.; DE OLIVEIRA, Almeida A. Foucault: do poder disciplinar ao biopoder. **Scientia**, Sobral, v. 2, n. 3, p.143 - 158, jun.2014. Disponível em: <http://www.faculdade.flucianofejao.com.br/site_novo/scientia/servico/pdfs/VOL2_N3/FRANCISCOMULUALVESDINIZ.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2021.

DORLIN, Elsa. **Sexo, gênero e sexualidades**: Introdução à teoria feminista. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

EKINS, Richard. Science, Politics and Clinical Intervention: Harry Benjamin, Transsexualism and the Problem of Heteronormativity. **Sexualities**, v. 8, p.306-328, 2005. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1363460705049578>>. Acesso em: 3 ago. 2021.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. v. 2.

FAUSTO-STERLING, Anne. Os cinco sexos: porque macho e fêmea não são o bastante. **The Sciences**, p.20-24, abr. 1993. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/8ne55s0>>. Acesso em: 03 ago 2021.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **A história oculta da fofoca**: mulheres, caça as bruxas e resistência ao patriarcado. São Paulo: Boitempo, 2019.

FEINBERG, Leslie. **Trangender Liberation**: a movement whose time has come. Nova Iorque: World View Forum, 1992.

FERNANDES, Luciana Lima. Biopolítica na era farmacopornográfica: uma leitura de Testo Junkie, de Paul B. Preciado. CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, CONEDU, 6., 2020, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2020. p.1002-1017. v.1. Disponível em: <<http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/65304>>. Acesso em: 3 ago. 2021.

FREIRE FILHO, João. A felicidade na era de sua reprodutibilidade científica: construindo “pessoas cronicamente felizes” *In*: FREIRE FILHO, João (org.). **Ser feliz Hoje**: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010

FIRMINO, Flávio Henrique; PORCHAT, Patrícia. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: Apontamentos a partir de "Problemas de Gênero". **Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 19, n. 1, p.51-61, jan. 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10819>. Acesso em: 11 ago. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1999.

GARGANTA PROFUNDA está entre os cem filmes mais importantes. **G1**, 05 jun. 2006. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Cinema/0,,AA1300294-7086,00-GARGANTA+PROFUNDA+ESTA+ENTRE+OS+CEM+FILMES+MAIS+IMPORTANTES.html>>. Acesso em: 03 ago 2021.

GRIMKE Sisters. **National Park Service**. Disponível em: <<https://www.nps.gov/wori/learn/historyculture/grimke-sisters.htm>>. Acesso em 11 ago. 2021.

GUTS. DC Comics apresenta um flash não binário no Future State. **Geeks in action**, 02 nov. 2020. Disponível em: <<https://geeksinaction.com.br/index.php/2020/11/02/dc-comics-apresenta-um-flash-nao-binario-no-future-state/>>. Acesso em: 03 ago 2021.

HALF A CENTURY of the oral contraceptive pill. **National Library of Medicine National Institutes of Health**, 2012. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3520685/>>. Acesso em: 3 ago. 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HEKMA, Gert (org.). **Past and Present of Radical Sexual Politics: Working Papers**. Amsterdam: UvA – Mosse Foundation, 2003.

HELENE, Diana. A Mordaça “Anti-Bruxa”: design para exclusão de mulheres do espaço público, 16 nov. 2017. Disponível em: <<https://feminismurbana.wordpress.com/2017/11/16/a-mordaca-anti-bruxa-design-para-exclusao-de-mulheres-do-espaco-publico-e-politico/>>. Acesso em 21 ago. 2021.

HENIG, Robin Marantz. Rethinking Gender. **Revista National Geographic**, p.48-75, jan. 2017.

HINE, C. **Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday**. Huntingdon, GBR: Bloomsbury Publishing, 2015.

HOBBS, Thomas. **The English Works of Thomas Hobbes**. Londres: John Bohn, 1840.

HOBBS, Thomas. **Leviathan**. Londres: Andrew Crooke, 1651.

HOLANDA, Heloisa B. (org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HOLLANDA, Heloisa B. (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.397-409.

ICD 11 - International Classification of Diseases 11th Revision. Disponível em: <<https://icd.who.int/browse11/l1-m/en#/http%3A%2F%2Fid.who.int%2Ficd%2Fentity%2F90875286>>. Acesso em: 27 jul 2021.

JUPI77ER. “Penso, logo existo”. **Instagram**, 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/CNBB20qDspq/>>. Acesso em: 25 ago. 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KNUDSEN, Patricia. Três respostas aos gêneros não binários. **Revista Cult**, jun, 2021.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, Jacobus. **Malleus Maleficarum**. Tradução: Alex H. S. 2007. Disponível em: <https://www2.unifap.br/marcospaulo/files/2013/05/malleus-maleficarum-portugues.pdf> Acesso em: 4 set. 2021.

KRAFFT-EBING, Richard Von. **Psychopathia Sexualis: The Classic Study of Deviant Sex**. New York: Arcade Publishing, 2011.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

BRISTOL MUSEUM & ART GALLERY. **LGBTQ+ History Month**: Michael Dillon – Trans pioneer. 10 Feb. 2021. Disponível em: <https://www.bristolmuseums.org.uk/m-shed/whats-on/lgbtq-history-month-michael-dillon-trans-pioneer/>. Acesso em 03 ago 2021.

LERAY, Wallace. Aoi Berriel é a primeira pessoa não-binária do Rio a mudar certidão de nascimento. **Catraca Livre**, 21 set. 2020. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/aoi-berriel-e-a-primeira-pessoa-nao-binaria-do-rio-a-mudar-certidao-de-nascimento/> Acesso em: 03 ago 2021.

LOURO, Guacira L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LUTAS FEMINISTAS: Movimento de Libertação das Mulheres completa 50 anos. RFI, 26 ago 2020. Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/fran%C3%A7a/20200826-lutas-feministas-movimento-de-liberta%C3%A7%C3%A3o-das-mulheres-completa-50-anos/>. Acesso em: 03 ago 2021.

MÁ&PROSA. "Nós somos essas pessoas fluviais" - O machismo na comunidade LGBTQIAP+. Twitch, 2020. Disponível em: <https://www.twitch.tv/videos/758936283?filter=all&sort=time>. Acesso em: 25 ago. 2021.

MALVA, Pamela. O escândalo por trás das fotos de Marilyn Monroe na Playboy. **Aventuras na História - UOL**, 20 jan. 2019. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/polemica-capa-da-playboy-que-marilyn-monroe-nao-permitiu-ser-publicada.phtml>. Acesso em: 3 ago. 2021.

MCCALLUM, Cecilia. Nota sobre as categorias “gênero” e “sexualidade” e os povos indígenas. **Cadernos Pagu**, n. 41, p.53-61, jul. 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/270491140_Nota_sobre_as_categorias_genero_e_sexualidade_e_os_povos_indigenas. Acesso em: 03 ago 2021.

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS. [Site institucional]. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br>. Acesso em: 26 jul. 2021.

OLIVEIRA, Megg. **O Diabo em Forma de Gente**: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Salvador: Editora Devires, 2020.

O QUE É neolinguagem?. **Orientando**. Disponível em: <https://orientando.org/o-que-e-neolinguagem/>. Acesso em: 03 ago 2021.

PRECIADO, Paul B. Transfeminismo no Regime Farmacopornográfico. Tradução de Thiago Coacci *In*: BORGHI, Liana; MANIERI, Francesca; PIRRI, Ambra. **Le cinque giornate lesbiche in teoria**. [S.l.]: Ediesse, 2011.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**. São Paulo: n-1 edições, 2018a.

PRECIADO, Paul B. **Transfeminismo**. São Paulo: n-1, 2018b.

PRECIADO, Paul B. **Pornotopia: PLAYBOY e a invenção da sexualidade multimídia**. São Paulo: n-1, 2020a.

PRECIADO, Paul B. **Um Apartamento em Urano: crônicas da travessia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020b.

PRETI, Dino. (org) **O discurso oral culto** 2ª. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999.

REIS, Neilton; PINHO, Raquel. Gêneros não-binários: Identidades, expressões e educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, ed. 1, p.7-25, jan. 2016. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/download/7045/pdf>>. Acesso em 03 ago. 2021.

REIS, T., org. **Manual de Comunicação LGBTI+**. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI; GayLatino, 2018.

RG DA ARGENTINA permitirá o registro de pessoas não binárias. **G1**, 21 jun 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/07/21/rg-da-argentina-permitira-o-registro-de-pessoas-nao-binarias.ghtml/>>. Acesso em: 03 ago 2021.

RITTER, Stephen. Premarin. **Chemical & Engineering News**, v. 83, n.25, 2005. Disponível em: <<https://cen.acs.org/articles/83/i25/Premarin.html>>. Acesso em 03 ago. 2021.

ROCKE, Michael. **Forbidden Friendships: Homosexuality and male culture in Renaissance Florence**. Nova Iorque: Oxford University Press, Inc, 1996.

RODRIGUES, Letícia. Conheça as 5 maiores pandemias da história. **Galileu**, 28 out 2020. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2020/03/conheca-5-maiores-pandemias-da-historia.html/>>. Acesso em 21 ago. 2021.

ROXIE, Marilyn. **Genderqueer and Non-Binary Identities**. 2020, Disponível em: <https://genderqueerid.com/my-story>. Acesso em: 7 set. 2021.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 15, n. 2, p.5-22, 1990.
- SEDGWICK, Eve. **Epistemologia do armário**. Coimbra: Angelus Novus, 2003.
- SEX VARIANTS. A Study of Homosexual Patterns. **Ment Health** (Lond)., v. 8, n. 3, p.86, Feb. 1949. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5078252/?page=1>>. Acesso em: 3 ago. 2021.
- SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SOCIAL MEDIA USAGE in Brazil – statistics & facts. **Statista Research Department**, 12 jul. 2021. Disponível em: <https://www.statista.com/topics/6949/social-media-usage-in-brazil/#dossierSummary__chapter5>. Acesso em 11 ago. 2021.
- TERRA, Vinicius Demarchi Silva. **Memórias anatômicas**. 2007. 209 p. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252071>>. Acesso em: 3 ago. 2021.
- THE NON-BINARY vs. Genderqueer Quandary. **Genderqueer and Non-Binary Identities**. 2019. Disponível em: <<https://genderqueerid.com/post/11617933299/the-non-binary-vs-genderqueer-quandary/>>. Acesso em: 03 ago 2021.
- TAKACS, Judit. **Past and Present of Radical Sexual Politics**. Amsterdam: UvA – Mosse Foundation Amsterdam Editors, 2004.
- TISSOT, Samuel A. **Onanism**: A Treatise on the Diseases. Nova Iorque: Collins & Hannay, 1832.
- VEIGA, Edson. O índio executado a tiro de canhão tido como 'primeiro mártir da homofobia no Brasil. **BBC News**, 28 dez 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55462549/>>. Acesso em: 03 ago 2021.
- VEIGA, Edson. Sérgio e Baco, os santos católicos que podem ter sido um casal gay da antiguidade. **BBC News**, 22 out 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-54640170/>>. Acesso em: 03 ago 2021.
- VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: VELHO, G. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- VELHO, Gilberto. O Desafio da Proximidade. In: VELHO, G; KUSHNIR, K. (orgs.) **Pesquisas Urbanas**: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003. p.11-19.
- VIAGRA COMPLETA 20 anos: da descoberta por acaso à revolução sexual. **Gaúcha ZH**, 2018. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2018/03/viagra-completa-20->

anos-da-descoberta-por-acaso-a-revolucao-sexual-cjf8an5tz00hx01ph6f40i1or.html>. Acesso em 11 ago. 2021.

VICENTE, Guilherme. **Direitos sexuais e reprodutivos de homens trans, boycetas e não-binários**: Uma luta por reconhecimento e redistribuição de saúde pública no Brasil. 2020. Trabalho de conclusão do curso (Graduação em Administração Pública) - Fundação Getúlio Vargas, 2020.

WILCHINS, Riki Anne. **In your face**. [S.l.]: Digital Transgender Archive, 1995. Disponível em: <https://www.digitaltransgenderarchive.net/downloads/1831ck00f>. Acesso em: 7 set. 2021.

WITTIG, Monique. **As Guerrilheiras**. São Paulo: Ubu, 2019.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Barcelona: Editorial EGALES, 2006. Disponível em: <<https://we.riseup.net/assets/371892/Wittig-Monique-El-Pensamiento-Heterosexual.pdf/>>. Acesso em: 03 ago 2021.

WRIGHT, Louis B. **Middle-Class Culture in Elizabethan England**. Londres: Huntington Library Publications, 1935.

WRIGHT, Thomas. **A history of domestic manners and sentiments in England during the middle ages**. Londres: Chapman and Hall, 1862.

ZAMBONI, M. Marcadores sociais da diferença. **Sociologia: Grandes Temas do Conhecimento**, v. 1, p.14-18, 2014.

APÊNDICE A – Transcrição das entrevistas

ENTREVISTA 1

Nome: Be Zilberman. **Idade:** 29 anos. **Pronomes de preferência:** Ile/dile e elu/delu. **Formação:** Produção Audiovisual. **Atuação:** Tem uma produtora de cinema, circo e eventos. **Redes sociais mencionadas:** Instagram, OkCupid. **O que posta:** Conteúdos de trabalho *Drag Queen e King*, em uma rede aberta, e conteúdos pessoais, em uma rede fechada.

Pq - Tem uma frase que eu ouvi do Ali Prando ((³³@aliprando.exe)), um filósofo e estudante de gênero, que é:³⁴ ...³⁵ quando a gente se apresenta a gente se recria. E eu gostei muito dessa ideia porque tem muito a ver com essa entrevista. A ideia é que eu tente o máximo possível usar a sua própria voz, então fica bem tranqüile pra falar bastante.

En1 - Meu nome é Be. Sou uma pessoa não binária, eu faço *drag*. E no Brasil a gente fala só *drag*, tipo, e isso é normal. Porque eu gosto muito de dizer que eu faço *drag*, e não *drag queen*, porque eu faço *drag queen*, *drag king*... *drag QUEER* ((ênfase na fala)). A minha *drag* não tem um gênero, né? Apesar de eu ter a persona da Lyra, Lyra D. Lírio, e do Lírio D. Lyra, que é uma *drag queen* e um *drag king*. Os dois são duendes, nenhum deles tem gênero. Então eu falo que eu faço *drag*... Arte *drag*. Eu tenho formação em audiovisual, eu trabalho com produção, não só de cinema. Eu trabalho com produção de circo, de eventos ultimamente, tenho feito muita coisa relacionada com a comunidade LGBTQIA+. Quase todos os meus trabalhos na vida, na verdade, tiveram a ver com isso. É um tema que perpassa muito a minha vida e o meu trabalho, tudo junto. E eu tenho feito ultimamente muita coisa de *drag* e circo e é isso. Também trabalho com televisão, com vídeo. E atualmente estou fazendo graduação em computação porque eu gosto de exatas também. E é isso, eu acho que as pessoas são plurais. Sou uma pessoa não binária, pansexual e demisexual.

Pq - E quais pronomes você prefere?

En1 - Eu uso muito pronomes neutros. Eu gosto muito do ILE, mas o ELU também é bem de boa. Inclusive, eu tenho mais facilidade de usar o ELU. Eu gosto do ILE pela militância. A

³³ O símbolo “((“ e “))” indicam um comentário ou observação do autor (PRETI, 1991).

³⁴ O símbolo “:.” refere-se aos alongamentos de vogais ou consoantes (PRETI, 1991).

³⁵ O símbolo “...” refere-se à uma pausa na fala (PRETI, 1991).

peessoa que criou surgiu com uma proposta para ele muito interessante. Ele é muito interessante na língua portuguesa. Então às vezes eu uso ILE. Qualquer pronome neutro, na verdade eu não realmente me importo. Eu não me importo com pronomes. Tem pessoas que me chamam no masculino, tem pessoas que me chamam no feminino. Eu não gosto quando é o feminino compulsório, quando é feminino porque as pessoas me entendem de uma forma feminina, mas eu realmente não me importo tanto.

Pq - Bom, você falou um pouquinho sobre o que você faz, que tem bastante a ver com o próprio trabalho em si, com a coisa da comunicação. Mas eu queria perguntar um pouquinho mais sobre não binariedade pra você antes. Você lembra do primeiro momento que você entrou em contato com essa terminologia, com esse termo?

En1 - Não, eu não lembro, mas:: ... mas eu sei que foi bem impactante, porque eu fiz um documentário, um longa-metragem. Inclusive vai lançar esse ano se tudo der certo. Eu comecei lá em 2016, eu comecei essas pesquisas... Que na época eu não entendia muito por que eu estava fazendo isso, o que eu estava querendo com isso. O documentário é sobre seis pessoas *queer*, então tem algumas pessoas trans ((gêneras)), homens trans ((gêneros)), mulheres trans ((gêneras)), pessoas não binárias, tem também *drag*, pessoas cis ((gêneras)) que fazem *drag*, mas nenhum homem cis ((gênero)) que faz *drag*, justamente para quebrar isso... aí, enfim, fala de gênero, sexualidade, identidade, *drag* e tudo mais. E eu lembro que na época das minhas pesquisas... Eu imprimi e colei na minha parede, sem motivo aparente algum, foi uma lista de gêneros. Eu achei na internet uma lista de várias bandeirinhas e vários gêneros e achei isso muito legal. Eu gosto de coisas coloridas e era super coloridinho. E eu imprimi isso e pus na minha parede simplesmente porque... Cinco anos atrás... O que é muito louco de pensar. Então acho que foi lá por essa outra época que eu entrei em contato com... mais que homem trans ((gênero)) e mulher trans ((gênero)). Existe todo um espectro aí no meio.

Pq - Então foi pela internet?

En1 - Foi, pela internet, provavelmente...

Pq - E você lembra se foi uma comunidade ou se foi ou na troca com alguém, ou se foi o texto que você leu?

En1 - Eu não lembro exatamente quando foi... Eu lembro de momentos, então::, sites, lugares que eu entrava. E lembro também de uma conversa que tive, uma lembrança meio remota porque isso deve ter acontecido em 2016 ou 2017, mas rolou um bate-papo na Casa 1 ((@casa1)).

Eu estava na inauguração da Casa 1 e rolou um bate-papo sobre não mono-sexualidade e enfim... Não tem necessariamente a ver com isso, mas nesse bate-papo surgiram várias fora do que eu estava acostumada a ouvir, a ver... então eu lembro muito assim da sarjeta da Casa 1 em São Paulo tendo esses debates. Então esses debates contribuíram muito. Não lembro se foram debates em grupo do Facebook, ou ao vivo, mas provavelmente coisas que alguém falou, assim... Nesses contextos.

Pq - Legal e você estava falando sobre não mono-sexualidade. O que seria isso exatamente?

En1 - Bom, mono seria gay e lésbica, né? Então... não mono-sexualidade é tudo que não é isso... Acho que o bi ((ssexual)) e o pan ((sexual)) tem essa coisa... As pessoas tentam criar uma rixa que não existe. Eu me considero pansexual porque eu gosto do nome, mas eu acho que o bissexual me contempla muito. Não acho que bissexuais são pessoas que só gostam de homens ou mulheres, acho que a gente já superou isso... Bissexuais poderem gostar de pessoas, de outros gêneros e enfim... Óbvio que cada pessoa sente de um jeito, mas assim eu acho que é muito mais fluido do que a gente coloca, né? Tipo você é gay então agora você só gosta disso... você é lésbica... Sendo que, provavelmente, se você é gay ou lésbica, você já passou por outras experiências na sua vida também e elas te marcaram...E sei lá, eu acho que é uma coisa muito mais fixa do que realmente deveria ser. Então eu realmente gosto muito dessa discussão de juntar tudo. E eu achei muito legal porque juntava o bi ((ssexual)), o pan ((sexual)) e o assexual. Porque o assexual é o zero, que também não é o um, não é o mono. Você pode ser poli ((ssexual)), pode ser bi ((ssexual)), pode ser pan ((ssexual)), pode ser assexual, tudo isso não é mono. Era essa discussão, dessa não mono-dissidência.

Pq - Entendi. Massa. E qual a ligação que você enxerga entre a sexualidade e a não binariedade?

En1 - Não sei se tem essa ligação direta, mas ambos estão nessa sopa de letrinhas que é o LGBTQIA+. Porque eu acho que gênero e sexualidade são muito diferentes, mas acaba se misturando, se confundindo. Às vezes um leva ao outro. Por exemplo, uma pessoa não binária... Não sei se é possível uma pessoa não binária ser mono-sexual, porque se você... Sei lá qual que é o meu gênero pra dizer, né, eu gosto do mesmo gênero que eu? Seria eu só gosto de pessoas não binárias? Isso faz sentido? Então, pra mim, isso da sexualidade, quando você explode um pouco essas caixinhas de gênero, já explode um pouco toda a questão da sexualidade.

Pq - Legal, massa essa frase. Faz bastante sentido, fica meio difícil manter alguma caixinha depois que você começa a questioná-las.

En1 - Sim. E sobre a asexualidade, eu acho que é um puta de um tabu. O que mais pode ter em comum é as pessoas acharem que é uma besteira, acharem que não existe, que você está brincando, que só quer ter nome, só quer chamar atenção, então tipo:: ... você não é assexual de verdade, você só não encontrou a pessoa certa... Ah, você não é não binário, você quer chamar atenção... Então acho que essas questões talvez se unam mais pelo preconceito parecido do que por outra coisa.

Pq - Você tem alguma hipótese do porquê, especialmente com relação à não binariedade, porque está ligada a uma coisa boba, ou como você falou, só pra chamar atenção?

En1 - Eu acho que tem muito essa questão de narrativas... Por exemplo: mulheres trans ((gêneras)). Acho que se construiu na mídia, uma narrativa que justifica a existência de mulheres trans ((gêneras)), e muitas não cabem nessa caixinha que a mídia faz, mas as pessoas (a sociedade) aceitam dentro disso. Então:: ... ah, é uma pessoa que nunca aceitou seu gênero... Tipo:: ...eu nasci assim, com muito problema com meu corpo, com a minha vida, nunca quis brincar de carrinho... Tem toda essa narrativa assim... Eu acho que muitos lugares, não só na mídia, para você conseguir hormonização, enfim, para várias coisas, para você provar que você é uma pessoa trans (gênera) no geral, você precisa vir com essa narrativa de... nunca me aceitei. E eu vejo que homens trans ((gêneros)), não precisam nem entrar na não binariedade, são muito menos vistos porque não existe tão forte essa narrativa construída, assim. Porque eu acho que é uma narrativa, de alguma forma, que flerta com a hegemônica. Porque é dentro de um contexto cis ((gênero)), né? ...ah, você nasceu no corpo errado. As pessoas entendem isso... você nasceu no corpo errado e quer trocar de corpo, quer trocar de gênero... Uma coisa muito simplista assim as pessoas entendem, mas não é por aí... Não é exatamente isso que é ser trans ((gênero))... E então você falar:: ... ah, eu não necessariamente odeio meu corpo, não necessariamente eu acho que o gênero que me foi designado ao nascer faz nada de sentido comigo. E, principalmente, eu não acho que os gêneros que vocês dizem que existem sejam os únicos... Então acho que quebra muito mais estereótipos, e acho que por isso que incomoda. Porque para as pessoas é muito mais fácil entender uma pessoa que quer mudar o corpo, uma pessoa quer mudar tomar hormônio, que quer ser tratada de uma forma completamente diferente, do que entender uma pessoa que simplesmente tem um discurso, e quer ser tratada de uma forma diferente de alguma forma, mas, assim, sem mudanças tão radicais, talvez. Falar não é por aí, assim, não é... sei lá, não é, binário. Acho que quando você quebra, justamente, está quebrando ali o maior totem ((da sociedade)), a não binariedade. Você está quebrando com

tudo que a pessoa aceita. Até aí beleza... existem esses dois e a pessoa... tadinha... ela nasceu no corpo errado e ela quer mudar de um pro outro pronto. Vamos ajudar a pessoa... aí até:: ... mas está dentro de uma narrativa cisnormativa de alguma forma.

Pq - É uma narrativa patológica, de uma coisa que precisa ser tratada e corrigida, mas de um pro outro. Não é uma coisa que tem uma outra lógica, ainda está dentro dessa lógica dominante, que você estava falando.

En1 - É isso, a não binariedade quebra com isso:: ... não é um ou outro, não acho que a binariedade me contemple... E aí as pessoas falam... ok, mas no meu ponto de vista só existe um ou outro. Se você não é nenhum desses dois, na verdade você está brincando, você está criando uma coisa na sua cabeça...

Pq - Entendi. Faz sentido. E me conta mais um pouquinho sobre de que forma você acha que a ideia de ser não binário e esse:: ... não gênero impacta tua vida.

En1 - Então... agora tem impactado muito nas minhas relações, quaisquer que sejam, pessoais e profissionais, onde eu moro então... Por exemplo, hoje mesmo, eu moro numa casa compartilhada, e eu tenho querido morar cada vez menos com pessoas cis ((gêneras)) e aí hoje veio uma pessoa trans ((gênera)) para a casa, e aí eu pensei... sim, por favor, more comigo... ((ênfase na voz)) ... então, assim, eu vejo que 80% das pessoas com quem eu converso no meu dia são trans ((gêneras)). As pessoas cis ((gêneras)) que moram comigo... Estava muito complicado, eu estava morando com pessoas que me tratavam no feminino tempo todo, que não faziam nenhum esforço assim... E agora moro com pessoas cis ((gêneras)) que fazem esse esforço, de lembrar. Às vezes eles falam:: ... nós mulheres, não espera, não sei se é bem assim... Então, tentar usar, mesmo que erre mesmo, que às vezes não use o neutro. Eu acho muito engraçado quando as pessoas usam neutro de forma que não precisa, sabe? Tipo artistEs. Eu acho muito engraçado quando falam artistEs, porque artista já é uma palavra neutra. Mas é isso, dá pra ver que a pessoa está tentando. Não acho um problema também não saber. Eu me identifico enquanto não binarie a não tanto tempo... então coincidiu com o começo da pandemia, então está sendo uma coisa muito louca. Ao mesmo tempo está sendo muita liberdade. Tipo não vou usar sutiã, que era uma coisa que eu tinha muita dificuldade, mesmo com o feminismo, porque eu tenho muito pouco peito, aí se eu não uso eu fico, tipo, com nenhum peito. E aí para performar uma feminilidade eu achava muito estranho... então eu ficava usando bojo e tudo mais. E agora me entendendo como não binário eu falei tipo:: ... suave, é exatamente isso, eu não preciso ter peitos... Mas eu não sei como vai ser no dia dia, eu

estou saindo de casa pra ir no mercado, mas eu não estou realmente passando o dia fora de casa me vestindo de uma forma... Não sei se mais neutra, porque. na verdade, eu não sei se eu preciso me vestir de uma forma mais neutra, mas me entendendo como não binária, não usando sutiã, querendo que as pessoas me tratem no neutro, o que não vai acontecer porque... no dia a dia as pessoas não vão saber... Só quem me conhece... enfim, só quem já tiver falado comigo então... Eu não estou realmente vivenciando isso. Mas por outro lado, é incrível porque, justamente, eu estou falando só com pessoas que eu escolho falar, né? Na internet, no virtual, a gente combina coisas, marca encontros, então acaba sendo muito mais simples. Eu posso simplesmente colocar o pronome no Zoom, por exemplo, né? E as pessoas ainda erram, mas elas erram menos, hahaha. Então, por um lado está sendo muito bom, porque eu tive esse tempo gigante de respiro de tipo::, me entender, falar com as pessoas, ter esse tempo pra ver é isso mesmo, se isso faz sentido pra mim, discutir... um tempo que talvez eu não tivesse, só que eu sinto que eu não vivi isso na pele. Tive alguns momentos presenciais muito loucos e intensos, então eu sinto que quando voltar vai ser bem louco e intenso.

Pq - Viveu na pele digital né? Hahaha. Tava pensando isso quando você estava falando, mas é, o digital tem uma outra relação. Inclusive é uma coisa que eu quero perguntar. Mas, você estava falando um pouco sobre pronomes. Você lembra onde você se informou um pouco mais sobre isso e como fez sentido um pronome pra você?

En1 - Eu não lembro quando eu comecei a ver ((pronomes)) neutros, mas eu comecei a falar mais com pronome neutro tendo contato com pessoas não binárias, ao perceber... ao ter que chamar alguém dessa forma. Aí era o ELU, né?... E o ile foi o Pri ((@pribertucci_o_profeta_queer)) do SSEX BOX que criou, que faz vários eventos. É uma pessoa super legal que eu tive contato nessa época que falei da Casa 1. E eu acho bem interessante isso, porque o ELU, às vezes eu acho estranho e masculino demais, sabe? Como ele soa na língua portuguesa por mais que dê o estranhamento, que eu acho que é o objetivo, né? Mas às vezes eu acho que o ELU puxa pro masculino. E o ILE eu acho um pouco mais neutro e tem toda a justificativa. Porque o neutro no português é o E, não é o U. O U é o jeito que a gente fala O, um pouco diferente. Então terminar com E faz mais sentido. Eu sinto ILE um pouco mais neutro e por isso que eu gosto dele. Mas na verdade, na maioria das vezes, eu tento não usar pronomes, eu tento tirar o pronome das frases, falar as pessoas... e não o fulane. E não tipo ELA, ELE, ILE, ELU...

Pq - Entendi, faz sentido. Eu gosto bastante quando a gente só suprime o pronome da frase e fala uma palavra que possa ser usada para qualquer pessoa, tipo, me faz sentir mais contemplado. Bom e aí você estava falando sobre o corpo. Existe alguma mudança que você queira fazer no seu corpo ou você se enxerga fazendo alguma coisa dessas no futuro pra você?

En1 - No momento não, não me vejo fazendo nenhum tipo de mudança... eu acho que a grande mudança foi que eu aceitei meu corpo. Por mais que faça um tempo que, com o feminismo, muitas coisas eu fui ficando muito de boa com o meu corpo, do tipo:: ah, não preciso emagrecer, não preciso ter mais peito necessariamente... Apesar de antes eu achar a forma do meu corpo estranho sem sutiã... Eu não preciso entrar um padrão. Mesmo assim eu acho que eu... foi quando eu entendi a não binariedade que eu falei... é isso, esse é o meu corpo, meu corpo está ótimo, ele está ótimo pra mim. Então foi um clique e eu realmente senti isso demais. Com o entendimento de pessoa não binária, o meu corpo parou de ser um problema *at all*. E, sabe, tem uma questão que eu acho muito legal, e agora eu estou brincando com isso, por ser uma pessoa não binária, porque eu tenho muitos pelos. Eu tenho muita testosterona. Eu fiz uns exames de hormônios e tenho mais testosterona do que seria normal pra uma mulher cis ((gênera)), e aí eu tirava os pelinhos. Se eu puxar aqui, dá pra ver que tem muitos pelinhos. Agora, eu vou só deixando eles crescerem para ver o que acontece. Tem, tipo, vários... tenho bastante pelo aqui ((apontando para a sobrancelha)) e era uma coisa que eu ficava... no::ssa, eu tenho pelo no queixo, eu tenho quase uma monocelha... e agora eu fico... tá bom, são meus pelos. E aí quando usava biquíni, tinha pelo na perna e agora eu fico:: ... suave. E eram coisas que o feminismo falava... aceite seu corpo, mas eu ficava:: ... que estranho ((ênfase na fala)). E agora tipo... ah, deixa pra lá.

Pq - Então, eu queria entender se você puder falar um pouco mais sobre isso porque, o feminismo, em tese, já vai falar um pouco sobre essa libertação, mas você fala que a não binariedade te levou para um outro lugar com relação ao seu corpo. Por que você acha que o feminismo não tenha aberto essa porta antes?

En1 - Eu acho que o feminismo abriu, de alguma forma, mas... é pra mim mesmo... Eu não me entendia enquanto mulher. Não bastava ser uma mulher livre. Me entender enquanto uma pessoa não binária fez mais sentido para mim, e a partir daí, eu consegui entender meu corpo. Então eu não sei se é uma coisa do feminismo, ou mais uma coisa que eu não queria me entender enquanto uma mulher que podia ser o que quisesse. Eu queria me entender como uma pessoa que pode não

ser mulher ((ênfase na fala)). Então, acho que é mais uma coisa para mim. Nada impediria de eu ser uma mulher cis ((gênera)) com pelos no rosto e com peitos pequenos e nada mudaria nisso...

Pq - E como é a relação da *drag* com a não binariedade? Você enxerga alguma relação?

En1 - Enxergo. Como que eu falei, a Lyra não é uma mulher, ela é um duende. O Lírio também não é um homem, ele é um duende, uma fada, uma criatura mística... desde o início da minha *drag*, lá no comecinho, eu brinco com isso, eram coisas que eu sempre gostei, umas coisas assim... meio de infância. Inclusive é uma coisa que faz muito sentido na minha não binariedade, no meu entendimento, porque eu realmente não acredito nessa narrativa... eu sempre fui trans ((gênero)), eu sempre fui isso... mas eu vejo que, desde adolescente, eu dizia que eu era um duende, eu me identificava com um duende. E muitas vezes, não eram poucas vezes. Eu lembro que com 13 anos eu falava isso, com 15 anos eu falava isso, com 17 anos eu falava isso. Então assim, várias vezes, em vários momentos da minha vida, surgiu essa coisa do duende. Eu acho isso muito legal da *drag*: ela pega aspectos da sua personalidade que você nem sabe que estão tão latentes assim, ela joga pra fora... do corpo... para eles. É incrível. Então, por mais que eu não me identificasse ainda como uma pessoa não binária, minha *drag* nunca foi uma mulher. Minha *drag* é essa criatura de outro mundo, que tem cara colorida, que tem orelhinhas. Às vezes não, mas pode ter, hahaha... e que que não se identifica com esse estereótipo de feminilidade que geralmente as *drag queens* têm. Essa figura do duende eu acho que sempre foi muito importante pra mim, e eu nunca entendi direito. E tem a coisa do místico, né? A coisa do sair da realidade ((ênfase na fala)), mas também porque o duende não tem gênero, né? O duende é um outro universo. Você sai do escopo masculino, feminino, humano... não é nem humano, né? Está fora disso. Eu acho que as pessoas não questionam muito por que um duende não tem gênero, eu acho que elas questionam mais porque que uma pessoa não tem gênero... Então eu acho que o duende faz muito sentido pra mim.

Pq - E você também tem uma relação com circo, né? Como você enxerga não binariedade em relação ao circo?

En1 - O espaço do circo, por incrível que pareça, é muito cis ((gênero))-hetero ((ssexual))-normativo. Eu faço circo desde 2008, mas sou uma pessoa bem amadora dentro do circo. Eu não faço grandes coisas. Eu não faço coisas com uma virtuose, assim... Eu faço movimentos que, talvez, se você fizer aula de circo por um ano, talvez você também faça. Mas é o que a gente constrói dentro do circo, com essas linguagens. E acho que *drag* me ajuda muito nisso também, é circo e *drag*, então eu não quero necessariamente fazer o movimento mais difícil, mas eu vou fazer

o *lip sync*, vou fazer de salto alto, vou usar todas as referências que eu tenho... então, eu fazia lá traz, 2018, aí eu parei quando entrei na faculdade, e voltei recentemente. E quando eu fazia lá atrás, para mim, assim não existia porque eu não me considerava uma pessoa lésbica, bi ((ssexual)), pan ((sexual))... Eu acho que eu estava começando a entender isso, e:: ... e era todo mundo hétero e as narrativas que a gente apresentava eram todas hetero ((sexual)) – cis ((gênera)) também... e aí, quando eu voltei, terminando a faculdade, que eu voltei pro circo... Eu já tinha essas questões, já fazia *drag* e a sexualidade já estava bem mais entendida e ampla do que antes. E aí eu vi que era um lugar muito preconceituoso... e eu lembro que eu vi um espetáculo em 2018, ou 2019, que chamava Cabaré do Dr. D - Manifesto contra machismo e homofobia no circo e eu fui sozinha. Eu ia com uma amiga e ela desistiu e aí eu falei... eu vou mesmo assim. Eu lembro que era à meia-noite, na Praça Roosevelt. Daí eu falei... foda-se, eu vou ((ênfase na fala)) e eu fui. Fui sozinha, e eu chorei do começo ao fim. Eu nunca tinha visto pessoas falando... podemos ter esse tipo de liberdade do circo. Então isso foi bem marcante para mim. Eu já trazia a minha *drag* e as pessoas cis ((gêneras)) - hetero ((ssexual)) gostavam muito da *drag*, apesar de não aceitarem várias coisas de sexualidade e gênero. Eu acho que a *drag* tem um aceite maior porque o circo tem muito essa coisa da fantasia... e aí eu percebi que era mais fácil entrar com a *drag* do que entrar com o gênero. E aí eu comecei a fazer coisas de *drag* e circo, que está culminando em coisas muito legais como o evento Brilhe, e várias coisas que a gente está fazendo. Uma coisa das mais incríveis que já aconteceu na minha vida foi um Encuentro Latinoamericano de Circo LGBTIA, que foi em setembro de 2019. Mudou a minha vida e de muitas pessoas, inclusive a gente fala isso... quase todos os meses tem alguém que fala:: que bom que a gente se conheceu no Encuentro... ((ênfase na fala)). Foi um encontro de circo latino-americano no Uruguai, Montevideu, e foi explosivo, porque todo mundo que era LGBT e estava dentro do circo, estava sentindo o que eu estava sentindo, mais ou menos, que era que não tinha espaço. E a gente ver tantas pessoas tão incríveis fazendo isso, colocando as questões de gênero e sexualidade... ou não colocando, mas só existindo, ali... foi muito potente, foi uma semana, e até hoje as pessoas que eu falo, até hoje são as pessoas que eu conheci lá. Os projetos que eu estou fazendo são com pessoas que eu conheci lá, e agora eu tenho feito a produção do Encuentro, a gente produziu dois outros ((Encuentros)) on-line no passado, e foi muito incrível. Um dos meus melhores amigos eu conheci lá, em uma semana no Uruguai. Foi realmente muito potente.

Pq - As pessoas que você conhece que seu nome na área são a maior parte desse grupo presencial ou só na internet?

En1 - Então, eu descobri uma companhia só de pessoas trans ((gênera)) que fazem circo, lá no Encuentro, e aí eu fiquei: UAU que foi nesse encontro no Uruguai. O Lui que é uma pessoa que eu super falo hoje em dia. Só que eles eram do Sul, de Florianópolis, então eu achei muito legal e aí eles vieram pra São Paulo. E agora eu produzo os projetos deles e eles produzem os meus... muitas ((pessoas)) vieram do OKCupid. Muitas ((ênfase na fala)). Que eu acho um aplicativo incrível que contempla não binaridade. Porque é isso, eu acho que passou um pouco a fase do Facebook. Um tempo atrás, as pessoas se conheciam muito pelos grupos do Facebook, mas eu não uso mais muito o Facebook. O Instagram tem menos essa coisa de redes, né? Não tem grupos, sabe, redes criadas. Eu acho que é uma coisa que se perdeu ((em relação ao Facebook)). Então muitas pessoas eu conheci por não ser monogâmica... eu também não tenho muita hierarquia nas minhas relações, não necessariamente eu considero uma pessoa que eu estou pegando ou transando, mais importante que uma amizade e vice-versa. Então eu já fiz muitos amigos por aplicativo de pegação e eu não acho que isso seja melhor ou pior, né? Então, às vezes eu conheço pessoas que não chego a ter nenhum tipo de relação romântica. E conheci muitas pessoas assim, conversando meio no flerte, mas eu também não sei flertar direito, né? Não sei flertar muito bem e daí é isso, hahaha... muitas viraram amigues de alguma forma. Eu realmente me importo muito com os meus amigos.

Pq - Mas aí falando um pouco assim... de conteúdo, que tipo de conteúdo você produz para as redes sociais?

En1 - Ultimamente eu tenho usado muito menos as redes sociais porque eu não tenho tempo com todas as coisas que eu estou fazendo, produzindo, criando, reuniões e a faculdade... mas com a Lira eu comecei mais a usar redes sociais, como uma pessoa pública, sentindo essa necessidade de... de ter um álbum de fotos mesmo, para recordação das montações. Enfim, coisas que eu já fiz, maquiagens e tal... então, na Lyra eu posto muito isso. Como Be, estou entendendo agora para que lugar que eu vou. Eu tenho um Instagram fechado, e eu gosto dele fechado, e eu acabo não postando tanta coisa. Mas aí eu comecei trabalhos maiores, entrei na Câmara de Comércio e Turismo LGBT do Brasil e aí eu falei eu preciso ter um perfil público, mas aí eu não consigo postar nesse perfil... Eu acho muito fake porque eu sou uma pessoa de Áries, né? Então eu tenho problema com coisas *fakes* tipo redes sociais... e quando eu acho me *fake* postando, eu não gosto de postar, então... E aí, não sei, assim, redes sociais é uma questão... não acho que eu sou uma pessoa tão ruim ou ausente

assim, mas eu não gosto muito. Me incomoda... gosto e não gosto, ao mesmo tempo. É um jeito de se conectar. E aí tem os projetos... Como projeto, não necessariamente com meu nome, aí tem... tem o Roleta *Drag*, que é esse espetáculo que a gente criou durante a pandemia. É pensado para fazer em bares, é pensado para ser presencial, mas enquanto a gente não consegue, a gente está fazendo on-line. A gente fez um ao vivo, cada um na sua casa, depois a gente conseguiu grana para gravar, duas diárias, com teste de COVID e tudo mais. E hoje a gente vai fazer o *after*, que vai ser uma live para falar da equipe, memorar. E fazer uma roleta ao vivo, né? No improviso total. E aí tem o Brilhe também, que teve uma adesão muito maior do que a gente esperava. Parecia que só fazia sentido na minha cabeça e, de repente, teve muita gente na primeira edição, foi muito potente, todo mundo viu sentido. A gente trouxe muito essa energia ((com o evento Brilhe)), de que você não precisa ser *drag* para começar.

Pq - E como é que todas as suas produções se relacionam com a não binariedade? Ou com a sua identidade, vamos colocar assim.

En1 - Diretamente talvez não tenha relação com a não binariedade, os meus conteúdos. Mas de alguma forma tem. Eu vejo muito que pessoas trans ((gêneras))... e aí é um achismo, é a minha vivência disso, né? A *drag*, por exemplo, leva muitas pessoas a se descobrirem trans ((gêneras)), porque você brinca com o gênero... não quer dizer que todo mundo que faz *drag* tem uma questão trans ((gênera)) e não é que toda pessoa trans ((gênera)) que passa pela *drag*, mas eu acho que ajuda muito. E conviver com pessoas trans ((gênera)) te ajuda muito em qualquer coisa. Conviver com pessoas que têm o mesmo interesse, ou aquela mesma vivência te motiva muito. Eu vejo que pra mim foi muito assim... nesses projetos, por exemplo o Roleta *Drag* e tem uma pessoa que é uma mulher trans ((gênera)), que já se identificava como uma mulher trans ((gênera)). E somos quatro, né? Tem eu, que comecei a me identificar como uma pessoa não binária antes do Roleta ((*Drag*)), mas não há muito tempo também, e tem outras duas pessoas que começaram a se identificar como pessoas não binárias durante ((o projeto)). Eu vejo que eu, a minha vivência, e a vivência da mulher trans ((gênera)), que faz a coisa com a gente, teve muito a ver com isso ((estar com outras pessoas não binárias e transgêneras)). E bastante a minha, de trazer essa coisa da não binariedade, e do Brilhe também... teve uma pessoa entrou na equipe, que se considerava uma mulher cis ((gênera)) e também com a vivência, a gente já estava se falando pra outras coisas, e entrou na equipe... e teve essa puta vivência e aí eu sinto que eu fiz muito partir da vivência da pessoa pra se entender pessoa não binária... Então eu acho que você vê pessoas sendo não binárias

e sendo pessoas normais ((faz sinal de aspas com as mãos)), produzindo um negócio, sendo artista, ou sendo uma pessoa não binária e sendo... eu me visto com estereótipos femininos e não necessariamente eu sou uma mulher, ou o contrário, uma pessoa que se veste com os estereótipos masculinos, mas não é um homem... Então eu acho que as pessoas se sentem mais à vontade. Então diretamente não necessariamente, mas eu vejo que esses projetos contribuíram muito para o entendimento de gênero de algumas pessoas, com certeza.

Pq - E sobre a recepção das pessoas... Você acha que foi através de algum tipo de postagem ou algo nas redes sociais que as pessoas se aproximaram? Isso que você estava comentando, das pessoas acabarem entendendo um pouco mais da identidade delas ao entenderem que você se identificava enquanto não binária... Você acha que foi através de uma publicação que as pessoas identificaram, nas redes sociais, ou mais através de um contato pessoal?

En1 - Eu acho que mais através de contato pessoal. Eu também tive esse processo, né? De ver pessoas trans ((gêneras)) e através da simples existência delas, me entender. Então é muito mágico e maravilhoso ver que eu estou suscitando isso nas outras pessoas. É muito legal ver que eu estou me colocando de uma forma muito segura. Quer dizer, não só sou como estou fazendo outras pessoas se questionarem também. Isso é muito incrível. E aí eu acho que isso acontece forma mais pessoal mesmo, pessoas que eu já conversava sabe? Eu tenho conversado muito durante a pandemia com as pessoas. Um pouco vem do fato de que eu me sinto um pouco sozinha em casa... agora tem pessoas que eu consigo conversar mais, que moram comigo, mas antes tinha menos assim... eu não conseguia muito conversar com as pessoas aqui em casa, tinha um abismo entre as vivências... E aí eu me joguei no on-line, de passar três horas conversando com as pessoas... De mandar áudio de 20 minutos no WhatsApp. Eu tenho conversado com muitas pessoas, não são poucas pessoas... há um ano, assim, tipo, várias, várias mesmo. Me entender como pessoa não binária fez muita coisa ficar mais fácil. Eu acho que até nisso, sabe, eu sou uma pessoa tímida, mas muito menos depois disso. Eu consigo me colocar, eu consigo falar com as pessoas, antes eu não falava tanto, não expunha, e agora eu tenho muitas coisas a dizer... eu:: ... gente, como que eu tenho tantas coisas a dizer? De onde vieram essas coisas? E compartilhar... eu tenho vontade de compartilhar, minhas angústias, minhas vivências, tudo, com as pessoas. Então eu tenho feito muito isso.

Pq - Então acaba sendo mais por áudio ou diretamente, com a pessoa?

En1 - É. Muitos áudios. Têm algumas pessoas bem emblemáticas. A pessoa que criou o Brilhe comigo, que é a minha professora de circo, que é uma pessoa não binária também. Ela já se entendia como pessoa não binária, mas eu introduzi a questão dos pronomes. E antes da gente fazer o Brilhe, antes da gente começar esses projetos todos, a gente teve uma coisa muito intensa, de se mandar áudios de 20 minutos numa boa. Tem algumas pessoas que eu tenho essa troca bem intensa. Essa pessoa que foi muito importante pra mim, que eu fiz um curso... com essa pessoa que se descobriu não binária a pouco tempo... Foi assim: eu estava começando a me identificar com uma pessoa não binária, e era um curso feminista, e eu falei: ... mas assim, eu me identifico como pessoa não binária e o que vocês acham? E aí foram pessoas muito receptivas comigo, o que foi muito importante pra mim na época, e eu lembro que eu falei muito isso, o quanto foi importante pra mim as pessoas me reconhecerem dessa forma e tal. Eu estava bem no comecinho, e aí a gente continua se falando. E aí com o Brilhe, tivemos muito mais contato porque a pessoa entrou na equipe e no fim a pessoa também se identificou com uma pessoa não binária. Algo que na época não passava pela cabeça né? Então eu acho que acaba criando uma rede uma rede mesmo, uma coisa puxa a outra. E, é isso.

Pq - Entendi, muito legal. Eu quero só perguntar, você teve alguma recepção negativa, alguma coisa negativa que as pessoas falaram na internet ou em outros lugares?

En1 - Tive, mas não necessariamente foi por isso. O mundo *drag*, ele é meio escroto, não tem uma palavra melhor, tem muita fofoca, tem muita inveja, tem muita coisa muito chata. Em 2019 houve mentiras, cancelamentos, coisas assim... eu acho que também toda essa coisa do gênero, essa libertação toda, foi bem importante pra mim. Foi muito difícil porque veio logo depois dessa situação. Eu estava muito mal, mas ao mesmo tempo foi o que me libertou. Eu vi que não importava é isso aí, vi que eu estava vivendo outras coisas. O que aconteceu foi: essa pessoa acabou meus pulsando de... uma coisa boba... foi tipo um concurso que eu participei, e aí eu falei que era não binário e ela acabou me expulsando, e foi bem chato. Na época me fez muito mal porque eu estava ali tentando me autoafirmar com uma pessoa não binário e vem alguém e fala não, você não é... e você fica... ta, e aí, o que que eu faço com isso agora? Por mais que eu soubesse que veio de um lugar de ódio, veio de um lugar de pessoas que queriam me atingir, que isso não era verdadeiro, me fez muito mal. Mas com essa coisa da pandemia, de eu estar em casa, escolhendo com quem eu falo, estar mais protegido... acho que eu vou viver mais isso depois, na vida real, né?

Pq - Na vida vivida, né?

En1 - É...

ENTREVISTA 2

Nome: Ma Cury Reis. Idade: 33 anos. Pronomes de preferência: Ele/dele. Formação: Letras-tradução. Atuação: Tradutor, dublador e ator. Redes sociais mencionadas: Instagram, Twitch, Youtube. O que posta: Tem um programa no estilo entrevistas chamado Ma&Prosa que fala sobre assuntos diversos na Twitch. No Instagram divulga o Má&Prosa e produz conteúdo sobre si mesmo, tendo salvado *stories* sobre não binariedade.

Pq - Obrigado por ter concordado em participar das entrevistas. A ideia é que você fale muito mais do que eu, então tem algumas perguntas aqui, mas eu quero só lançar tópicos e que você vá falando. Pode também desviar do assunto, não se preocupe com isso. Bom, isso tudo porque o trabalho tem um foco muito em autorrepresentação. No trabalho, tem essa ideia de deixar as pessoas contarem quem elas são. Então eu queria que você se apresentasse, como você quiser.

En2 - Bom, eu costumo me apresentar no canal como um dissidente do sistema cis-hetero-normativo, que é algo parecido com que o ((Paul)) Preciado fala, né? Dissidente do sistema sexo-gênero... porque eu acho que faz sentido, eu gosto de ser dissidente. Eu me encontrei nessa dissidência. Mas... sei lá, é difícil, né? Eu sempre pergunto quem são as pessoas, mas é difícil falar quem a gente é. Eu sou um monte de coisas e dependendo da situação, eu me apresento de uma forma ou de outra. Então eu sou uma pessoa que está sempre tentando se reinventar, ou que pelo menos não tem medo de encontrar perrengues na frente quando está tentando se encontrar. Eu acho que é mais isso até do que se reinventar ou se reencontrar. Toda vez que eu me vejo na situação que eu preciso superar alguma coisa, seja o que for... seja grande, seja... real para todo mundo, ou alguma coisa que está só na minha cabeça, eu não tenho esse receio, do que eu vou enfrentar. Eu vou e enfrento. Não quer dizer que seja fácil, às vezes é bem difícil, hahaha... acho que é isso. É a definição que eu tenho usado hoje.

Pq - E quais pronomes você prefere?

En2 - Masculinos. Ele e dele.

Pq - Certo. E o que você faz? Qual o seu trabalho ou o que você faz da vida?

En2 - Ah, eu faço coisa pra caramba. Eu sou de gêmeos... hahaha... então tenho mil focos diferentes na vida. Eu sou tradutor de formação, eu sou ator por formação, trabalho com tradução para dublagem já faz quase 15 anos. E nesse tempo que eu entrei no mundo da dublagem, quer

dizer, foi em 2006 que comecei a trabalhar com isso, mas eu sempre quis ser ator, desde criança. Desde que tinha uns oito anos eu queria fazer teatro, e isso veio muito de uma peça que eu assisti chamava Buster e o Enigma do Minotauro. Assisti na FIESP em 1900 e lá vai porrada, hahaha, faz muito tempo hahaha... eu não lembro nada da peça, mas eu lembro da sensação que ela me deu. Que era uma sensação de que a hora que eu entrei lá eu era uma pessoa e a hora que eu saí, era uma outra pessoa já. Que ela tinha me transformado de alguma maneira... então era isso que eu queria fazer da vida: queria estar no palco e fazer isso nas pessoas, entende? Essa sensação. Mas desde que eu tinha 8 anos, eu já tinha plena consciência que ser ator nesse país era uma coisa muito difícil... então é isso, direcionei minha vida para outras coisas e fiz o teatro como um segundo caminho e não como caminho principal. Foi o que eu fiz, então. Eu tinha muitos interesses... Eu queria fazer Educação Física... viu, sempre focado em dinheiro... tá aí coisas que eu não ia ganhar dinheiro nunca, hahaha... mas aí eu não fiz educação física porque eu descobri, no segundo colegial, que teria que mexer com corpo os mortos e aí eu achei melhor não. Pensei melhor e fui fazer letras, focado em tradução. No primeiro ano já comecei a trabalhar. Gostei. Eu gosto. É um trampo que me traz coisas novas sempre, cada programa que eu vou traduzir aprendo uma coisa nova. Então não é repetitivo em nada. A hora que eu vim para São Paulo, que eu me formei em 2011, aí eu fui fazer teatro. Fiz no Macunaíma... três anos e meio, praticamente outra faculdade, né? E de lá eu já comecei a trabalhar como dublador, que não era uma coisa que eu tinha em mente, mas como eu já estava no meio pensei por que não, né? Uma hora área da atuação que paga relativamente bem a dublagem então pensei... vamos na dublagem. Só que eu era ruim, muito ruim, hahaha... e aí eu comecei... assim... é duro quando você já está muito tempo em uma profissão e você faz bem e de repente você entra em outra que você é péssimo... era essa situação, eu não tinha a menor ideia do que eu estava fazendo, achava que eu nunca ia conseguir melhorar. Mas desde lá as coisas vêm melhorando.

Pq - Precisa de bastante coragem, né? Para entrar em algo novo.

En2 - É, mas é que eu não mudei, né? Eu não larguei o que eu fazia, né? Então eu acho que não precisa de tanta coragem. Eu tinha uma coisa me segurando. Então hoje sou tradutor, ator de teatro, da Cia Dom Caixote, sou dublador e tenho um canal de entrevista que é o Ma&Prosa, que é um hobby, mas que é uma coisa que eu gosto muito de fazer. Eu não sei aonde vai chegar, mas eu quero que ele continue para ver onde vai chegar. Acho que tem muita coisa pela frente ainda.

Pq - Eu vou te perguntar mais sobre isso, mas antes eu queria te perguntar sobre a não binariedade, se você lembra o primeiro momento que você entrou em contato com essa palavra.

En2 - Lembro. Antes da não binariedade eu entrei em contato com gênero fluído. Eu estava fazendo um programa, estava traduzindo, e aí eu tive que pesquisar, apareceu *genderfluid*. Eu já tinha ouvido falar, mas o que era isso eu não fazia a menor ideia... Eu não tinha nunca parado para pesquisar. Então naquele momento eu precisei pesquisar e a hora que eu pesquisei o que era, bateu, sabe? Me pareceu que fez sentido ali. Não era 100%... eu achava que era isso, achei que podia ser isso que explicava tudo que sempre aconteceu de esquisito na minha vida, de desencaixe... aconteceu a vida inteira esse desencaixe. Eu não era. Mas era difícil não ser. Ao mesmo tempo, as pessoas vendiam uma ideia de que trans ((gênero)) era quem odiava o próprio corpo, quem tinha nascido próprio corpo errado. Eu nunca tive problema com meu corpo, quer dizer, todo mundo tem problema como o corpo, mas não era uma coisa que me incomodava, ou que eu achasse que eu tinha que ter nascido com, sei lá, um pinto... nunca foi minha questão... mas não tinha encaixe. Eu passei a vida tentando entrar numa definição de mulher e aprendendo a ser mulher... parecia muito uma construção de personagem igual do teatro mesmo... muito mais isso do que uma coisa inata. E é uma coisa que para as pessoas era muito mais simples, ela só eram... E eu tinha que me esforçar muito para ser. Então eu descobri essa palavra... quase que na mesma semana que eu descobri essa palavra, digo, gênero-fluído... essas duas palavras... eu fui convidado por um amigo para fazer parte de um curso de narrativa *queer* gratuito que tinha... me esqueci do nome do lugar... Era um espaço cultural que tem ali no centro....

Pq - Isso deve ter sido incrível.

En2 – Fo::i... fo::i... eu conhecia... Funarte lembrei ((ênfase na voz)). Eu tinha ido ver uma peça lá em 2011, lá na Funarte. E eu fazia o Teatro Macunaíma ali do lado também. Era do lado da casa do meu amigo. Falei vou... e ali só tinha ele que eu conhecia, eu não conhecia absolutamente ninguém mais. E eu me senti seguro para me apresentar como o gênero fluído, que eu tinha lido no Wikipédia o que era, eu não tinha menor ideia de fato, mas eu achei que era preciso me jogar nisso. Foi o que eu te falei, não tenho medo de descobrir as coisas. Tanto que eu lembro bem. Meu amigo estava do meu lado, o Pedro, meu amigo, e eu falei assim... ah, então eu sou Marina, sou uma pessoa de gênero-fluído... e aí eu só senti a cabeça dele, assim, virando para mim, hahaha... e aí as pessoas eram muito delicadas, todo mundo ali tinha alguma coisa *queer*, todos... era um curso de

narrativa *queer*. Que eu fui porque eu gosto de escrever e na época eu tava com bloqueio muito grande, fazia meses que eu não conseguia escrever nada. Então eu fui para esse curso e eles eram tão delicados... eles não sabiam o que era gênero-fluído e não perguntavam, porque eles não queriam me ofender. E ainda bem que eles não perguntaram, porque eu não tinha a menor ideia de como explicar, hahaha... porque uma coisa é você falar... tem dias que eu acordo feminina, tem dias que eu acordo masculina... o que é isso, né? Quando a gente vai se aprofundando, os estudos de gênero... o que é isso, o que é ser feminino, o que é ser masculino? Até naquela época eu não queria aprofundar muito porque eu ainda estava muito na superfície. Eu ainda não tinha definido ainda a superfície, sabe? Nesse curso tinha uma pessoa que se apresentou como trans ((gênero)). E aí automaticamente, como ela tinha características masculinas, as pessoas começaram a chamá-la no masculino... ah, é trans ((gênero))... e aí já entenderam que era o oposto. E aí no terceiro encontro, ele se apresentou como não binário. Quer dizer foi assim: a gente tava numa palestra que era da Amara Moira ((@amoiramara)). Conhece a Amara Moira? Ela é uma escritora, é professora, é travesti, é professora de português... dá uma fuçada que acho que você vai gostar de conhecer o trampo dela. Eu também não conhecia ela, e aí ela começou a pegar informação das pessoas, e tal, e só homens falando, e ela falou:: ... tem alguma mulher aí? E essa pessoa foi e levantou a mão, e falou serve trans ((gênero)) não binário? E aí ela falou:: ... claro que serve. Na hora eu parei e falei o que é isso? E guardei na cabeça, escrevi no celular para não esquecer da palavra. E aí a hora que eu cheguei em casa fui pesquisar e falei ahh... vai muito além de gênero-fluído, muito além ((ênfase na voz)). E aí fez muito mais sentido, sabe? Aquela coisa toda. Então aquele momento eu me entendi enquanto não binário. Foi a primeira vez.

Pq - E o que significa hoje não binariedade para você?

En2 - Hoje significa a liberdade de construir o que eu quiser. Logo no começo eu me entendi enquanto bigênero, dentro do guarda-chuva da não binariedade, mas eu acho que ainda estava muito preso ao binário mesmo, sabe? Ainda para mim era muito difícil entender as diferenças do que era... além... do que vai além do feminino e masculino, sabe? Então hoje eu prefiro me identificar como não binário até, mais amplo até que bigênero, especificamente, porque eu estou construindo o que eu quiser em cima disso. E é interessante porque eu sempre fui feminista, sabe? Eu sempre entendi que as mulheres deveriam fazer o que elas quisessem de fato, e viver a vida delas como elas quisessem. Mas só depois que eu me entendi dessa maneira que eu me permiti algumas coisas que antes eu não me permitia, sabe? E isso até me incomoda um pouco...

a questão de depilação, a questão de... sei lá... mil coisas que são impostas, e que eu já era contra essa imposição, mas EU era contra sem posição, não conseguia não seguir...

Pq -Tinha algo que bloqueava...

En2 - Isso. E agora passou. Agora não bloqueia mais. Hoje, para mim, ((a não binariedade)) é um sinônimo de liberdade, mais do que qualquer outra coisa.

Pq - Legal, muito bom. E falando um pouco sobre o corpo, que você já tava entrando no assunto... existe alguma mudança que você fez, ou que você quer fazer, no seu corpo?

En2 - Isso é uma coisa que ainda é muito vaga para mim ainda. Eu não tenho receio nenhum de fazer mudanças, mas eu preciso que elas estejam muito claras na minha cabeça. Isso em tudo, tá? Então, vou e tento, mas assim... uma mudança muito drástica eu preciso ter muita certeza. Tipo, eu demorei 5 anos para fazer minha primeira tatuagem. Tipo, eu decidi a tatuagem e eu demorei 5 anos para fazer, e ela é deste tamanho... ((mostrando tamanho pequeno com os dedos)). Porque a mudança é eterna, vai? É uma mudança... não é reversível... então eu não sei... eu tive momentos que eu tive alguma certeza que eu queria sim... isso foi um pouco antes de optar por usar os pronomes masculinos. Quando eu optei por usar os pronomes masculinos, comecei a falar nisso abertamente, e as pessoas começaram a respeitar isso, passou boa parte da disforia que eu tinha. Porque eu acho que para mim vai muito além do visual em si. É o que eu tô dizendo para as pessoas. Se eu tô dizendo... me chama no masculino, se refere no masculino e a pessoa se refere a mim no masculino, eu não vejo necessidade de mudar o meu corpo, de tomar decisões muito drásticas no meu corpo para que... para ser reconhecido no que eu tô dizendo. Porque eu já estou sendo reconhecido no que eu estou dizendo. Então assim... por muito tempo, qual que era o meu maior sonho? Real? Uma bobagem. É ir à praia sem camisa, tá ligado? Então assim, vou numa praia sem camisa. É o meu corpo, que tem peito, ou é o fato de não aceitarem que eu possa ir numa praia sem camisa?

Pq - Mas não é uma bobagem, porque é o teu corpo e o que tu pode e o quê tu não pode mostrar, baseado numa convenção, né?

En2 - Exato, exato. Ou eu vou entrar em convenção, pra fazer o que eu quero, ou não vou entrar na convenção, vou bater de frente com ela ((com a convenção)) e não vou conseguir fazer o que eu quero? Então eu tô nesse meio do caminho... tenho alguns dias... alguns dias... existe uma fluidez de gênero, no fim das contas. Tem uma coisa minha, um lado meu, que de fato é gênero fluido, sim. Então tem dias que eu não me reconheço, em mim, mas é raro. É bem raro. E

normalmente é uma fluidez que vai do que eu sou, que é uma coisa que não é feminina, para o masculino extremo. Então, não é nem um fluido da mulher para o homem. É de alguma coisa que eu nem sei o que é, neutro talvez, não sei, para o masculino. Então nesses dias de extrema disforia, aí sim. Aí me dá 5 minutos, aí eu já quero sair tomando hormônio faz dois meses, três meses, um ano e meio... hahaha... mas é raro. Eu tenho curiosidade, Ju, eu tenho curiosidade de saber como eu ficaria. E ao mesmo tempo eu sou muito natureba. Eu sou homeopata. Eu não tomo remédio para nada, tomo remédio para cólica e para dor de cabeça. Então, para mim, a ideia de tomar uma injeção todos os meses, dependendo do hormônio, a cada 15 dias, 20 dias, para o resto da minha vida... e isso pode afetar minha saúde, de fato, me incomoda. O resultado não me incomodaria, mas o ato e o risco me incomodam.

Pq - Sim você tava falando um pouquinho sobre os pronomes e sobre como as pessoas, quando elas seguiam os pronomes, aliviava um pouco dessa disforia. Como você se sente? Fala um pouco mais sobre isso, sobre como as palavras têm esse efeito corporal em você.

En2 - As palavras... eu trabalho com as palavras. A tradução é um trabalho de palavras, de interpretação... então para mim tem poucas coisas que têm mais peso do que a palavra. A gente consegue, com a palavra, resumir um grupo... eu compartilhei um vídeo hoje que eu gostei muito... De uma pessoa que chama... Jeffrey ((@thejeffreymarsh))... Jeffrey alguma coisa... hahaha... é um americano não binário mais velho, tem uns 40 e poucos anos. Então já é dessa coisa... porque o pessoal fala muito dessa coisa da não binariedade associado à adolescência e coisa e tal, e meio que exclui pessoas que são um pouco mais velhas, tipo eu, de se encontrar nisso. E fala justamente sobre o vídeo fala sobre os rótulos, a importância dos rótulos. Para quem nunca se identificou com nada, para quem nunca se encaixou em nada, de repente encontrar uma palavra na qual você se encaixa, isso é bom. Tem gente que não precisa disso, eu preciso disso. Eu preciso. Eu preciso não me sentir deslocado do resto do mundo inteiro. Uma coisa é você não ser igual a todo mundo, outra coisa é você não ser igual em nada...

Pq - Não ser igual a ninguém, né?

En2 - Não ser igual a ninguém... vem daquela ideia que se você não é igual a ninguém, tem algo errado com você. E o errado é muito ruim, né? Por que tá errado? O que que eu sinto? Que eu não sei nem explicar, que não tem nem palavra para isso. E de repente tem uma palavra, de repente tem uma definição. Tem pessoas que são iguais, que sentem a mesma coisa. Nesse sentido de igual, né? Os pronomes, eu não tinha questão nenhuma com os pronomes, não tinha mesmo. Eu

sempre falei... falava abertamente pode chamar no feminino ou no masculino e no neutro. Só quando eu fazia isso, ninguém me chamava de nada que não fosse feminino. E me incomodava? Eu achava que não.... eu achava que tava tudo bem: Pode chamar no feminino, não é uma questão, tá tudo certo. Mas a real é que ninguém para para pensar no que você tá falando, se você não põe um tipo de desafio para as pessoas, hahaha... entende? E é isso que é foda, hahaha... se você não exige um mínimo, e no caso foi um pronome, mas podia ser qualquer coisa, se você não exige um mínimo de reconhecimento, as pessoas vão te tratar como sempre trataram... e vão te ver como uma menina... no meu caso me viam como a menina que sempre viram. E meio que ignoravam tudo que eu estava falando a respeito de gênero. Tudo... tudo. E aí eu conheci uma pessoa, quer dizer, me aproximei mais de uma pessoa que é trans ((gênero)) masculino não binário, que é o Luy Campos ((@luy.campos)). Um dublador também, muito gente boa, que foi o primeiro dublador a aparecer como trans ((gênero)), e que não teve nenhum respeito de ninguém por muito tempo. Então assim, muito do respeito que eu tenho hoje, no mercado, se deve ao Lui. Se deve a tudo que ele fez. A todo esse primeiro *approach*, né? Toda essa primeira forma de lidar com o mercado. Ele chegou em mim e falou assim:: qual o pronome você gosta? Eu falei... pode me chamar do pronome que você quiser, não tem problema... ele falou... eu sei que não tem problema. Mas qual VOCÊ gosta? Aí eu falei... eu com formação em letras eu tenho umas questões com o neutro em alguns aspectos, quer dizer, eu respeito, eu exijo, exijo, a existência no neutro, mas eu nunca senti que ele me representava. O feminino eu já estava acostumado, então eu queria tentar uma coisa nova, e falei:: ah... o masculino. E ele foi a primeira pessoa a me chamar no masculino, e eu gostei. Eu gostei muito. Aquilo me deu uma sensação de existência. Porque eu existo, mas a partir do momento em que ele me chamou assim, eu vi nele eu essa existência. Eu vi que ele respeitava essa existência. E aí eu gostei tanto que eu falei... beleza, então a partir de agora é isso. Vou falar assim pras pessoas. Vai me chamar no masculino sim. E aí é notável, dá para perceber nas pessoas a dificuldade que elas têm quando elas olham para mim, não as que me conhecem há mais tempo porque isso seria óbvio, que me conhece desde que eu nasci é óbvio que vai ter dificuldade de me chamar no masculino. Mas não, as pessoas que não me conhecem.... Elas batem o olho, vê o feminino, e aí vai referir no feminino, você fala... não, refere no masculino. E você vê a pessoa tentando... e esse TENTAR me demonstra o respeito absurdo... de todos os lados ((ênfase na fala)). De alguém que não me conhece, ou alguém que me conhece, e que está tendo que parar, olhar para

mim, ouvir que eu estou falando, e me respeitar. Então eu acho que é o maior exemplo de respeito que eu tenho hoje... é o uso do pronome masculino comigo.

Pq - Da hora. Demais.

En2 - Não sei se eu respondi a sua pergunta.

Pq - Claro. Super, estou pensando mil coisas aqui. Mas fala um pouquinho sobre... você estava contando do conteúdo que você produz, que você escreve, do Má&Prosa... quais são todos esses conteúdos que você faz?

En2 - Eu tenho mil interesse diferentes, eu gosto de aprender coisas novas, assim, adoro, sempre gostei. Então ano passado, quando começou a pandemia ((do vírus Covid-19)), surgiu no Instagram aquelas *lives*... a possibilidade de fazer uma *live* no Instagram... e eu vi um monte de gente usando aquilo para nada, para bater papo de qualquer merda. Falar... sei lá, estou cozinhando, liga o bagulho, lá e fica conversando. Pensei... nossa, isso aí tem um espaço tão legal de troca, sabe? ((ênfase na voz)) Nessa mesma época... tenho uma família imensa, né? Minha família tem gente para caramba, né? Do lado da minha mãe tem algo em torno de 30 pessoas, e do lado do meu pai, mais do que isso até. E do lado da família da minha mãe, a gente criou... uma prima, na verdade, teve a ideia, e aí juntou eu e meus três irmão para fazer, para ajudar, a gente criou o quarentina ((ênfase na voz)), um programa de entrevistas da quarentena com as pessoas de Clementina/SP, que é a cidade onde eu nasci. Então a ideia era entrevistar todas as pessoas dessa família e fazer perguntas que a gente no geral não faz. E a Helena, minha prima, ela é muito boa com isso, e foi quem teve a ideia e quem fazia as entrevistas. Ela foi muito boa nisso, ela trazia questões boas, e a primeira pergunta que ela fazia era:: ... quem é você?. Então essa foi uma coisa que eu trouxe para o Ma&Prosa, porque eu acho importante ver como a pessoa se define de fato. E ali eu vi uma troca muito legal, eu conheci parte das pessoas que eu conheço desde sempre que eu nunca tinha ouvido e isso me atraiu muito. Essa ideia me atraiu muito. E aí nesse mesmo tempo eu comecei a fazer *lives* do Instagram. A ideia inicial das *lives* do Instagram era fazer uma *live* específica sobre relacionamento abusivo, porque eu estava lidando com isso fazia... eu tive um relacionamento abusivo em 2007, e depois disso eu achei que eu tinha passado por essa situação e enterrado essa situação, até me pegar, em terapia, discutindo e vendo que eu estava caindo nas mesmas coisas. Em vários outros momentos, em várias outras relações, eu caía no mesmo comportamento que me permitiu, e eu não ponho a culpa em mim, mas que me permitia parar em relacionamentos ruins. Então tava com isso muito, muito forte na cabeça... uma amiga minha fez um podcast sobre

relacionamentos abusivos, eu acionei ela e falei: i ... vamos conversar sobre isso e fazer essa primeira *live*, tal... e foi a primeira, quer dizer, foi a primeira planejada. Só que aí a data foi mais para frente, que era quando ela podia, e eu falei ah, deixa eu preencher esse tempo aí com outras *lives*... e fiz, fiz mais algumas, sobre tradução, dublagem versus legenda, aí eu fiz sobre teatro, aí eu fiz essa *live* de relacionamento abusivo, e a recepção foi muito boa das pessoas. Isso começou a atrair outras pessoas que me adicionaram no Instagram e eu comecei a pesquisar outros temas. E aí eu fui atrás de temas que me interessavam. Eu sempre falo assim, o Ma&Prosa é um canal de entrevistas sobre os mais diversos assuntos. E a única coisa que eles têm em comum é que todos esses assuntos, eles me interessam. É a única coisa que eles têm em comum, porque tem de tudo... teve *live* sobre sexualidade... *live* sobre o trabalho... *live* sobre dublagem... *live* sobre maternidade... *live* sobre não binariedade...

Pq - Duas, né? ((o autor participou de uma live sobre não binariedade com o entrevistado meses antes)).

En2 - Três. Teve uma com a NegaPreto, ela é maravilhosa... Que foi uma pessoa que me joguei. Ta aí outra coisa que eu aprendi muito interessante, que foi meu, eu já tenho um não, sabe? A pessoa, ela não me conhece, ela não tem obrigação nenhuma de aceitar fazer uma live comigo. Eu vou perguntar, vou chamar, na pior das hipóteses ela vai falar não e tudo bem. E aí a NegaPreto foi a primeira pessoa que eu cheguei e falei assim:: meu, faz uma live comigo? Ela falou Claro! (ênfase na voz). Falei ai meu deus! (ênfase na voz). Eu não a conhecia, ela mora no Rio de Janeiro... então foi uma coisa que me fez perder o medo de abordar pessoas que eu não conhecia, enfim, pra esse tipo de coisa... e aí depois eu fiz uma *live* com o Gi Morales ((@heygi_m)), sobre gênero fluido, e depois uma com a vossa senhoria... hahaha... sobre agênero. Então foram as três até agora, mas eu pretendo fazer mais, sem dúvida.

Pq - E hoje elas acontecem no Twitch, né? Quais são os canais que você tem conteúdo?

En2 - No geral, eu uso Instagram e a Twitch mesmo. Eu fui para a Twitch porque um casal de amigos meus, que fizeram uma *live* comigo sobre bissexualidade, eles tinham um canal na Twitch e falaram assim:: olha. uma forma de monetizar suas *lives* é ir para o Twitch. Porque no Instagram não tem a menor chance de monetizar qualquer coisa, eu não tenho nem 2.000 seguidores, né? Então não vai rolar... e eu também não sei... monetização no Instagram é tipo... publi, né? Não é meu foco, né? Não é meu interesse...

Pq - É fazendo uma parceria com uma marca pelo Instagram ((a monetização))?

En2 - É... fazendo publicidade. Eu já tive, eu já brinquei de fazer uma publicidade para uma marca de uma prima minha e outra foi para Cia Dom Caixote, que eu vendo (fazendo aspas com os desdos) de graça, hahaha. Então não é o meu foco. E a Twitch eu ainda não consegui monetizar nada, porque eles têm um esquema de somar um valor para entregar, e o valor é em dólar. O Real está tão desvalorizado que para chegar nesse valor em dólar meu bem, vish, vai muito tempo ainda... mas tudo bem, sabe? Não é uma questão... a questão é uma plataforma legal... em algum momento, esse dinheirinho vai chegar por enquanto está lá ainda, sendo juntado. E tá bem desatualizado, mas a ideia é que, como as lives no Twitch ficam só dois meses, a ideia é que eu tire de lá e ponha no YouTube, mas eu não me vejo que está alimentando YouTube, não. É só para não perder o material ao longo do tempo. Eu saio colocando lá.

Pq - Então o YouTube não faz sentido para você?

En2 - Não porque está tão saturado... eu precisaria dedicar um tempo a isso que eu não tenho. E que eu não vou dedicar, sabe? Já é difícil hoje ter o tempo de organizar as coisas, de buscar os entrevistados, de parar... porque eu sempre estudo o tema, né? Seja do que for o assunto, antes de começar a *live*, eu vou estudar para não sair falando... merda. Ou pelo menos ter um assunto, né? Porque às vezes você tem um entrevistado que você pergunta e a pessoa te responde direto. E aí você fica... tá... e vai muito da pessoa... eu preciso sempre estudar umas coisas para ter um caminho para onde levar entrevista. Então então eu dedico tudo que eu posso à Twitch e o Instagram uso mais para atrair pessoas no geral, para conversar sobre outras coisas, para atrair para a Twitch também, para falar bobagem... eu gosto. Eu uso o Insta ((gram)) porque eu gosto, não porque eu tenho ideia de monetizar com ele.

Pq - Então pensando sobre esse conteúdo que você faz, como que ele se relaciona não binariedade?

En2 - Ah não binariedade? Eu acho que se relaciona no ponto em que, a partir do momento que eu me entendi enquanto não binário, eu me permiti ser exatamente o que eu quero ser. Então eu não fico mais ocupando meu tempo e minha cabeça com papéis que eu tenho que desempenhar. E aí me sobra mais tempo para fazer as coisas que eu quero fazer. E aí nesse esquema, eu descobri que eu gostaria muito, e era uma forma muito boa de aprender as coisas, fazer essas entrevistas. Então eu acho que se eu não estivesse no momento que eu estava de autoconhecimento, tranquilidade com relação a mim mesmo, eu não teria aberto um canal para conversar sobre as coisas. É nesse ponto que eu acho que converge.

Pq - Bom, eu sei que você fala de vários assuntos, não só gênero e orientação sexual, mas como as pessoas que estão questionando gênero ou que se entendem enquanto não binário... como essas pessoas respondem aos conteúdos que você coloca nas redes, considerando que elas veem você com uma pessoa que se identifica como não binário?

En2 - Varia muito da pessoa... tem muita gente que segue no Instagram principalmente, mais que na Twitch, me segue por causa da não binaridade e se identifica com que eu estou apresentando ali e tá sempre curtindo, participando... eu faço enquete, as pessoas respondem, tem sempre as figurinhas carimbadas ali para isso. Mas quem mais me aborda para falar do assunto são pessoas cis ((gêneras)). São pessoas que querem entender o que é. O meu espaço, ele é muito seguro para mim, então poucas vezes eu saí dele para sair para discutir não binaridade, sabe? Fui para águas desconhecidas, vulgo Instagrams aleatórios... para discutir a questão da não binariedade. E das poucas vezes que eu fui, algumas vezes eu fui recebido de forma bastante violenta. Então eu gosto de transformar o meu espaço num espaço que seja seguro não só para mim, mas para todo mundo. Eu acho que as pessoas sentem isso. Por isso que se aproxima. E os cis ((gênero)) também. Por isso que eles se aproximam. E eu não acho que as pessoas têm obrigação de explicar as coisas. Cada um vai na sua, cada um tem seu jeito. Mas eu gosto de explicar. Eu acho que isso ajuda... eu acho que a gente sabe quando as pessoas estão perguntando para saber e quando estão perguntando só para ser babaca. E é raríssimo eu lidar com alguém que tá sendo babaca. Tem gente que não sabe fazer a pergunta, que faz a pergunta de uma forma extremamente transfóbica, mas você vê que a pessoa não sabe o que ela tá perguntando de fato. Ela está tentando fazer um negócio, mas não consegue. Então para esse tipo de coisa eu lido na maior tranquilidade. Não todo dia, né? Tem dia que eu não estou com saco, mas geralmente eu vou, converso, explico. Então é isso, eu acabo vejo como um espaço de informação e um espaço seguro.

Pq - Certo. Então as pessoas que se aproximam são mais as pessoas cisgêneras que estão tentando entender um pouco mais de um universo que não conhecem. Não tem uma aproximação de pessoas que estão tentando se entender enquanto dissidentes, como você?

En2 - Tem uma aproximação, mas é uma aproximação que vem mais a concordância. Ela vem mais no:: ... legal isso me representa. No:: ... Ah, isso mesmo... raramente são pessoas que estão questionando coisas para mim. Elas não questionam coisas para mim, no máximo elas trazem... ah, eu tinha essa dúvida, eu sentia isso, e agora eu vejo alguém que assim... então eu vejo

mais uma identificação. Mas quem me procura para perguntar, para tirar dúvida, no geral, são pessoas cis ((gêneras)).

Pq - E você sente pressão de postar conteúdo sobre gênero? Ou ter uma frequência de postagens?

En2 - Pressão de postar? Não, não sinto. Eu gosto, na real. Agora, ter uma frequência de postagens? Eu já senti mais essa pressão em um momento em que eu quis que a conta decolasse. Hoje eu não ligo muito, hahaha. Percebi que não vai decolar desse jeito se eu não tiver uma frequência de postagens que eu não tenho tempo para postar. Eu literalmente tenho mais coisas para fazer da minha vida, então parou de ser uma pressão, sabe? Aí ficou mais divertido, inclusive, falar sobre isso.

Pq - Entendi. Legal. Eu tô chegando no final, mas eu queria perguntar um pouco sobre que tipo de recepção negativa você já teve sobre esses conteúdos.

En2 - Eu já vi gente debochando coisas pelas minhas costas... hahaha... gente falando de coisas que eu tinha falado e debochando... um pouco. Mas ao mesmo tempo era uma coisa assim, não era um deboche acabando comigo, era pessoas zoando o rolê, porque não entende mesmo disso. Gente da família, eu digo. Mas tirando isso, dentro da minha área segura, que é: o meu Instagram, a Twitch e a minha família, mesmo, tirando essa questão específica, não teve uma coisa negativa. Trazer esses assuntos fez com que algumas pessoas olhassem, quem mais me conhece, olhasse e falasse... nossa eu não entendi direito, mas faz todo sentido para você, porque eu sempre conheci, faz todo sentido... pessoas tipo assim, primos, meu ex-marido, sabe? Esse tipo de gente que eu falei me trata no masculino... e a partir do momento que eu falei as pessoas trataram. Esse tipo de recepção muito louca... foi pelo Instagram que eu falei disso a primeira vez, e foi porque eu falei disso a primeira vez que eu pude discutir essa questão com os meus pais, com a minha mãe principalmente, com o meu pai ele não fala muito, hahaha... mas com a minha mãe. Então... para a minha mãe ainda é muito difícil lidar com a questão do masculino e feminino, com a ideia de que eu não me reconheço enquanto mulher, para ela isso é muito difícil. Mas o mais difícil para ela é o receio que ela tem de eu tomar hormônio, fazer uma modificação corporal mais séria, então... a grande questão é essa. Meu pai eu realmente não tenho a menor ideia, às vezes parece que tudo bem, às vezes não, hahaha... então eu não sei, ele não fala muito. Mas ainda assim deles vem uma recepção boa, um negócio que é de respeito muito grande, que tem a ver com a forma como a minha família é. Então eu sei... eu sempre soube, por isso que eu falei abertamente disso no Instagram,

eu sempre soube que seria tranquilo nesse sentido de recepção, mesmo que não tivesse uma compreensão imediata. Eu sabia que com o tempo as coisas iriam se encaixar. Eu tenho plena consciência disso e sempre tive isso, e isso obviamente e facilita minha vida na hora de lidar com esses assuntos. Mas já saí do meu Insta ((gram)), né? No ano passado teve o dia da não binaridade, que a gente fala especificamente da não binaridade. Não lembro o dia agora, mas teve isso. E teve uma matéria de um jornal falando... e eles puseram uma foto bem legal. Mas aí os comentários embaixo... tinha de tudo, de tudo que você pode imaginar, do mais bizarro ao mais escroto, assim. E aí apareceu uma pessoa comentando falando alguma bobagem... não, não foi isso... alguém falou assim:: ... mas eu não entendi... e aí eu expliquei embaixo... e aí veio um monte de comentário transfóbico pesado... pesado. Que me pegou de calça curta. É óbvio que quando você fala alguma coisa num espaço aberto pode ter de tudo, mas me pegou desprevenido. Eu não estava esperando, sabe? E me derrubou. Me derrubou legal... assim... legal. Eu lembro a última vez que eu tinha sentido algo do tipo, foi em 2011, quando teve a votação pela união estável homoafetiva que teve uma discussão muito grande em cima disso... eles ficaram horas discutindo em cima daquilo, quer dizer, foram dias de discussão até chegar no dia da votação. No dia da votação eu tinha Twitter, e aí eu tava no Twitter e tal, e aí apareceu um cara falando o quanto isso seria terrível, que ia destruir as famílias, porque Deus não sei o quê, aquela coisa horrorosa, né? E estamos aí, dez anos depois e nenhuma família foi destruída por causa disso, mas enfim... e ele ficou discutindo comigo e eu putaço. Eu tava muito puto com a postura do cara. Até a hora que ele falou, como que era... acho que... acho uma pena uma mulher linda feito você, ser sapatão... E aí eu falei assim:: ... mas eu não sou sapatão... e aí ele falou assim:: ... ah, que bom, então, olha só, um desperdício a menos... e aí eu fiquei muito puto. Aquilo me desrespeitou num nível fora de propósito, sabe? Foi essa sensação que eu tive com a transfobia porque foi a primeira... o primeiro ataque transfóbico que eu tive, né? Mesmo que virtual, mesmo que online. Então... é uma bobagem, né? É um mínimo. Perto de toda a parte positiva que teve, né? Eu guardo isso, essa informação, de que eu tenho que tomar cuidado onde eu piso e me preparar para espaços que eu não conheço. Me preparar psicologicamente para isso. Mas se for comparar com tudo de bom que veio dessa saída do armário, desse entendimento, não tem nem comparação, nem comparação...

Pq - A balança pesa mais para o lado positivo, né?

En2 - A balança só vai para o lado positivo. A balança tem outro lado, tem uma coisinha ridícula, mas pra qual eu tenho que estar atento de qualquer forma. Que às vezes a gente esquece

disso. A gente não pode. LGBT não pode esquecer que está sempre com um alvo. Como alvo. Por mais que às vezes esqueça, por mais que não pareça... eu tenho todos os privilégios do mundo. Todos, todos os privilégios do mundo... ainda assim, eu estou com um alvo. Então tem que estar sempre lembrando disso para evitar... para evitar violência, para evitar de cair onde não deve e se ferrar numa dessa. Acho que é isso... esqueci até a pergunta!

Pq - Não esqueceu. Era isso, era isso...